

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROREITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

EVELINE MOURÃO DE ARAÚJO

TRANSMISSÃO DA PSICANÁLISE E UNIVERSIDADE: A FORMULAÇÃO DE UM SABER MEDIANTE O
DISPOSITIVO DO ENSINANTE DE LACAN

FORTALEZA
2009

"Lecturis salutem"

Ficha Catalográfica elaborada por
Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593
tregina@ufc.br
Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

A688t

Araújo, Eveline Mourão de.

Transmissão da psicanálise e universidade [manuscrito] : a formulação de um saber mediante o dispositivo do ensinante de Lacan / por Eveline Mourão de Araújo. – 2009.

111f. : il. ; 31 cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Dissertação(Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza (CE), 14/08/2009.

Orientação: Profª. Drª. Roseane de Freitas Nicolau.

Inclui bibliografia.

1-PSICANÁLISE – ESTUDO E ENSINO(SUPERIOR).

2-LACAN, JACQUES, 1901-1981.

3-FREUD, SIGMUND, 1856-1939. 4-PSICOLOGIA – ESTUDO E ENSINO(SUPERIOR) – FORTALEZA(CE). I- Nicolau, Roseane de Freitas, orientador. II-Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III-Título.

CDD(22ª ed.) 150.1950711

89/09

EVELINE MOURÃO DE ARAÚJO

TRANSMISSÃO DA PSICANÁLISE E UNIVERSIDADE: A FORMULAÇÃO DE UM
SABER MEDIANTE O DISPOSITIVO DO ENSINANTE DE LACAN

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração:
Psicanálise, Práticas Clínicas e Epistemologia das Psicologias.

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Roseane de Freitas Nicolau

EVELINE MOURÃO DE ARAÚJO

TRANSMISSÃO DA PSICANÁLISE E UNIVERSIDADE: A FORMULAÇÃO DE UM
SABER MEDIANTE O DISPOSITIVO DO ENSINANTE DE LACAN

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Mestrado da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Área de concentração em Psicanálise, Práticas Clínicas e Epistemologia das Psicologias.

Aprovada em: ____/____/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Roseane de Freitas Nicolau (Orientadora)
Universidade Federal do Pará

Prof.^a Dr.^a Sonia Alberti
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Laéria Bezerra Fontenele
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Ricardo Lincon Laranjeira Barrocas (Suplente)
Universidade Federal do Ceará

Aos meus amores: Melissa, Thiago, Lara e Alexandre

AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos pais, Francisco e Maria, que dedicaram suas vidas a educar com amor seus três filhos.

Aos meus amados irmãos, Marcos Venícius e Wagner, os quais, cada um a sua maneira, incentivam meus projetos.

As minhas amigas e irmãs-postiças, Adele e Rosa Amélia, que sempre me incentivaram por amor.

Aos meus queridos amigos e familiares, que respeitaram e toleraram minhas inúmeras ausências de encontros, passeios e viagens.

À Magaly Mendes, por sua preciosa escuta e acolhimento.

Aos meus amigos e ex-colegas do Suposto – Associação Psicanalítica, principalmente a Antônia Pinto Camargo, Grace Simões e Mardônio Coelho.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Roseane Freitas Nicolau, por sua disponibilidade, dedicação, valiosa orientação, apoio e carinho, que me dedicou em todos os momentos do Mestrado.

Aos meus colegas de Mestrado em Psicologia pelo incentivo em persistir com meu trabalho, em especial a Silvia Facó Amoedo que, nesta jornada, me presenteou com sua amizade.

Aos professores do Mestrado em Psicologia, principalmente à Prof.^a Dr.^a Laéria Bezerra Fontenele, por sua disponibilidade, valiosas críticas e sugestões sobre meu trabalho de pesquisa, sobretudo no Exame de Conhecimento Geral.

Ao Prof. Dr. Ricardo Lincon Laranjeira Barrocas, por sua disponibilidade em me supervisionar na Disciplina de Prática de Ensino e pelo carinho e incentivo que sempre me dirigiu durante esta longa jornada.

À Prof.^a Dr.^a Sonia Alberti, por sua disponibilidade, consideráveis observações e louváveis sugestões realizadas no Exame de Conhecimento Geral.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio, sem a qual este trabalho não poderia ter sido realizado.

“Da análise, há uma coisa que deve prevalecer, é que há um saber que se retira do próprio sujeito [...] É o tropeço, da ação fracassada, do sonho, do trabalho do analisante que esse saber resulta. Esse saber que não é suposto, ele é saber, saber caduco, migalhas de saber, sobremigalhas de saber. É isso o inconsciente.” Lacan (1971-1972).

RESUMO

Esta dissertação constitui pesquisa de cunho bibliográfico, cujo objetivo foi de uma discussão teórica em Freud e Lacan sobre o que caracteriza a transmissão da Psicanálise na universidade e, conseqüentemente, contextualizar como o psicanalista contribui com o ensino da teoria psicanalítica na academia brasileira, especificamente nos cursos de graduação em Psicologia. Este trabalho trata das questões relacionadas à transmissão da Psicanálise nos cursos de Psicologia e na supervisão clínica. Nesta perspectiva de trabalho, acredita-se que possa haver a formulação de um saber em que o psicanalista no manejo da transferência, estabeleça uma subversão dos discursos presentes no âmbito da universidade (*discurso do mestre, da histórica, do analista e do universitário*), advertido de seu lugar de *semblante* de quem “tudo sabe” e da falta no *outro / Outro*. Para isso, aponta que a transmissão a ser realizada na supervisão clínica seja semelhante à transmissão de um saber “não-todo” mediante o dispositivo do *ensinante* proposto por Lacan no ensino na *École Freudienne de Paris* (EFP). Para isso, então retoma alguns momentos importantes que refletem os impasses de Freud quanto à inserção da Psicanálise na universidade e os mal-entendidos surgidos sobre o lugar de formação do psicanalista discutidos pelo grande mestre em determinados textos. Faz um percurso sobre as influências teóricas que influenciaram tanto Freud quanto Lacan e o que representou para cada um a possibilidade de transmissão psicanalítica dentro e fora das instituições de Psicanálise, como na universidade. Descreve como Lacan avançou na teoria, no que diz respeito ao ensino, resultado de seu retorno à obra freudiana favorecendo a elaboração da teoria dos quatro discursos e, posteriormente, o manejo do dispositivo do *ensinante* pelo psicanalista / supervisor na supervisão por intermédio do *discurso da histórica*.

Palavras-chave: Psicanálise, universidade, transmissão e os quatro discursos de Lacan.

ABSTRACT

This dissertation is a bibliography-based study, which aims at promoting a theoretical arguing between Freud and Lacan on how Psychoanalysis is taught at the University. As consequence, the study provides a context of Psychoanalytic theory teaching in Brazilian academy, specifically in Psychology graduation courses. The research approaches to issues on psychoanalysis teaching in Psychology courses and within clinical supervision. In such perspective, there can be the formulation of a knowledge based on which psychoanalyst can establish a subversion of University discourses (student's, professor's, hysterics', analyst's), being aware of his/her semblance of someone who knows everything and conscientious of the Other's absence. For that, the research highlights that knowledge transmission carried out within clinical supervision should be similar to the transmission of a "not all" knowledge, by means of Lacan's "teacher" device for *Ecole Freudienne de Paris* (EFP). Nonetheless, the study retakes some important periods that reflect Freud's irresoluteness in the concerning to Psychoanalysis insertion at academic environment, and to the misunderstandings raised on the right place to psychoanalyst's instruction, which Freud argued in some texts. It provides the thread of theoretical bases that influenced both Freud and Lacan, and what the possibility for psychoanalytic transmission inside and out Psychoanalysis institutions, as well as at the University, represented for each of them. It describes how Lacan advanced within theory in the related to teaching, as a result of his return to Freudian work, which triggered the *Four Discourses Theory* elaboration and, later, it made possible to handle "teacher" device by psychoanalyst during teaching, using hysterics' discourse.

Key Words: Psychoanalysis; University; Transmission and Lacan's four discourses.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 10
1 A PSICANÁLISE E OS CURSOS DE PSICOLOGIA NO BRASIL	p. 18
1.1 A inserção da Psicanálise nas faculdades de Psicologia	p. 19
1.2 O saber da Psicanálise e seu modo particular de transmissão	p. 28
1.3 O psicanalista nas faculdades de Psicologia em Fortaleza nos dias atuais	p. 34
1.4 Os mal-entendidos quanto à formação do psicanalista	p. 37
2 FREUD, A PSICANÁLISE E A UNIVERSIDADE: DEFINIÇÕES DE POSIÇÕES	p. 40
2.1 O jovem cientista na universidade	p. 40
2.2 A contribuição da Psicanálise para o meio acadêmico	p. 45
2.3 Os impasses de Freud ante a inserção da Psicanálise nas universidades	p. 48
2.4 As sociedades de Psicanálise	p. 50
3 LACAN E A TRANSMISSÃO DA PSICANÁLISE	p.55
3.1 O rompimento com a IPA	p. 62
3.2 A Escola de Lacan	p. 67
3.3 O <i>cartel</i> enquanto dispositivo da Escola	p. 71
4 POSSIBILIDADE DE TRANSMISSÃO NA UNIVERSIDADE	p. 76
4.1 Supervisão e possibilidade de subversão do saber	p. 77
4.2 O contexto do <i>Seminário – 17 O avesso da Psicanálise</i>	p. 79
4.3 A noção de discursividade em Lacan	p. 81
4.4 Os quatro discursos	p. 84
4.5 Como trabalhar com o dispositivo do <i>ensinante</i> na universidade	p. 93
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 96
REFERÊNCIAS	p. 98

INTRODUÇÃO

Esta dissertação visa à formulação de um saber em torno das relações entre Psicanálise e universidade, particularmente no que se refere à transmissão do campo inaugurado por Freud nos meios acadêmicos e à imensa contribuição trazida por Lacan com o modelo de subversão do ensino em Psicanálise, após o advento da teoria dos quatro discursos. A transmissão da Psicanálise é um tema que já rendeu inúmeras discussões, pois toca diretamente na formação do psicanalista, questão central da Psicanálise desde sua fundação, e conseqüentemente, de todo psicanalista em formação. Há cerca de onze anos atuamos como psicanalista na clínica e há quase quinze nos dedicamos à “permanente” formação em Psicanálise na cidade de Fortaleza. Já participamos como membro da instituição de Psicanálise *Suposto - Associação Psicanalítica*¹ (Suposto - AP) durante cinco anos, onde permanecemos até sua dissolução. Atualmente, reunimo-nos em atividade de grupo de estudo com outros colegas psicanalistas, com o propósito de estudar textos sobre a transmissão da Psicanálise em Freud e Lacan, tendo como horizonte fundar uma instituição de Psicanálise nos moldes da Escola de Lacan.

Em nosso percurso sempre estivemos tocados pela questão do ensino, da transmissão e da formação em Psicanálise, mas começamos a formalizar algumas reflexões quando a instituição a qual pertencíamos propôs trabalharmos com a temática da *Formação do Analista* em sua Jornada Anual, no ano de 2006. Nessa jornada, apresentamos nossa produção intitulada *A Transmissão da Psicanálise no Percurso de um Psicanalista*, na qual desenvolvemos a trajetória de nossa experiência como psicanalista, relacionada à temática da transmissão da Psicanálise em Freud e Lacan. Foram exatamente as reflexões feitas com base neste nosso escrito e a escuta atenta dos trabalhos de colegas, principalmente, os que discutiram sobre as relações entre Psicanálise e universidade, que nos suscitarão inúmeras questões em torno da presença do psicanalista na universidade e de como poderia ocorrer ali a transmissão deste saber. Perguntávamos se poderíamos pensar numa transmissão psicanalítica semelhante à realizada em instituições baseadas na proposta de ensino de Lacan.

¹ Suposto - Associação Psicanalítica: instituição de Psicanálise com referencial em Freud e Lacan, fundada em 1996 e dissolvida em 2006 na cidade de Fortaleza. Durante os dez anos de sua existência, o Suposto - AP desenvolveu significativo papel na transmissão da Psicanálise em Fortaleza, onde possibilitou a produção e a interlocução de trabalhos de muitos psicanalistas.

Por outro lado, o fato de haveremos entrado em contato com a Psicanálise pela primeira vez na universidade e de termos sido influenciada pela transferência com a teoria e com psicanalistas / professores, levou-nos a refletir sobre a importância desta transmissão que, embora não tenha nenhum caráter de formação, é a partir dela que muitos estudantes têm oportunidade de entrar em contato com a teoria psicanalítica, podendo iniciar daí seu percurso rumo à formação em Psicanálise.

Assim como nós, no percurso de muitos psicanalistas, o encontro com a Psicanálise ocorreu na universidade, como é o caso da maioria de colegas psicanalistas em nossa cidade, para quem o encontro com a Psicanálise aconteceu na faculdade de Psicologia. O fato de muitos de nós psicanalistas termos sido tocados por esse saber na universidade demonstra que alguma transmissão é possível, operando como uma abertura ao desejo de saber. Pelo menos pode inaugurar uma direção ao estudante em seu percurso, como uma aposta de que se aprenda algo da Psicanálise na universidade. Isso nos leva a pesar que há possibilidade de se constituir uma transferência de trabalho com o psicanalista / supervisor na universidade. Podemos encontrar indícios que sustentam esta idéia em Freud.

O lugar da transmissão é a própria análise do sujeito, dizia Freud em ([1915-1916], P.32) em seus primeiros escritos sobre o tema. Esta afirmação de Freud poderia nos levar a pensar que a extensão da Psicanálise a ensinamentos situados fora da formação do psicanalista, como na universidade, implicaria sua degradação, pois não haveria transmissão por meio de ensinamentos desvinculados da dimensão intensiva – dimensão esta que fundamenta a formação do psicanalista. Freud apontou as “associações psicanalíticas” como o lugar, por excelência, onde o analista se produz. Por outro lado, a pergunta aberta por ele - “Deve-se ensinar a psicanálise na universidade?” (FREUD, [1918-1919]) - inaugura a problemática de um ensino possível da Psicanálise na universidade, ao mesmo tempo em que estabelece a formação do psicanalista como efeito de uma instituição de Psicanálise.

Sobre o lugar do ensino da Psicanálise, Freud comenta:

A inclusão da psicanálise no currículo universitário deve ser sem dúvida olhada com satisfação por todo psicanalista. Ao mesmo tempo, é claro que o psicanalista pode prescindir completamente da universidade sem qualquer prejuízo para si mesmo. Por que o que ele necessita, em matéria de teoria, pode ser obtido na literatura especializada e, avançando mais ainda, nos encontros científicos das sociedades psicanalíticas, bem como no contato pessoal com os membros mais experimentados dessas sociedades. No que diz respeito à experiência prática, além do que adquire com a sua própria análise pessoal, pode consegui-la ao levar a cabo os tratamentos, uma vez que consiga supervisão e orientação de psicanalistas reconhecidos. (IBID., [1918-1919], p.217).

Nesta passagem, percebemos claramente que a inserção da Psicanálise na universidade trazia satisfação para Freud, ao mesmo tempo em que lhe causava certa preocupação. A satisfação estava relacionada à possibilidade de ter a Psicanálise no meio acadêmico, como a realização do sonho de ver a *Psicologia profunda* entre outros saberes, de fazê-la avançar na difusão da teoria e de poder contribuir na pesquisa das doenças nervosas. No que diz respeito a sua preocupação ou até mesmo pessimismo, este está diretamente ligado ao fato de a Psicanálise, por estar na universidade trazer consigo o mal-entendido de que no âmbito acadêmico possam vir a se formar psicanalistas. Para Freud estava claro qual o lugar de formação de um psicanalista: as chamadas sociedades de Psicanálise. Entretanto, não podemos deixar de apontar para o fato de que também nessas sociedades pode haver um ensino universitário.

Conforme o raciocínio freudiano, a formação do psicanalista está endereçada à instituição de Psicanálise, na qual o interessado em formar-se psicanalista ingressa no intuito de adquirir conhecimento específico da teoria psicanalítica, lugar onde, também, obterá supervisão de psicanalistas mais experientes e escolherá um de seus membros para iniciar a própria análise. Assim, desde que foram criadas por Freud, as sociedades de Psicanálise têm como função a formação de psicanalistas. A *International Psychoanalytical Association (IPA)*² foi a instituição maior que assegurava o controle da formação de psicanalistas médicos e leigos em todo o mundo. No entanto, a organização e dinâmica de funcionamento da IPA faziam parte de um modelo dogmático e hierárquico semelhante ao difundido pelo modelo acadêmico.

Relativamente à transmissão, embora Freud ([1918-1919], P. 219) acreditasse que a transmissão da Psicanálise apenas se realizaria na clínica, na própria experiência do sujeito em análise, atribuía grande importância ao fato de a Psicanálise estar na universidade. De acordo com ele, a Psicanálise tinha muito a contribuir com sua teoria psicológica do funcionamento dos conflitos psíquicos às ciências médicas. Para ele, a Psicanálise poderia ser incluída nos currículos dos cursos de Medicina e de Psiquiatria, visando, tão somente a contribuir com a difusão, nos meios acadêmicos, da *Psicologia profunda*. Ela seria inserida no espaço universitário com o intuito de introduzir alguns conceitos sobre a natureza da Psicanálise, assim como os efeitos do inconsciente presente nos sintomas, nos sonhos, nos chistes, nos atos falhos e nas doenças nervosas. Advertia, entretanto, para o fato de que o

² Associação Internacional de Psicanálise (IPA): instituição psicanalítica fundada em Nuremberg, no ano de 1910, por Freud e seu discípulo Sandor Ferenczi (ROUDINESCO & PLON, 1997, p.384).

saber alcançado por meio do ensino da teoria psicanalítica não corresponderia jamais ao saber próprio da Psicanálise presente na experiência analítica. Freud apontava ser este um saber inconsciente o qual não se transmite do mesmo modo como são transmitidos os saberes do meio científico e acadêmico e enfocava tal diferença.

Conforme o exposto, podemos dizer que, mesmo reconhecendo a natureza diversa destes diferentes lugares, Freud vislumbrou a possibilidade da inserção da Psicanálise nos cursos de Medicina, embora fosse bastante específico e contingente. De acordo com o Criador da Psicanálise, esta ocuparia um espaço definido referente a uma introdução da teoria psicanalítica, que se processaria em dois momentos: um destinado aos estudantes de Medicina e outro aos estudantes de Psiquiatria - no curso de Medicina (de conteúdo mais geral) e no curso de Psiquiatria (de teor mais específico). Ele acreditava que desta forma o estudante poderia compreender os conceitos fundamentais que o auxiliariam futuramente; ou seja, Freud aponta para o início de uma transferência de trabalho na universidade.

Para compreender como se desenvolveu a inserção da Psicanálise no meio acadêmico e a importância que esse ato teve para seu criador, assim como para o movimento psicanalítico, retomamos as discussões em Freud, para quem a preocupação com o lugar da transmissão da Psicanálise se faz presente em vários de seus textos no decorrer de toda sua obra. Nas *Conferências Introdutórias Sobre a Psicanálise* ([1915-1916], P.28), Freud adverte, aos interessados em ser psicanalistas, do fato de que não se aprende Psicanálise assistindo às suas conferências, acrescentando que, para esse fim, são necessários outros investimentos: análise pessoal, estudo teórico e supervisão com psicanalistas mais experientes. Por isso, Freud criticava impiedosamente “a análise selvagem”, realizada por alguns psicanalistas, reafirmando inúmeras vezes que a transmissão apenas se concretiza com suporte na transferência e na própria experiência de análise. Neste sentido, buscamos, por meio de nossas discussões com esses textos, compreender por qual motivo a Psicanálise não se transmite como qualquer outro saber e por que Freud fez tanta questão de sustentar um lugar para ela na academia. Estas são algumas das questões que desenvolvemos com arrimo na própria história do Criador da Psicanálise.

Por outro lado, a presença da Psicanálise da universidade é hoje um fato inquestionável e, embora Freud tenha recomendado sua presença nos cursos de Medicina, foi nos cursos de Psicologia que ela veio a se instalar da forma como ele pensou. E isso tem efeitos, pois, conforme mencionamos, aí muitos são tocados pela Psicanálise; não sem mal-entendidos relativos à formação que se instalou com sua entrada no meio acadêmico. Isso nos levou refletir sobre a inserção da Psicanálise na universidade no Brasil. A trajetória deste

saber nas universidades brasileiras não fugiu à regra do que aconteceu com sua inserção em outras culturas. Ela foi introduzida no Brasil na década de 1920 por importantes nomes da Psiquiatria brasileira. As universidades acolheram timidamente a Psicanálise nos cursos de Medicina e Psiquiatria nos anos 1920, mesma época em que foram implantadas as primeiras sociedades de Psicanálise. Nos cursos de Psicologia, a Psicanálise surgiu na década de 1950 e foi mais amplamente difundida nos anos 1970. Da década de 1980 em diante a transmissão da Psicanálise no meio acadêmico se intensificou, passando a ser realizada de formas diferentes no curso de Psicologia: no ensino da teoria psicanalítica, na supervisão dos atendimentos da Clínica-Escola e na pesquisa clínico-teórica, tanto nos cursos de graduação, quanto nos de pós-graduação.

Atualmente, nas faculdades de Psicologia, a Psicanálise se apresenta como um modelo de teoria psicológica, bem como uma abordagem clínica, onde o aluno no final do curso pode fazer estágio na Clínica-Escola, oportunidade em que realiza atendimentos clínicos sob supervisão de um psicanalista / professor. Acreditamos que em nossa experiência como acadêmica de Psicologia nos beneficiamos bastante com o trabalho de nossos psicanalistas / professores, da mesma forma como Freud e Lacan, que, conforme veremos, se beneficiaram com os seus mestres na universidade. Foram experiências que fizeram Freud elaborar a teoria do inconsciente e Lacan avançar e revolucionar a teoria psicanalítica, assim como seu modo de transmitir o saber da Psicanálise.

Vale ressaltar que o fato de a Psicanálise, desde sua inserção na cultura ocidental, ter ocupado um espaço no contexto universitário junto a outros saberes sempre proporcionou mal-entendidos no sentido de propiciar a crença de que é possível aprender Psicanálise na universidade e de que, portanto, se pode ali formar psicanalistas. Perguntamo-nos, porém, se esta não seria uma *hiância* sabiamente deixada em suspense por Freud, uma vez que estamos sempre às voltas com a transmissão da Psicanálise e de saber o que fazem os psicanalistas na universidade, o que é possível fazer e quais os benefícios que isso traz à própria Psicanálise.

Tentando constituir um saber sobre as questões relativas à formação do psicanalista e ao modo de transmissão do saber psicanalítico, retornamos à universidade como aluna do Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Iniciamos uma pesquisa bibliográfica sobre a transmissão da Psicanálise na universidade, que culminou na feitura desta dissertação. Podemos dizer que o percurso que seguimos até o momento, desde a graduação em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR), passando pela prática clínica e como membro de uma Instituição de Psicanálise, até o retorno à universidade, no Mestrado, reflete os questionamentos que temos feito ao longo destes anos sobre a

transmissão da Psicanálise nos âmbitos da universidade, da clínica e da instituição psicanalítica.

Neste ensaio, elaboramos algumas discussões com base na leitura dos textos de Freud e Lacan, bem como autores ³ que trabalham com a temática da transmissão da Psicanálise, visando a discutir os impasses que a presença da Psicanálise pode suscitar nos meios acadêmicos. Embora muitos psicanalistas ⁴ já tenham se dedicado ao tema da transmissão da Psicanálise na universidade cremos ser necessário pensar na possibilidade de forjar dispositivos que façam obstáculo aos efeitos imaginários que essa inserção pode provocar. Os trabalhos desenvolvidos por estes psicanalistas partem de suas experiências como professores na universidade e muito contribuíram para as discussões sobre o ensino da teoria psicanalítica e o papel fundamental do psicanalista nos meios acadêmicos. Pensamos ser necessário trabalhar mais detidamente com as questões relacionadas a este tema, principalmente no que diz respeito aos dispositivos que podem estar presentes nos cursos de Psicologia, assim como a transposição dos discursos e manejo do dispositivo de ensino criado por Lacan. Acreditamos que tais dispositivos devem ser devidamente aplicados e manuseados pelo psicanalista / professor principalmente na supervisão, oportunidade em que os equívocos quanto à transmissão e à formação psicanalítica se fazem mais presentes no imaginário dos alunos. Isso, por si só, justifica a importância de nossas discussões.

Com suporte nesses argumentos, formulamos a seguinte pergunta: como o saber da Psicanálise pode ser ensinado na universidade sem ferir sua “radicalidade”? A radicalidade a que nos referimos corresponde à do saber próprio da Psicanálise, presente na singularidade de cada sujeito, o discurso do sujeito do inconsciente. Diferentemente do saber científico, a Psicanálise trabalha com saber que o sujeito não sabe (inconsciente). Nela há uma forma diversa de lidar com o sujeito, com o psiquismo, com o sexo, com o corpo e as doenças. Mesmo assumindo um lugar na academia, a Psicanálise, por sua natureza, não poderia transmitir seu saber da mesma forma que o saber científico. O saber da Psicanálise se transmite na singularidade da análise de cada um.

A Psicanálise nos ensina que entre a transmissão e a recepção de uma informação ao modo de proposição existem ruídos e disparidades de interpretação, em virtude do teor equivoco da própria linguagem, que, segundo Lacan, se presta a mal-entendidos. Estes

³ Safouan (1985), Beividas (2001), Vegh (2001), Rinaldi & Marco Antônio Coutinho Jorge (2002), Sousa (2003) e Marco Antônio Coutinho Jorge (2006).

⁴ MEZAN, 1995; ALBERTI, 2000, 2002, 2004, 2006; ROSA, 2001; SANADA, 2002; OLIVEIRA & BARROS, 2003; PENNA, 2003; RIBEIRO, 2005; VIDAL, 2003; CASTRO, 2006; ESCARS, 2006; JULIBONI, 2006; LO BIANCO, 2006; SANTOS, 2006; NICOLAU & ALBERTI, 2008.

remetem ao sujeito do desejo, que, neste modo de ensino, está sustentado na alienação de seu desejo e foracluído. Se pensarmos que a transmissão em Psicanálise somente pode suceder em consonância com o surgimento de um desejo inédito, que venha acompanhado de entusiasmo - atribuído por Lacan ao desejo do psicanalista - o modo de transmissão presente no ensino tradicional é totalmente incoerente com essa possibilidade. No entanto, a universidade abre caminho para se trabalhar com a Psicanálise em *extensão*, contribuindo consideravelmente para o desenvolvimento da pesquisa em Psicanálise.

Se, entretanto, de um lado, não se formam psicanalistas na universidade, de outra parte, algum efeito de transmissão pode ocorrer, conforme sustentamos até aqui. E é Lacan quem nos ajuda a compreender essa possibilidade. Sobre as questões relacionadas à transmissão da Psicanálise, Lacan não apenas dá continuidade às ideias freudianas, como também subverte a noção de ensino, pondo a dimensão de incompletude no saber, que torna problemático, mas não impossível, o ensino da Psicanálise na universidade. A Psicanálise marca um corte decisivo no conhecimento, levando a um saber sobre o inconsciente, cuja concepção rompe com as opções positivistas de produção e transmissão, clássicas na universidade. O saber que Freud inaugura não é considerado como conhecimento no sentido tradicional da articulação entre alguém que sabe e a coisa sabida, mas um saber que toma forma de uma inscrição no discurso do sujeito. Isso subverte a concepção tradicional da matéria e marca um furo no conhecimento, o qual não há esperança de preencher. Esta concepção contrapõe-se às vestimentas da ciência que tudo quer conhecer.

A transmissão de saberes constituídos pelo discurso científico, comprovador de uma verdade objetiva a ser divulgada pelo mestre que detém o saber encobre, segundo a visão da Psicanálise, a falta e a dimensão de impossibilidade que o saber comporta, remetendo, portanto, à singularidade de cada sujeito.

Estamos cientes de que, desde os dispositivos presentes no curso de Psicologia, como a supervisão clínica, por exemplo, é possível pensar uma forma de transmissão que atenda ao rigor exigido por Freud e Lacan, mediante a articulação do dispositivo de *ensinante*, com o giro dos discursos. Para verificar essa possibilidade, este trabalho foi organizado na seguinte ordem de capítulos, cujo primeiro coincide com esta introdução.

No primeiro capítulo, descrevemos como se desenvolveu a inserção da Psicanálise nos cursos de Psicologia no Brasil, contextualizando a especificidade da transmissão psicanalítica, inclusive a desenvolvida na universidade, explicando seu caráter intransmissível, os mal-entendidos quanto ao ensino e à formação psicanalítica, bem assim a maneira como o trabalho

dos psicanalistas nas universidades se desenvolve no Município de Fortaleza – Ceará, nos dias atuais.

No terceiro seguimento, abordamos a concepção de transmissão da Psicanálise em Freud. Para isso, retomamos a história do jovem cientista no âmbito acadêmico, apresentando as experiências e influências que recebeu de seus mestres, as quais deram subsídios para que formulasse posteriormente a teoria psicanalítica. Naquele módulo, também examinamos as contribuições que a Psicanálise traz para a universidade, de acordo com as questões suscitadas por Freud (1918-1919) no texto *Sobre o Ensino da Psicanálise na Universidade*, apontando os impasses do Grande Psicanalista no que diz respeito às relações entre Psicanálise e universidade, assim como apresentamos o lugar destinado à formação do psicanalista: as sociedades de Psicanálise.

No quarto capítulo, trazemos o que Lacan conduziu de revolucionário para a Psicanálise, principalmente em termos de transmissão e formação do psicanalista. Com este intuito, reavemos a história do jovem Lacan no meio acadêmico, assim como examinamos as influências obtidas de suas relações com seus mestres e com alguns teóricos da Antropologia, da Filosofia, da Literatura, da Linguística, da Lógica e da Matemática. Do mesmo modo, também estudamos a trágica ruptura com a IPA e a revolucionária proposta de instituição psicanalítica, tendo como modelo a Escola de Filosofia da Grécia antiga, utilizando-nos do dispositivo do *cartel* que ele mesmo criou no intuito de viabilizar o ensino da Psicanálise no qual o psicanalista está advertido do furo no saber.

No quinto módulo, desenvolvemos e contextualizamos a noção do *discurso sem palavras* e a teoria dos quatro discursos (*do mestre, da histórica, do analista e do universitário*) propostos por Lacan para dar conta da relação do sujeito com o campo do outro / Outro, com origem nos laços sociais possibilitados e instituídos pela linguagem. Na sequência, exibimos nossa proposta de como o psicanalista na supervisão pode possibilitar a constituição de um saber “não-todo”, isto é, advertido da *falta-a-ser* enquanto ele mesmo também é *sujeito da falta* \$, utilizamo-nos para este fim do *discurso da histórica*, mais especificamente do dispositivo do *ensinante*.

No sexto seguimento, correspondente as considerações finais, afirmamos que é possível instituir no âmbito da universidade viabilizar o giro nos discursos instaurando, para este fim, o dispositivo do *ensinate*. Nossa ideia pressupõe que o aluno / estagiário na supervisão tenha estabelecido transferência com a teoria psicanalítica e com o psicanalista / supervisor que escolheu acompanhá-lo em sua prática de estágio na Clínica-Escola. Com isso,

analisamos que o psicanalista / supervisor poderá trabalhar com o aluno dentro da perspectiva do ensino de Lacan, no qual promoverá a subversão do saber.

1 A PSICANÁLISE E OS CURSOS DE PSICOLOGIA NO BRASIL

A discussão sobre a transmissão da Psicanálise no meio acadêmico, mais especificamente no curso de Psicologia, requer um exame da forma como esta ciência foi inserida nos cursos de Psicologia no Brasil. Para compreender de maneira inteligível como ocorreu esta inserção e, conseqüentemente, como se desenvolveu sua transmissão, tornou-se imprescindível, no percurso de nossa pesquisa, situar os fatos mais relevantes que a envolveram. Acreditamos que estes fatos influenciaram o modo como a Psicanálise se inseriu nas universidades brasileiras, o que exige contextualizar em que momento histórico ocorreu essa inserção, em que condições sociais e quais lugares da academia se identificaram com o ensino da teoria freudiana. Para tanto, especificamos o lugar no qual investigamos a entrada da Psicanálise na universidade - os cursos de Psicologia no Brasil, com o intuito de compreender o panorama em que a transmissão da Psicanálise está circunscrita na atualidade.

Analisar o contexto histórico e a forma como se deu a inserção da Psicanálise nas faculdades de Psicologia pode nos ajudar a entender por que estas propiciam o início do percurso de tantos psicanalistas. Muitos psicanalistas no Brasil tiveram o primeiro contato com a teoria freudiana nas disciplinas como Teorias e Práticas Psicológicas, na faculdade de Psicologia, e, desde então, optaram por fazer formação em Psicanálise. Nossa experiência de encontro e de transferência com a Psicanálise na faculdade de Psicologia nos fez testemunhar o quanto um professor, com o qual o aluno tem transferência, pode possibilitar aquele “primeiro passo” que mencionamos na introdução.

Assim, a inserção da Psicanálise nas faculdades de Psicologia, além de fazer emergir no meio acadêmico um importante lugar de divulgação da teoria psicanalítica na cultura brasileira, também possibilita intenso trabalho de transmissão da Psicanálise na universidade. Os psicanalistas que atuam como professores na universidade mantêm a Psicanálise viva em nossa cultura, promovendo pesquisas na graduação e na pós-graduação, fazendo avançar a produção do saber psicanalítico.

O modo como cada cultura absorve determinada teoria é bem particular. E a maneira como acontece a inserção vai depender de uma série de fatores que se interpõem na cultura naquele momento. No que diz respeito à introdução da Psicanálise na cultura brasileira, não

podemos dizer que foi diferente. Assim como ocorreu em diversos países, a teoria freudiana foi trazida por alguns psiquiatras e absorvida gradativamente pela cultura brasileira, primeiramente pela via da Medicina e depois por meio das instituições psicanalíticas, até ser inserida no meio acadêmico. Esses fatores apontam para duas questões a serem analisadas: a primeira consiste em trabalhar com uma teoria, como a psicanalítica, seguindo seus princípios éticos e seus preceitos teóricos; a segunda diz respeito à adequação dessa teoria à cultura que a elege. Analisando esses dois pontos que se dispõem dialeticamente em única situação, pudemos compreender mais claramente a peculiaridade da entrada da Psicanálise nas faculdades de Psicologia no Brasil e, principalmente, como esta se articula em nossa realidade nos cursos de Psicologia em Fortaleza, *locus* onde surgiram nossas questões e a partir de onde suscitamos as discussões sobre o ensino da Psicanálise na academia.

1.1 A inserção da Psicanálise nas faculdades de Psicologia

Antes de nossa incursão pela história da Psicanálise na seara dos cursos de Psicologia, vejamos como a ciência de que ora cuidamos foi introduzida em território brasileiro. Em seu livro sobre a história da Psicanálise na cidade de Fortaleza, Danziato (2000) apresenta, entre outros aspectos, um bastante curioso e pouco conhecido sobre o início do movimento psicanalítico brasileiro.

Curiosamente, o Brasil pode se orgulhar de ter sido um dos primeiros países a citar Freud, numa época em que a psicanálise nem mesmo ainda se constituía. Em 1899 Juliano Moreira, um verdadeiro monumento da psiquiatria brasileira referia-se às idéias de Freud no estado da Bahia. (DANZIATO, 2000, p. 49).

De fato, foi por intermédio de alguns psiquiatras que fizeram formação psicanalítica em instituições de Psicanálise filiadas à *International Psychoanalytical Association* (IPA) na Europa que a Psicanálise chegou ao Brasil. Tal como ocorreu desde o início do movimento psicanalítico, a Psicanálise fez sua entrada na cultura brasileira pelo discurso médico, numa época em que as questões subjetivas eram tratadas apenas pelas perspectivas médicas ou filosóficas. As questões psíquicas, sua teorização e tratamento, eram atribuídos apenas à Medicina, especificamente por via da Neurologia e da Psiquiatria.

Os psiquiatras Durval Marcondes ⁵, Franco da Rocha ⁶ e Juliano Moreira ⁷, considerados os pioneiros da Psicanálise no Brasil, trouxeram da Europa a teoria psicanalítica para o território brasileiro e, de forma indireta, para as faculdades de Medicina, principalmente para os cursos de psiquiatria. Durval Marcondes, Franco da Rocha e Juliano Moreira também fundaram as primeiras sociedades brasileiras de Psicanálise. Em 1917, Durval Marcondes e Franco da Rocha instituíram a *Sociedade Brasileira de Psicanálise* (SBP) em São Paulo e, em 1928, Juliano Moreira fundou sua filial no Rio de Janeiro.

No período compreendido entre os anos de 1914 e 1930, vários nomes da Psiquiatria brasileira contribuíram com a inserção do *freudismo* ⁸ no Brasil, principalmente nas três principais capitais da época: Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador.

Por meio de sua história, podemos constatar que a entrada da Psicanálise no Brasil, assim como na cultura de um modo geral, trouxe certo “mal-estar” para o meio acadêmico e para as sociedades psicanalíticas, no que se refere à preocupação em estabelecer o lugar do ensino da Psicanálise como contribuição às outras ciências (Medicina, Psiquiatria e Psicologia) e o lugar de formação do psicanalista.

Desde Freud, já havia grande interesse da Medicina em tomar como seu o campo da Psicanálise e esse foi um aspecto que perpetuou toda a história da inserção da Psicanálise no meio acadêmico, por meio das disciplinas que viriam contribuir com a formação de médicos e psiquiatras. Sobre este aspecto, Danziato (2000) escreve:

A psicanálise no Brasil inicia sua difusão a partir dos anos 20, através dos estudos e da formação médica, de forma semelhante ao que ocorre no resto do mundo. Desta forma, a apreciação e o entendimento inicial das idéias psicanalíticas padecem de um caráter eminentemente médico [...]. (P. 49).

Lembremos que Freud acreditava que a introdução do ensino da teoria psicanalítica viria contribuir como um a mais para a formação de médicos e psiquiatras na compreensão da natureza dos fenômenos psíquicos, das psicopatologias e seus respectivos tratamentos, o que justifica esta particularidade.

⁵ Durval Marcondes (1899-1981): psiquiatra e psicanalista brasileiro considerado o fundador do movimento psicanalítico nacional, inaugurou a primeira cátedra de Psicologia na Universidade de São Paulo (USP). (ROUDINESCO & PLON, 2007, p.499).

⁶ Francisco Franco da Rocha (1864-1933): psiquiatra brasileiro que fez parte do movimento psicanalítico brasileiro, mas nunca exerceu a psicanálise. (IBID., 2007, p. 664).

⁷ Juliano Moreira (1873-1933): psiquiatra brasileiro que introduziu a nosografia das doenças mentais no Brasil. O primeiro psiquiatra a dar à Psicanálise um lugar de importância nas instituições psiquiátricas em seu país. (IBID., 2007, p.523).

⁸ Denomina-se *freudismo* a escola de pensamento fundada por Freud, incluindo todas as correntes que se reportam a ela, independentemente de suas divergências. (IBID., 2007, p. 280).

Quanto à Psicologia, foi apenas em 1934 que ela passou a ser oferecida como disciplina obrigatória de ensino superior no Brasil, passando a integrar os currículos dos cursos de graduação:

[...] de Filosofia, Ciências Sociais, Pedagogia e em todos os outros cursos de licenciatura e deixa assim a condição de disciplina opcional, acessória da Psiquiatria ou Neurologia. [...] Naquele período a Psicologia passou a ter um desenvolvimento autônomo desvinculado da utilização médica e virtualmente da aplicação escolar. (ANTUNES, 2004, p.220).

A criação dos cursos de Psicologia no Brasil é quase tão recente quanto à inserção da Psicanálise no meio acadêmico. A década de 1950 corresponde a um marco na história do ensino da Psicologia no Brasil, pois foi justamente nesta época que despontaram as primeiras faculdades dessa especialidade. Antes deste período, a Psicologia apenas se fazia presente nas disciplinas sobre as teorias psicológicas dos cursos de graduação em Filosofia, Medicina e Educação.

Alberti (2003) desenvolve a história do nascimento da psicologia no Brasil em seu livro *Crepúsculo da Alma: a psicologia no Brasil no século XIX*, e comenta:

A psicologia que conhecemos hoje, ou melhor, o que se faz sobre esse nome, é, muito provavelmente totalmente diferente do que se fazia e também do que era pensado a seu respeito no século XIX no Brasil. [...] fazia-se psicologia não da forma autônoma como se quer hoje, e sim dentro de outros saberes, em particular a filosofia e a medicina. O estudo da psicologia não era feito em separado, mas como parte desses saberes. [...] não havia uma práxis psicológica. (P.17).

Analisando a história da criação dos cursos de Psicologia no Brasil, percebemos que a conquista de um lugar entre as ciências humanas foi adquirido após longo período de lutas e reivindicações, feitas pelos próprios universitários, ao exigirem a criação de um lugar para a Psicologia, assim como havia ocorrido na Europa e Estados Unidos. Coube aos estudantes universitários, mediante seus questionamentos, a autoria do movimento de reivindicação da autonomia da Psicologia nas universidades, não importando se o viés psicológico estivesse ligado ao discurso científico, educacional ou à prática clínica vigente.

No que diz respeito à emancipação da Psicologia como curso universitário, Ferreira (2006) aponta que fenômeno semelhante ocorreu na França. Sobre esse fato, comenta:

Tal como na França, a psicologia surgiu aqui em algumas faculdades dentro do ensino clássico de filosofia e letras, mas logo adquiriu independência e autonomia. As faculdades rapidamente seguiram a tradição médica de formação de profissionais. Com a expansão da indústria e do ensino privado, o ensino teórico

tornou-se prioritário e dezenas de faculdade de psicologia foram sendo criadas e multiplicadas. (P.3).

O contexto sociopolítico do final da década de 1960 no Brasil foi intensamente marcado pela presença da ditadura militar, que tolhia de maneira autoritária, e até mesmo violenta, todo e qualquer ato “subversivo” que ameaçasse o controle político estabelecido na época. Exatamente por esse motivo, as universidades eram bastante visadas - para não dizer vigiadas - pelos setores do Estado, que tinham como função prioritária manter a “ordem nacional”.

Sobre este importante momento histórico, palco de intensos conflitos entre o poder militar e a sociedade civil representada por grupos organizados de estudantes e operários, Braga (2008) escreve:

Em 1968, o Brasil assistiu ao assassinato pela polícia do estudante [...] no Rio. Seguiram-se a passeata dos 100 mil, o fechamento da Faculdade de Filosofia da USP após o confronto com estudantes desta universidade e os da Mackenzie – na famosa “Batalha da Maria Antônia” – e a prisão de 1.200 estudantes que participavam clandestinamente do 30º. Congresso da UNE em Ibiúna. (P.39).

O que era produzido por meio do ensino universitário era do interesse do poder militar que governava o País. Para os castrenses, o papel da universidade era de reproduzir o conhecimento que eles acreditavam ser necessário para não perderem o poder de governar. Assim, tudo o que estivesse relacionado às manifestações universitárias se transformava em preocupação para o Estado, pois eram eles, por meio de movimentos estudantis, que questionavam a conduta da política militar, mobilizando a sociedade como um todo a reivindicar mudanças favoráveis à democracia e à liberdade de expressão.

O movimento estudantil que eclodiu neste período não se constituiu como um acontecimento isolado, que dizia respeito apenas aos fatores políticos em nosso País, mas foi também consequência de uma série de motos sociais que haviam eclodido na Europa e depois nos Estados Unidos. Diversos países foram afetados pelo movimento estudantil e operário francês, conhecido como “Maio de 1968”.

Para os franceses, 1968 indicou a hora das barricadas em Paris e da maior greve geral jamais ocorrida em um país capitalista avançado: 10 milhões de trabalhadores parados. Além disso, os estudantes e os jovens operários em greve criaram comitês conjuntos de mobilização e solidariedade [...], uma aliança política que desafiou “a velha esquerda” [...]. (IBID, 2008, p. 39).

Foi justamente no meio desse cenário que a universidade se transformou num palco de grandes conflitos, lugar onde os estudantes de Psicologia no Brasil passaram a se identificar cada vez mais com a Psicanálise e suas ideias “subversivas”, como se estas pudessem trazer subsídios para a solução dos problemas sociais que vigoravam naquele momento.

Paralelamente a estes acontecimentos, muitos estudantes não engajados nos movimentos políticos já buscavam as faculdades de Psicologia para obter formação clínica.

Ao tratar o tema transmissão da Psicanálise na universidade, Alberti (2004) apresenta a concepção de que o desenvolvimento da Psicologia na universidade no Brasil se concretizou por que ambas, Psicologia e universidade, tinham a intenção de investir na formação de profissionais que posteriormente estariam “[...] a serviço do desenvolvimento industrial, técnico e pragmático, necessário à opção ideológica que se fortaleceu na era Vargas”. (ALBERTI, 2001, p.59).

Assim, para as camadas da sociedade descomprometidas com a questão política nacional, a escolha da profissão de psicólogo clínico correspondia “[...] a representação dominante no imaginário [...] onde o trabalho no consultório se colocava como ideal supervalorizado pela prática liberal”. (FERREIRA, 2006, p.3).

Neste contexto, o ensino da teoria psicanalítica foi gradativamente ganhando espaço, haja vista que a relação mais intensa da Psicanálise com o meio universitário se constituiu em função da formação do psicólogo clínico, que passou a ter credibilidade desde sua transmissão realizada por psicanalistas na universidade.

O psicólogo clínico que era professor nos cursos de Psicologia tinha como função “[...] ensinar as disciplinas de técnicas psicoterápicas, personalidade, técnicas avaliativas e psicodiagnósticas, além da supervisão clínica. (IBID., 2006, p.3).

Assim, na década de 1970, surgiu a profissão de psicólogo clínico, formado pelos cursos de graduação em Psicologia. Ainda havia, no entanto, até aquele momento, o predomínio de psicólogos com formação nas abordagens social e experimental, o que promovia o surgimento de especialistas nas áreas da Psicologia do Trabalho e Educacional, para atuar, respectivamente, nas indústrias e nos espaços educacionais.

Em virtude da propagação da Psicologia Clínica, a década de 1970 é considerada como a *década psicologista* na história da Psicologia no Brasil. (IBID., 2006, p.3). Naquele momento, houve também o aumento do interesse da Psicologia Clínica pela Psicanálise, acarretando, por sua vez, a criação de mais disciplinas voltadas para o ensino da teoria psicanalítica e de psicoterapias de influência psicanalítica, que passaram a ser assimiladas pela sociedade e também pelos meios de comunicação. Surgiram algumas revistas femininas

que passaram a explorar em suas matérias conteúdos sobre o comportamento humano, algumas, inclusive, investindo na publicação de testes psicológicos a serem realizados pelas próprias leitoras, com o intuito de indicar o perfil psicológico ou traço da personalidade. Analisando o movimento de interesse pelas técnicas psicológicas e pela própria Psicanálise neste momento histórico da Psicologia, acreditamos que surgiu como consequência do avanço de uma sociedade moderna, contrapondo-se ao modelo tradicional.

Ao investigar o percurso de diversas abordagens psicoterápicas, percebemos a grande contribuição da Psicanálise para o desenvolvimento da Psicologia Clínica e que muitos ramos da Psicologia surgiram da prática e da pesquisa clínica no meio acadêmico. A esse respeito, Mezan (1994) comenta:

[...] A psicologia, como a conhecemos hoje, tem uma história, por um lado, acadêmica oriunda de trabalhos de psicologia experimental e, por outro lado, clínica, a partir da psicanálise inventada por Freud. Todos os ramos da psicologia que foram surgindo, as várias tendências, são frutos das dissensões e críticas que surgiram dentro da própria psicanálise. (P. 52).

Contextualizando o fenômeno de assimilação da Psicanálise pelos estudantes de Psicologia, Ferreira (2006) aponta como um dos fatores determinantes a ideia de que *todo psicólogo em formação clínica deve se submeter à análise pessoal ou a psicoterapia*. Seguindo este ideal, muitos estudantes passaram a representar grande parte da clientela dos consultórios de psicanalistas no início dos anos 1970. Nesta mesma época, os estudantes de Psicologia que realizavam análises pessoais passaram a questionar e reivindicar formação psicanalítica também para psicólogos, pois, no Brasil, até meados da década de 1970, as sociedades de Psicanálise eram todas filiadas à IPA, instituição que restringia a formação psicanalítica apenas àqueles que tivessem formação médica.

Esses questionamentos e reivindicações sobre a formação psicanalítica eram fruto das influências do pensamento de Lacan. Estes mesmos estudantes tanto se rebelaram que no ano de 1971, foi criada no Rio de Janeiro a primeira sociedade de Psicanálise, restrita aos psicólogos, a então denominada *Sociedade de Psicologia Clínica* (SPC), que, anos depois, em 1987, passou a ser denominada por *Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro* (SPCRJ).

Analisando estes contextos, podemos dizer que muitos fatores contribuíram para que a Psicologia, por intermédio da Psicologia Clínica, pudesse servir à Psicanálise na universidade e na cultura de um modo geral. E podemos dizer, ainda, que, embora a inserção da Psicanálise nos cursos de Psicologia tenha acontecido muitos anos após sua entrada no meio acadêmico,

foi pelas faculdades de Psicologia que a Psicanálise marcou sua presença na transmissão da teoria e da pesquisa psicanalítica.

No que diz respeito ao ensino da Psicanálise, as relações entre as sociedades de Psicanálise e o meio acadêmico tornaram-se tensas e provocaram reações a favor e contra a presença de psicanalistas na universidade. No meio acadêmico, sempre houve uma intolerância ao reconhecimento do caráter científico da Psicanálise como um método de pesquisa legítimo na produção de conhecimento. Sobre esta situação e a respeito da posição de alguns psicanalistas que atuavam como professores nas faculdades de Psicologia, Safrá (2001) tece o seguinte comentário:

[...] Os professores-pesquisadores tinham a preocupação de que seus trabalhos pudessem ser reconhecidos como pesquisas científicas, utilizando-se de metodologias que pudessem ter um maior reconhecimento e empregavam a teoria psicanalítica como referente na interpretação de seus dados. (P.2).

Por outro lado, houve nas sociedades de Psicanálise um movimento contra o trabalho de psicanalistas que atuavam como professores de Psicanálise nas universidades brasileiras. Essas instituições reprovavam o ensino da Psicanálise no meio acadêmico e asseveravam que o exercício deste ato por parte de algum de seus membros na universidade poderia resultar em expulsão.

Mesmo diante destes movimentos antagônicos, vários psicanalistas se arriscaram e continuaram a atuar nas universidades como professores e pesquisadores, favorecendo o desenvolvimento da transmissão da Psicanálise em extensão. Tais atitudes tomadas por alguns psicanalistas na universidade impulsionaram o surgimento de longos debates sobre questões relativas ao papel do psicanalista na academia e o lugar da formação do psicanalista.

Foram discussões que, de algum modo, possibilitou o gradativo desenvolvimento do ensino da teoria psicanalítica na academia, amparada pelas propostas lacanianas sobre a transmissão da Psicanálise.

Ao analisar o desenvolvimento deste ensino no Brasil, do ponto de vista diacrônico, Mezan (1994) considera que este último pode ser classificado em dois tempos distintos. O primeiro tempo tem sua origem na década de 1970, momento em que a Psicanálise já estava presente nos cursos de licenciatura em Psicologia, na *Universidade de São Paulo* (USP) e no *Instituto Sedes Sapientiae*⁹ da *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo* (PUC/SP). Nessas instituições, os cursos que por elas eram promovidos proporcionavam aos estudantes

⁹ Instituto Sedes Sapientiae: instituição ligada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, criada em 1979 com proposta de trabalho em formação nas áreas de Saúde Mental, Educação e Filosofia.

de Psicologia o primeiro contato com a teoria Psicanalítica, estimulando-os a procurar formação e análise pessoal junto às instituições de Psicanálise.

O segundo tempo aconteceu na década de 1980, período em que a Psicanálise passou a ser introduzida nas pós-graduações em Psicologia, o que, a princípio, demonstrou ser um movimento restrito às Universidades Católicas do Rio de Janeiro e de São Paulo, esta última no *Instituto Sedes Sapientiae*. Sobre o aumento da demanda de cursos de pós-graduação em Psicanálise realizados a partir dos cursos de Psicologia, Rodrigues (2005) acrescenta:

Nos últimos anos vem-se ampliando a oferta de estudo e investigação em Psicanálise nos cursos de especialização (pós-graduação *latu sensu*) em Psicanálise e pela criação dos cursos de Mestrado e Doutorado em diversos pontos do país. (P.1).

Em meados da década de 1970 e início da década de 1980 havia nas universidades brasileiras psicólogos pesquisando, lecionando ou exercendo a função de supervisor clínico na Clínica-Escola dos *Serviços de Psicologia Aplicada* (SPA) das faculdades de Psicologia. A presença destes profissionais na universidade possibilitou o surgimento de uma demanda a estas profissões o que, de certa forma, impulsionou a busca por formação psicanalítica com propósitos de atuar tanto na clínica psicanalítica quanto no ensino e na pesquisa em psicanálise na universidade. Assim, muitos psicólogos optaram por dar continuidade a sua formação acadêmica, adquirindo título de especialização, mestrado e doutorado. Sobre a grande procura por cursos de pós-graduação em teoria psicanalítica a partir dos anos noventa, Safra (2001) analisa:

Gradualmente surgiram cada vez mais nos programas de pós-graduação trabalhos que realmente utilizavam não só a teoria psicanalítica, mas o *método psicanalítico* na produção de conhecimento dentro das universidades. Apareceram profissionais com sólida formação em psicanálise e competentes em metodologia e epistemologia em pesquisa que passaram a pesquisar, orientar trabalhos e a produzir textos de excelente qualidade, que facilitaram a legitimação da psicanálise na produção de conhecimento na academia. (P.2).

No que diz respeito a essa busca de psicanalistas por cursos de pós-graduação em Psicanálise, movimento semelhante ocorreu na história da Psicanálise em França. Assim, Ferreira (2006) compara:

Também como na França, depois da década de noventa, ocorreram mudanças nesta situação, vários psicanalistas realizaram mestrados e doutorados em cursos no Brasil e no exterior, principalmente na França, onde a psicanálise havia adquirido seu status universitário. (P.4).

Em França, a Psicanálise adquiriu *status* universitário, onde há nas universidades departamentos de Psicanálise, independentes de qualquer curso universitário. Este espaço conquistado pelos psicanalistas nas universidades francesas foi possibilitado pelo trabalho incessante de grandes psicanalistas, como Jean Laplanche ¹⁰ e Lacan, que puderam levar a Psicanálise para longe das instituições psicanalíticas. Jean Laplanche desenvolveu seus seminários de Psicanálise em duas instituições acadêmicas francesas: a *École Normale Supérieure* (ENS) e no *Departamento de Ciências Humanas da Universidade de Paris VII*; e Lacan que, em 1964, a convite de Louis Althusser, ¹¹ passou a ministrar seus seminários na ENS. De acordo com o exposto, a introdução da Psicanálise nas universidades francesas se orientou numa situação bem diversa da trajetória do ensino da Psicanálise nas universidades brasileiras, que ainda permanece como estrangeira, abrigada em outros cursos como o de Psicologia.

Ascensão da Psicanálise no meio acadêmico no Brasil, porém, só foi possível de ser concretizado-a porque psicanalistas comprometidos com a causa freudiana puderam, enquanto de professores, pesquisadores e supervisores, transmitir aos seus alunos, além da teoria, algo que eles aprenderam nas suas análises e na transferência com seus pares, colegas de instituições psicanalíticas.

Na história da presença da Psicanálise nos cursos de Psicologia no Brasil, não há como deixar de destacar nomes como o do psicanalista Luiz Carlos Nogueira que “[...] passou para a história da luta de psicanalistas brasileiros, para transmitir a causa freudiana dentro de nossas universidades” (ALBERTI, 2000, p.55); assim como seu estilo de transmissão refletiu na “[...] sua verdadeira relação com a descoberta freudiana deixou um lastro para nós todos, professores de psicanálise nas universidades brasileiras, que, nem sempre sabedores deste lastro, da alguma forma tiveram com ele uma relação” (IBID., 2000, p.57).

O trabalho de Luiz Carlos Nogueira como psicanalista e professor universitário constitui exemplo para pensar a possibilidade de transmissão da Psicanálise sem promessas de formação psicanalítica na universidade. Isso foi possível porque este psicanalista tinha noção da importância da transferência de trabalhar para o entendimento não apenas da teoria psicanalítica, mas também da transmissão da Psicanálise e das possibilidades discursivas que podem circular no âmbito acadêmico em determinados momentos do ensino. Vale destacar

¹⁰ Jean Laplanche (1924): filósofo e psiquiatra francês, pertencente à terceira geração de psicanalistas de França. (WIKIPÉDIA: A ENCICLOPÉDIA LIVRE, 2008).

¹¹ Louis Althusser (1918-1990): filósofo birmanês, que foi professor titular da *École Normale Supérieure* de Paris. (IBID., 2008).

que o referido psicanalista também foi um dos fundadores do *Centro de Estudos Freudianos* (CEF), primeira instituição de Psicanálise dedicada ao estudo de Freud e Lacan em nosso país. O CEF foi criado por grandes nomes da Psicanálise em nosso País. São eles: Durval Checchinato ¹², em Campinas, Jacques Laberge ¹³ e Ivan Correa ¹⁴, no Recife, e Luiz Carlos Nogueira, em São Paulo.

A Psicanálise no Brasil deve muito à coragem e ao pioneirismo dessas grandes personalidades que, com suas valiosas contribuições à sua transmissão, estabeleceram em solo brasileiro o compromisso com a causa freudiana. Em todos os trabalhos desenvolvidos pelos pioneiros da Psicanálise no Brasil, seja nas instituições psicanalíticas ou nas universidades, podemos avaliar o esforço por fazer valer uma transmissão calcada no estudo da obra de Freud e no compromisso ético desta transmissão.

1.2 O saber da Psicanálise e seu modo particular de transmissão

Mesmo habitando um universo acadêmico em comum, Freud compreendia que a convivência entre a Psicanálise e as outras ciências poderia acarretar no surgimento de alguns mal-entendidos quanto à transmissão e à formação psicanalítica. Por isso, foi enfático em explicitar a diferença entre os saberes por elas transmitidos. O saber que a ciência transmite se produz no lugar de mestria e nele inexistente qualquer vestígio de subjetividade, fato este que podemos constatar no teor impessoal presente em textos de produções científicas. Para dar consistência as suas argumentações sobre o que diferencia a transmissão do conhecimento científico da transmissão da teoria psicanalítica, na conferência sobre uma *weltanschauung* ¹⁵, Freud (1932-1933) analisa o que é o pensar científico da seguinte forma:

[...] Seu esforço no sentido de chegar à correspondência com a realidade – ou seja, com aquilo que existe fora de nós e independentemente de nós, e, segundo nos ensinou a experiência, é decisivo para a satisfação ou a decepção de nossos desejos. A essa correspondência com o mundo externo real chamamos de ‘verdade’.

¹² Durval Checchinato (1936): psicanalista brasileiro, escritor, foi membro da EFP.

¹³ Jacques Laberge: psicanalista e escritor canadense, radicado no Recife (PE). (JORNAL DO COMÉRCIO DO RECIFE, 2008).

¹⁴ Ivan Correa (1927): psicanalista e escritor cearense radicado no Recife. (DANZIATO, 2000).

¹⁵ *Weltanschauung*: palavra traduzida do alemão que significa “uma visão do universo”, mais especificamente “uma visão de mundo”. (FREUD, [1932-1933], p. 155).

Permanece este o objetivo do trabalho científico, ainda que deixemos de considerar o valor prático desse trabalho. (IBID., [1932-1933], p.166).

Complementando sua proposta de que a Psicanálise não precisa criar uma *Weltanschauung* própria e que como ciência pode aderir a uma *Weltanschauung* científica, Freud (1932-1933) para a noção de:

[...] O pensamento científico ainda é muito novo entre os seres humanos; ainda são muitos os grandes problemas que até agora não conseguiu solucionar. Uma *Weltanschauung* erigida sobre a ciência possui, excetuada a sua ênfase no mundo externo real, principalmente traços negativos, tais como a submissão à verdade e a rejeição às ilusões. (IBID., [1932-1933], p.177).

Assim, de acordo com o pensamento freudiano, a Filosofia e a Ciência, de modo geral, desenvolvem a transmissão de seus conhecimentos de maneira completamente diferente de como é concebida a transmissão do saber psicanalítico. Freud assegura que ambas tentam reduzir a zero a distância entre o mundo real e o conhecimento que se extrai delas por meio da consciência, fazendo surgir um saber que escamoteia e encobre essa distância. Assim, os saberes produzidos pela Filosofia e pela Ciência têm como função tentar responder a tudo o que a consciência apreende do mundo real. Após descrever esses dois modos de produção de saber, Freud exemplifica o agir do filósofo, citando os versos do poeta Heine: “Com bastonetes de dormir e com os trapos de seu roupão de noite ele remenda as falhas do edifício do universo” (IBID., [1932-1933], p.157).

Pelas explicações de Freud sobre como os saberes são constituídos pela Filosofia e pela Ciência, compreendemos o que ele aponta como impossibilidade de ver a Psicanálise, como *Psicologia profunda* ou psicologia do inconsciente, se constituir como uma *Weltanschauung*.

O saber é produzido e transmitido pela Ciência na universidade também difere do saber da Psicanálise porque este último se caracteriza por ser um “saber do particular”, da singularidade do sujeito, enquanto o saber da Ciência se refere ao saber universal. A esse respeito, Pinto (2006) comenta que [...] “A universidade reúne o conjunto dos saberes de campos particulares. Cada um deles, com uma escrita própria, contribui para uma crescente totalização, a fim de alcançar o Um que sustentaria o saber universal”. (P. 23).

Apesar de enfatizar a diferença entre o saber da Psicanálise e o da Ciência, Freud possuía sólida formação científica e buscou, no decorrer de toda a elaboração de sua teoria sobre o inconsciente, manter-se distante de tudo o que considerava artificial e não científico.

Até mesmo porque, como ciência, a Psicanálise tinha que se firmar no meio científico, demonstrando por intermédio de suas observações clínicas, a universalidade de seu objeto, o inconsciente. Analisando o modo como Freud dirigiu seus esforços para a Psicanálise se estabelecer como ciência natural, Bevidas descreve:

A cientificidade tinha de ser mais do que acenada. Tinha mesmo de ser conclamada e por quaisquer meios. Escorada no exemplo da Física, da Química, ou mesmo da Eletricidade ou Cirurgia, seja o diabo que for, a cientificidade era aí chamada a prestar socorro a uma disciplina ainda tenra de formação, tênue de objetos de estudos - sonhos, lapsos, esquecimento de nomes, haveria algo mais movediço? - e fortemente ameaçada de ser empurrada pelo ridículo da magia e feitiçaria. Fazê-la nascer e preservar-lhe a sobrevivência era uma prioridade nítida. (2002, p.31).

Disposto a seguir com o ideal de ciência, Freud não se deixou abalar pelas severas críticas dos cientistas dirigidas à Psicanálise durante os longos anos que se seguiram à elaboração de seu corpo teórico. Ainda assim, demonstrou, mediante seu trabalho de pesquisa, a veracidade de suas descobertas sobre o papel do inconsciente nas manifestações dos sintomas, dos sonhos, dos atos falhos, dos chistes, e explicou por que, como ciência, a Psicanálise não tinha como transmitir seu saber do mesmo modo como são transferidos os saberes da Filosofia e das ciências de um modo geral.

Assegurar, porém, a cientificidade da Psicanálise no meio acadêmico foi algo que custou muito caro a Freud, em razão da grande dificuldade da própria universidade em assimilar que o objeto com o qual a *Psicologia profunda* operava em suas pesquisas (o inconsciente) era passível de ser apreendido apenas na análise do sujeito, possibilitado pela transferência¹⁶ na relação paciente-psicanalista¹⁷. Sobre o fenômeno da transferência, Freud (1926) comenta:

[...] O neurótico põe-se a trabalhar porque tem fé no analista e neste crê porque adquire uma atitude emocional especial para com a figura do analista. [...] Mas a situação analítica surge com inteira regularidade sem haver qualquer explanação relacional para isso. Ter-se-ia pensado que a relação do paciente com o analista nada mais exigia senão certa dose de respeito e confiança, gratidão e simpatia humana. Em vez disso existe esse apaixonar-se, que, ele próprio, dá a impressão de ser um fenômeno patológico. (P. 255-256).

¹⁶ Transferência: “[...] fenômeno universal da mente humana, decide o êxito de toda influencia médica, e de fato domina o todo das relações de cada pessoa com seu ambiente humano. Surge em todo tratamento psicanalítico [...] sem a interferência do médico, uma intensa relação emocional entre o paciente e o analista, que não deve ser explicada pela situação real.” (FREUD, [1924-1925], p.56).

¹⁷ Neste capítulo optamos por denominar a dupla da relação analítica *paciente-analista*, do mesmo modo como Freud o fazia.

Com isso, vemos que não bastava Freud apresentar o resultado de suas pesquisas, comprovando a veracidade de sua teoria sobre as manifestações do inconsciente e a determinação psíquica. A pesquisa do inconsciente remetia a algumas questões difíceis de serem assimiladas pela ciência da época.

A Psicanálise reclamava por um estatuto de ciência, mas, como não se apropriar de seu objeto de pesquisa? Como não instituir um saber universal capaz de ser transmitido por meio do ensino? O Pai da Psicanálise tinha tudo isso em mente e não poupou esforços em responder a todas estas questões por meio da descrição de pesquisas provenientes de sua clínica.

Pelos motivos ora descritos, diversas vezes Freud se viu diante de situações nas quais a Psicanálise era posta à prova por meio de rigorosas críticas, e, em algumas destas, sentiu-se no dever de esclarecer mais detidamente sobre o trabalho de pesquisa, a transmissão e a formação psicanalítica, conforme podemos constatar em determinados artigos, tais como: *Conferências Introdutórias Sobre a Psicanálise* (1915-1916), *Uma Dificuldade no Caminho da Psicanálise* (1917), *Sobre o Ensino da Psicanálise nas Universidades* (1918-1919), *A Questão da Análise Leiga* (1926) e seu *Pós-Escrito* (1927).

Nas Conferências, Freud (1915-1916) ilustra os entraves que dificultavam a compreensão do objeto da Psicanálise, principalmente as questões relacionadas ao ensino da teoria e à formação do psicanalista; ou seja, pontos cruciais, mas que obscureciam a compreensão do saber psicanalítico e, conseqüentemente, seu modo de transmissão. No citado artigo, Freud retoma de forma acurada os pontos principais que deveriam aplacar a celeuma que tanto dificultava a assimilação das propostas freudianas sobre a pesquisa do inconsciente.

Ainda nestas mesmas Conferências, o Grande Psicanalista inicia sua explanação, demonstrando as diferenças entre o modo de transmissão do saber médico e sua proposta de ensino da teoria psicanalítica nas universidades. Como, naquela época, a Psicanálise só havia feito sua entrada nas universidades por meio dos cursos de Medicina, era o parâmetro que Freud tinha para desenvolver suas ideias sobre a transmissão da Psicanálise fora das sociedades psicanalíticas. Numa passagem desse texto, Freud declara que não pode predizer quanto entendimento sobre a Psicanálise alguém obteria a partir de suas exposições teóricas em palestras e conferências, mas podia categoricamente afirmar que nem as ouvindo atentamente teria como aprender a efetuar um tratamento psicanalítico.

Freud chama a atenção para a diferença na maneira como cada uma dessas ciências - Medicina e Psicanálise - se estabelecem no meio universitário para transmitir seus conhecimentos, visto que possuem objetivos completamente distintos. O ensino do saber

médico se destina à formação médica, capacitando o aluno a tratar clinicamente com patologias que acometem o ser humano, investigando a sintomatologia, no intuito de aplacá-la. No que concerne à formação médica, Freud (1915-1916) descreve:

Na formação médica os senhores estão acostumados a *ver* as coisas. Vêm a preparação anatômica, o precipitado de uma reação química, a contração de um músculo em consequência da estimulação de seus nervos. Depois pacientes são demonstrados perante os sentidos dos senhores: os sintomas de suas doenças, as consequências dos processos patológicos e, mesmo, em muitos casos, o agente da doença isolado. Nos departamentos cirúrgicos, são testemunhas das medidas ativas tomadas para proporcionar socorro aos pacientes [...]. Na própria psiquiatria, a demonstração de pacientes, com suas expressões faciais alteradas, com seu modo de falar e seu comportamento, propicia aos senhores numerosas observações que lhes deixam profunda impressão. (P.28).

De acordo com o pensamento freudiano, no ensino do saber médico, o professor tem o papel de transmitir aos seus alunos o conhecimento que adquiriu em seus estudos e na prática da clínica. A esse respeito Freud (1915-1916) faz a curiosa comparação:

[...] um professor de curso médico desempenha em elevado grau o papel de guia e intérprete que os acompanha através de um museu, enquanto os senhores conseguem um contato direto com os objetos exibidos e se sentem convencidos da existência dos novos fatos mediante a própria percepção de cada um. (P.28).

Freud comenta que o modelo do ensino médico, assim como o de qualquer outra corrente científica, é incompatível com a proposta de transmissão em Psicanálise. Nesse sentido, estava claro que a Psicanálise poderia habitar O meio universitário, mas suas intenções e seus objetivos eram distintos aos de uma formação acadêmica propriamente dita. Assim, a *Psicologia profunda* estava presente nos currículos de Medicina com o propósito de contribuir com o amparo nos preceitos gerais da teoria psicanalítica, com a formação médica, uma vez que a possibilidade de uma aproximação do saber psicanalítico apenas poderia ocorrer na particularidade de uma análise.

Para Freud, o ensino voltado para a formação psicanalítica realizado nas sociedades de Psicanálise, por si só, não garantiria a formação de um psicanalista. Desta forma, o psicanalista se produziria por meio de intenso investimento pessoal (estudo da teoria, supervisão clínica e análise). Portanto, apenas no trabalho de análise, poderia haver a aproximação da transmissão de um saber inconsciente possibilitado pela transferência entre psicanalista e paciente. Para compreender, porém, essa impossibilidade de transmissão do saber psicanalítico, como qualquer outro saber, escolhemos primeiramente, contextualizar o que o diferencia dos outros saberes científicos instituídos na academia, especialmente em

termos de *saber e verdade*. Freud (1915-1916) insiste em diferenciar a peculiaridade da transmissão psicanalítica feita com suporte no trabalho de escuta do psicanalista. E argumenta:

[...] Nada acontece em um tratamento psicanalítico além de um intercâmbio de palavras entre o paciente e o analista. O paciente conversa, fala de suas experiências passadas e de suas impressões atuais, queixa-se, reconhece seus desejos e seus impulsos emocionais. O Médico escuta procura orientar os processos de pensamento do paciente, exorta, dirige sua atenção em certas direções, dá-lhe explicações e observa as reações de compreensão ou rejeição que ele, analista, suscita no paciente. Os desinformados parentes de nossos pacientes, que se impressionam apenas com coisas visíveis e tangíveis [...] jamais deixam de expressar suas dúvidas quanto a saber se ‘algo não pode ser feito pela doença, que não seja simplesmente falar’. (P.29).

Segundo o pensamento freudiano, a conversação entre o psicanalista e o paciente não permite a presença de uma terceira pessoa, o que significa não admitir ouvinte algum e, portanto, não poder ser demonstrada como um experimento a ser constatado. Neste sentido, Freud comenta que, numa conferência psiquiátrica na universidade, o paciente examinado pode falar de sua doença em meio a uma platéia de alunos. Nela, ele pode se queixar de seus males e descrever seus sintomas, mas nada acontece, além disso. No processo do exame e do tratamento médico, não se levantam questões sobre o sujeito paciente, mas sim o sintoma que ele carrega.

Estes argumentos apontam para a diferença que marca o modo de transmissão do saber psicanalítico do saber médico. Sobre essa diferença, Freud levanta a seguinte indagação: “[...] Se não há verificação objetiva da psicanálise nem possibilidade de demonstrá-la, como pode absolutamente alguém aprender psicanálise e convencer-se da veracidade de suas informações?” (IBID., [1915-1916], p.29). O Pai da Psicanálise responde a essa questão no decorrer de suas Conferências e declara enfaticamente que se aprende Psicanálise em si mesmo, isto é, submetendo-se a uma análise. Adverte, porém, que a experiência de uma análise não se assemelha a nenhum tipo de auto-observação ou autoconhecimento. Na sequência, acentua que apenas que por meio desta experiência “[...] adquire-se o desejado sentimento de convicção da realidade dos processos descritos pela análise e da correção dos pontos de vista da mesma.” (IBID., [1915-1916], p.32). Com efeito, a pessoa que busca ser analisada deve procurar em um analista mais experiente e habilitado a técnica psicanalítica, o que possibilitará o manejo da transferência e o surgimento dos efeitos da análise no seu próprio eu.

Quando Freud diz que a transmissão da Psicanálise se confunde com a própria clínica do sujeito é porque a transmissão psicanalítica está presente apenas no trabalho de análise. A transferência é a base para que a análise se constitua. Na transferência, o paciente ama seu analista e atribui a ele o saber sobre sua personalidade, sua vida e seus sintomas. O manejo da transferência realizado pelo psicanalista no tratamento deve ser o de procurar não responder a demanda de amor que o paciente lhe dirige. No tratamento psicanalítico, o psicanalista deve convidar o paciente, pela via da associação livre, a falar tudo o que lhe vier à cabeça, no sentido de que nestas elaborações surja algo que se aproxime da verdade do *sujeito do desejo*.

No *Estudo Autobiográfico*, Freud (1924-1925) explica detalhadamente como o psicanalista deve manejar o método da associação livre:

Em vez de incitar o paciente a dizer algo sobre algum assunto específico, pedi-lhe então que se entregasse a um processo de *associação livre* – isto é, que dissesse o que lhe viesse à cabeça, enquanto deixasse de dar qualquer orientação consciente a seus pensamentos. Era essencial, contudo, que ele se obrigasse a informar literalmente tudo que ocorresse à sua autopercepção, e não desse margem a objeções críticas que procurassem pôr certas associações de lado, com base no fundamento de que não eram suficientemente importantes ou que eram irrelevantes ou inteiramente destituídas de sentido. (P.54).

Assim, o trabalho de análise se processaria desde a elaboração que o paciente faz sobre si e seus sintomas, porém, nesta tentativa de formular uma teoria sobre si mesmo, o saber que por vezes surge revela a verdade de sua *castração*. A verdade que o paciente incessantemente tentará dar conta na análise é de sua *falta-a-ser*. Por isso Freud adverte para a noção de que cada análise sempre deve ser vista como se fosse a primeira, haja vista nunca poder apreender o objeto do desejo, o que revela a *falta-a-ser* constituinte de cada sujeito.

Embora haja, entretanto, uma especificidade na transmissão psicanalítica realizada na análise, o psicanalista não está preso a um só modo de transmiti-la. Há ensino fora da intenção e da formação do psicanalista, como o universitário, por exemplo, onde interrogamos a presença da Psicanálise e o modo de transmissão possível.

1.3 O psicanalista nas faculdades de Psicologia em Fortaleza nos dias atuais

Com o propósito de esclarecer o modo de transmissão da Psicanálise na universidade, vejamos como se dá o trabalho do psicanalista nas faculdades de Psicologia no Município de

Fortaleza, onde contamos com três cursos de graduação em Psicologia: o da *Universidade Estadual do Ceará* (UECE), implantado no ano passado, o da *Universidade de Fortaleza* (UNIFOR), instituição onde nos graduamos em Psicologia no ano de 1997 e o da *Universidade Federal do Ceará* (UFC), onde obtivemos dois títulos de especialista, sendo um em *Avaliação psicológica interventiva na saúde e na educação* e outro em *Psicopedagogia*, concluídos, respectivamente nos anos de 2003 e 2004. No presente momento cursamos o mestrado em Psicologia da UFC, onde desenvolvemos, desde o início de 2007, extenso trabalho de pesquisa bibliográfica sobre a transmissão da Psicanálise.

Tomando como parâmetro a experiência que adquirimos nas duas instituições universitárias, UNIFOR e UFC, convivendo com professores psicanalistas, podemos dizer que a atuação do psicanalista nestas universidades é muito semelhante. Eles trabalham como docentes, supervisores de estágio em Psicologia Clínica no *Serviço de Psicologia Aplicada* (SPA) e ainda como pesquisadores / orientadores de trabalhos acadêmicos.

Sobre a prática do psicanalista como supervisor de estágio clínico, Nicolau (2006) faz o seguinte comentário:

Neste espaço o aluno é autorizado a fazer atendimento de pacientes que demandam algum tipo de escuta. O aluno interessado na clínica de orientação analítica vai ocupar, pela primeira vez, o lugar daquele de quem se espera uma prática em que está em jogo o manejo da transferência. (P.1).

O ensino teórico da Psicanálise quase sempre se processa do mesmo modo como são apresentados os diversos conteúdos das teorias psicológicas organizadas por meio das disciplinas. As disciplinas obrigatórias e optativas estão dispostas numa grade curricular que se baseia no cumprimento de um programa a ser seguido semestralmente no decorrer de todo o curso, que tem em média a duração de cinco anos. Nesta atividade acadêmica, o psicanalista geralmente atua como um professor que realiza a função de mestria.

A pesquisa clínico-teórica exercida pelo psicanalista na universidade tenta dar conta da Psicanálise em *extensão*, baseada no preceito da pesquisa em Psicanálise que, de acordo com Freud (1918-1919), parte da clínica. A Psicanálise se caracteriza por uma articulação entre as vertentes de teoria, método e clínica, uma não podendo existir sem a outra. A teoria não avança sem a prática da clínica e, conseqüentemente, sem a pesquisa, nenhuma delas prossegue. Das pesquisas, surgem trabalhos que têm o papel de atualizar o pensamento freudiano. A respeito do trabalho de pesquisa em Psicanálise, realizado desde Freud nas universidades, Lustosa (2003) comenta que

Muita coisa mudou, desde o contexto no qual se situava Freud, sobre a realidade acadêmica e a transmissão da psicanálise. Intensificou-se a produção “científica do saber psicanalítico, isto é, realizada no meio acadêmico, especialmente nas pós-graduações. Grande parte dos psicanalistas “reconhecidos” desenvolve rigorosos estudos como professores das universidades, o que inclui o recebimento de financiamento das instituições de fomento. Não se pode discutir os efeitos da difusão proporcionados pela rede universitária [...]” (P.2).

A pesquisa em Psicanálise na universidade desenvolve-se amplamente nos últimos anos em Fortaleza por meio dos núcleos de pesquisa ligados aos cursos de Psicologia, produzindo trabalhos de extensão com caráter de qualidade indiscutível. Na UFC, podemos citar o *Laboratório de Psicanálise*¹⁸ e, na UNIFOR, o *Laboratório sobre as Novas Formas de Inscrição do Objeto*¹⁹ (Lábio). O *Laboratório de Psicanálise* existe há mais de dez anos e tem como principal objetivo de trabalho o compromisso de contribuir com a divulgação do saber psicanalítico, priorizando o estudo da teoria e da prática psicanalíticas por meio de grupos de estudo, seminários, jornadas, colóquios, congressos e publicações de periódicos. O *Lábio* corresponde a um grupo de trabalho voltado para investigação de temas relacionados à Psicanálise e à Dietética, com base nas relações entre sujeito e objeto.

Por intermédio destes núcleos de pesquisa, os psicanalistas que estão na universidade produzem inúmeros trabalhos de pesquisa e agregam muitos alunos interessados em estudar Psicanálise, fato de grande relevância na divulgação da teoria psicanalítica em nossa Cidade.

Estas atividades podem se constituir como possibilidades de transmissão, porque os que delas participam têm transferência com a Psicanálise, mas, para que isso ocorra, o psicanalista na universidade deve estar advertido, por sua própria formação de que a transmissão a que se propõe não corresponde a um ensino destinado à apreensão de um saber universalizante. Assim, há possibilidade de aproximar o aluno ao campo da Psicanálise mediante uma *transferência de trabalho*.

No caso da supervisão, em que o aluno escolhe um professor / supervisor e, portanto, tem transferência com ele, ao expor uma ideia sobre a teoria, o psicanalista pode se utilizar de dispositivos que viabilizem a mobilidade dos discursos (*discurso do mestre, da histórica, do universitário e do analista*), podendo assumir o lugar do *não-saber* e provocar no aluno, por meio da transferência, elaborações novas e a constituição de um saber arrimado desta experiência. Segundo nossa hipótese, é aí que o dispositivo do *ensinante* pode operar,

¹⁸ *Laboratório de Psicanálise* no site da UFC (Disponível em: <http://www.psicologia.ufc.br>. Acesso em: 10 de Mar. de 2008).

¹⁹ *Laboratório sobre as Novas Formas de Inscrição do Objeto* (Disponível em: <http://br.geocities.com/entelques/labio>. Acesso em: 10 de Mar. de 2008).

conforme veremos no capítulo cinco. O importante a destacar aqui é que, no trabalho do professor psicanalista, ele pode abandonar o lugar de mestria em alguns dispositivos na universidade.

Mesmo que psicanalistas atuem na universidade advertidos das armadilhas que o próprio discurso universitário produz, ainda existem mal-entendidos quanto ao lugar do ensino e da formação em Psicanálise.

1.4 Os mal-entendidos quanto à formação do psicanalista

O permanente diálogo com o meio universitário, existente há dezoito anos, incluindo a época em que ingressamos na universidade para cursar Psicologia, com psicólogos e psicanalistas que atuam como professores nas faculdades de Psicologia, nos faz acreditar que o fato da Psicanálise fazer parte do universo acadêmico, desde Freud (1926), sempre possibilitou mal-entendidos no que diz respeito à formação do psicanalista. Estes mal-entendidos a que nos referimos não surgem apenas de comentários de leigos, mas também de alguns estudantes de Psicologia. Entre muitos deles reina a crença de que na universidade podem se formar psicanalistas, do mesmo modo que se formam psicólogos e que o saber da Psicanálise pode ser apreendido como qualquer outro saber, assim como se processa nas ciências.

Não é apenas na academia que existem equívocos relativos à formação do analista. Eles surgem também nas instituições de Psicanálise, como pudemos comprovar quando ainda membro do *Suposto - Associação Psicanalítica*. Ali tivemos a oportunidade de entrevistar, além de estudantes universitários, pessoas de variadas formações acadêmicas interessadas em fazer formação em Psicanálise. Muitos tinham noções equivocadas sobre a formação do psicanalista, pensando ser esta semelhante a um curso universitário, onde, após um período determinado de aulas teóricas, poderiam obter o “certificado” de psicanalista.

A presença do ensino da Psicanálise na universidade, conforme já discutido, enseja equívocos e mal-entendidos quanto à formação. Freud, consciente disso, tentou, por meio de seus escritos dissipá-los, como podemos ver em textos como o *Ensino da Psicanálise nas Universidades* (1918-1919) e a *Questão da Análise Leiga* (1926). O Criador da Psicanálise expõe com clareza qual o verdadeiro lugar de formação do psicanalista: as sociedades de Psicanálise ligadas à IPA. Apenas nestas instituições o candidato a psicanalista obtinha

conhecimento sobre a teoria psicanalítica, supervisão de casos clínicos que estivessem em tratamento e análise pessoal com alguns de seus membros, os “psicanalistas didatas”. A ideia de Freud era de que caberia ao psicanalista ditata a condução da análise pessoal do psicanalista em formação, assim como a supervisão dos casos clínicos atendidos por este.

Conforme o pensamento freudiano, a supervisão ou análise de controle corresponde à experiência do psicanalista em formação levar os casos clínicos de seus pacientes em tratamento para apreciação de um psicanalista mais experiente pertencente à mesma instituição psicanalítica (LAPLANCHE & PONTALIS, 1994, p.388). Esta é a mesma lógica que permeia a supervisão na universidade.

Outro fato que contribuiu para o mal-entendido da formação e que muita polêmica ensejou entre os psicanalistas é a análise leiga. Em 1924, Freud viu-se instigado a se posicionar sobre o problemático tema da análise leiga, entretanto, foi justamente após a repercussão do caso do psicanalista Theodor Reik²⁰ que Freud (1926) tomou a iniciativa de trabalhar mais detidamente sobre o referido tema, o que culminou na publicação do texto *A Questão da Análise Leiga* (1926). Nesse escrito, o Criador da Psicanálise se posiciona veementemente contra a exigência de formação médica para o candidato à formação em Psicanálise.

A celeuma que se desenvolveu em torno da questão da análise leiga divergiu opiniões tanto no meio acadêmico como no concerto das próprias sociedades de Psicanálise. Neste momento específico, a Psicanálise atravessava problemas de cunho político nestas duas searas - universidade e sociedades de Psicanálise. No que se refere às instituições psicanalíticas, a análise leiga dividia opiniões entre seus membros. Acontecia que grupos de psicanalistas contrários à prática de psicanalistas não-médicos concentravam-se mais nos Estados Unidos do que na Europa, fato que, de acordo com Freud, dificultava o controle realizado pela *Sociedade Psicanalítica de Viena* (SPV).

Deste o início da inserção da Psicanálise nos Estados Unidos, constituiu-se uma série de equívocos em relação à prática psicanalítica, principalmente no que se referia à formação do psicanalista. Estes equívocos podem ser exemplificados com a crença de que, para se formar psicanalista, bastava fazer um curso preparatório de Psicanálise de dois anos em média, onde os alunos aprenderiam de modo condensado o *essencial* (grifo nosso) da teoria

²⁰ Theodor Reik (1888-1969): Psicanalista vienense e discípulo de Freud, formado em Letras e Filosofia pela Universidade de Viena. O referido psicanalista, por não possuir formação médica, foi proibido no ano de 1925 pelo Conselho Municipal Austríaco a não poder exercer sua atividade como clínico. De acordo com esta Lei, apenas médicos poderiam exercer a atividade clínica naquele País. (ROUDINESCO & PLON, 2007, p.655).

psicanalítica. Essas ideias equivocadas sobre a formação psicanalítica eram muito incentivadas por médicos desejosos de exercer a Psicanálise.

Pelo que vimos em nossa experiência, o equívoco permanece até hoje. De acordo com estes fatos, pudemos relacionar a repercussão que a questão da análise leiga trouxe para a história do movimento psicanalítico, principalmente no que diz respeito ao ensino da Psicanálise nas universidades. Para Freud, estava claro que a prática da Psicanálise não era restrita a quem possuísse formação médica. Assim, a teoria psicanalítica poderia também contribuir com outras ciências e em outros cursos nas universidades.

Assim, com Vidal (2003), consideramos que as articulações feitas por Freud sobre a problemática da análise leiga ainda é bastante atual e necessita de constantes discussões nos dois âmbitos, na universidade e nas instituições de Psicanálise.

2 FREUD, A PSICANÁLISE E A UNIVERSIDADE: DEFINIÇÃO DE POSIÇÕES

Neste momento, apresentamos nossas reflexões obtidas de algumas discussões teóricas sobre as relações de Freud com a universidade, retratando sua posição sobre o ensino da Psicanálise, principalmente em termos de possibilidade de transmissão no âmbito acadêmico, esclarecendo as contribuições da teoria psicanalítica a outros saberes e o lugar que estabelecia para a formação do psicanalista.

O tema da transmissão da Psicanálise é extenso e está intimamente ligado à questão da formação do psicanalista. As influências teóricas e a formação acadêmica que Freud recebeu no decorrer de toda sua juventude repercutiram consideravelmente em seu modo de pensar e, conseqüentemente, nos trabalhos por ele produzidos dentro e fora do meio acadêmico. A invenção da Psicanálise é fruto de um intenso interesse pelo funcionamento do psiquismo humano, somado aos estudos que desenvolveu em diferentes áreas do conhecimento, tais como: as Artes, a Literatura, a Filosofia, a Antropologia, a Neurologia, a Psiquiatria.

A opção por estudar determinado tema surge, muitas vezes, sem o próprio autor perceber a relação entre essa escolha e sua história de vida. Com Freud não foi diferente, pois seu desejo de saber está presente no decorrer de toda sua obra.

Para compreender quais influências intelectuais Freud obteve e que repercutiu na criação da Psicanálise e seu modo de transmissão, optamos pela retomada da história da relação de Freud com o meio acadêmico desde sua juventude.

2.1 Um jovem cientista na universidade

O desejo de saber foi um dos principais temas que Freud trabalhou quando desenvolveu a teoria da sexualidade, demonstrando como ocorrem o desenvolvimento da sexualidade infantil e seu papel na constituição do sujeito. Em textos como os *Três Ensaios Sobre a teoria da Sexualidade* (1905), *O Esclarecimento Sexual das Crianças* (1907), *Sobre a Teoria Sexual das Crianças* (1908), *A Análise de uma Fobia de um Menino de Cinco Anos* (1909), *A dissolução do complexo de Édipo* (1924), Freud relaciona o desejo de saber como o desejo sexual primitivo é sublimado pelo superego, provocado por efeitos da castração simbólica no momento do Édipo. Freud desenvolve a noção de que todo desejo de saber está

diretamente associado a um desejo sexual, e para chegar a estas conclusões, também analisa seus sonhos e desejos infantis inconscientes.

Elaborar esta temática talvez explique por que Freud se dedicou tanto à pesquisa dos fenômenos inconscientes.

Ao percorrer alguns textos freudianos que descrevem o percurso de Freud na universidade, tais como *A História do Movimento Psicanalítico* (1914), *Um Estudo Autobiográfico* (1924-1925) e o *Pós-Escrito* (1927) sobre *A Questão da Análise Leiga* (1926), pudemos identificar o incansável interesse de um cientista por tornar a Psicanálise reconhecida e respeitada pelo meio acadêmico. Cremos que esse vivo interesse seja justificado por motivos diretamente relacionados, além de suas inclinações pessoais, à sua intensa e apaixonada formação acadêmica, o que reflete intensa busca por saber.

Com a intenção de acompanhar como Freud elaborou a noção de transmissão em Psicanálise, arriscamo-nos a introduzir alguns desdobramentos iniciais da história do Jovem cientista, para poder compreender por que ele não elegia a universidade como lugar de ensino da Psicanálise, da transmissão propriamente dita. Assim como, também, apontaremos as valiosas contribuições que, segundo Freud, a Psicanálise traria para as universidades.

Para discutir o tema da transmissão da Psicanálise em Freud, uma leitura de sua trajetória acadêmica, como se desenvolveram as relações entre a Psicanálise e a universidade, acreditamos ser necessário trazer para a discussão parte do percurso do Grande Psicanalista, enquanto ainda um jovem cientista em suas relações como o meio acadêmico e científico de Viena.

Freud ingressou na *Universidade de Viena* em 1873 e formou-se médico em 1881. Na universidade, Freud sempre esteve absorvido em estudos e trabalhos de pesquisa apesar de um dia haver confessado que lamentava não ter se dedicado mais ao seu curso de Medicina. A esse respeito, ele escreve: “[...] Eu era realmente negligente em meus estudos médicos e somente em 1881, um tanto tardiamente, recebi o grau de doutor em medicina. [...]” (FREUD, [1924-1925], p. 20). Nesta passagem, escrita cerca de vinte anos após ter concluído seu curso de Medicina, pudemos constatar certa contradição em Freud, haja vista saber que durante todo o seu percurso na universidade se dedicou com afinco a diversas pesquisas científicas, além de que são notórios os benefícios que recebeu por influência de seus mestres.

Desde que ingressou no curso de Medicina, Freud sempre se sentiu atraído pela pesquisa, tanto que, após iniciar seus estudos, “[...] Apaixonou-se pela ciência positiva, e principalmente pela biologia darwiniana (que servia de modelo para todos os seus trabalhos)

[...]” (ROUDINESCO & PLON, 2007, p.273); inclinação esta que o levou a trabalhar nos Institutos de Zoologia, Fisiologia e Anatomia Cerebral da *Universidade de Viena*.

Em 1874, um ano após seu ingresso na universidade, Freud adquiriu uma bolsa de estudos que lhe permitiu estudar no Instituto de Zoologia com o professor Carl Claus ²¹ e pesquisar sobre o funcionamento específico das células nervosas. Após essa experiência, Freud dedicou-se a pesquisas no Laboratório de Fisiologia com o renomado fisiologista Ernest Brücke ²², onde passaram seis anos pesquisando a histologia do sistema nervoso, período em que também conheceu Josef Breuer ²³, com quem em 1883 publicou os *Estudos Sobre a Histeria*.

Após se formar médico, no ano de 1886, Freud foi trabalhar no *Hospital Geral de Viena*, tornando-se bastante atuante no Instituto de Anatomia Cerebral, da mesma forma como fora anteriormente no Instituto de Fisiologia, dando continuidade a sua carreira como cientista. No Instituto de Anatomia Cerebral, passou a ser orientado pelo célebre professor Theodor Meynert ²⁴, fazendo com que seu trabalho de pesquisa lhe rendesse, em 1885, uma bolsa para estudar no *Salpêtrière* ²⁵, em Paris, durante dois anos, com o ilustre neurologista Jean Martin Charcot ²⁶. Quanto à experiência no *Salpêtrière*, o que mais incentivou Freud para o estudo das doenças nervosas foi o valor que atribuiu ao trabalho de Charcot. O eminente neurologista francês revolucionou o pensamento científico da época com suas ideias sobre a histeria passando a concebê-la como um tipo de neurose.

Consideramos que o conhecimento adquirido por Freud com Charcot constituiu uma experiência bastante significativa, ao ponto de escolher prosseguir com seus estudos sobre as doenças nervosas, sua etiologia e a descoberta de um tratamento. Acerca desse estágio em Paris, Freud (1924-1925) tece o seguinte comentário:

²¹ Carl Claus (1835-1899): médico e zoólogo alemão, foi professor de Zoologia e Anatomia Comparada na Universidade de Viena; também introduziu o pensamento darwiniano na Áustria (ROUDINESCO & PLON, 2007, p. 120).

²² Ernest Wilhelm von Brücke (1819-1892): médico e fisiologista alemão, “[...] eminente representante da escola antivitalista [...] e considerado o fundador da fisiologia austríaca”. (IBID., 2007, p.95).

²³ Josef Breuer (1842-1925): médico austríaco, “[...] desempenhou um papel considerável na vida de Sigmund Freud, entre os anos de 1882 e 1895. O mesmo representava uma figura paterna para Freud. Também “[...] inventou o método catártico para o tratamento da histeria, redigiu com ele a obra inaugural da história psicanálise, estudos sobre a histeria, e foi médico de Bertha Pappenheim que sob o nome de Ana O. que futuramente se tornaria o caso princeps das origens do freudismo.” (IBID., 2007, p.93).

²⁴ Theodor Meynert (1833-1892): psiquiatra alemão e professor de Psiquiatria. (FREUD, [1924-1925], p.21).

²⁵ Hospital da Salpêtrière: hospital psiquiátrico francês onde Charcot trabalhava como chefe de serviço. Nele Freud trabalhou nos anos 1885-1886. (IBID., 1914, p.18).

²⁶ Jean Martin Charcot (1825-1893): médico e neurologista francês, professor de Medicina. (IBID., [1924-1925], p.21).

O que mais me impressionou enquanto privei com Charcot foram suas últimas investigações acerca da histeria, algumas delas levadas a efeito sob meus próprios olhos. Ele provará, por exemplo, a autenticidade das manifestações histéricas [...]. (FREUD, [1924-1925], p. 24).

No período em que trabalhou no *Instituto de Anatomia Cerebral*, Freud encontrava-se diante de precária situação financeira e, ao desabafar com Meynert, mestre por quem nutria grande apreciação, foi aconselhado a abandonar a carreira teórica e acadêmica, visto ser uma atividade que não lhe traria muitos recursos. Referindo-se a esse momento que lhe traria consideráveis mudanças em seu percurso como grande cientista, Freud (1924-1925) escreve:

[...] Segui seu conselho e abandonei o laboratório de fisiologia e ingressei no Hospital Geral como *Aspirant* [assistente clínico]. Logo depois fui promovido a *Sekundararzt* [médico estagiário interno], e trabalhei em vários departamentos do hospital, entre outros por mais de seis meses sob orientação de Meynert, cujo trabalho e personalidade muito me haviam impressionado quando eu ainda era estudante. (IBID., p. 21).

O interesse de Freud pelas doenças nervosas se intensificou desde a experiência de trabalho com Meynert, principalmente no que diz respeito às novas especulações sobre a histeria, no que diz respeito ao seu diagnóstico e tratamento, além de ser um campo pouquíssimo explorado pela própria Medicina. Freud disse que faltava à ciência uma teoria que oferecesse base para estudar as doenças nervosas e por isso se sentiu impulsionado a ser pioneiro num campo ainda em desenvolvimento.

Do ponto de vista material, a anatomia do cérebro certamente não era melhor que a fisiologia, e, tendo em vista considerações pecuniárias, comecei a estudar as doenças nervosas. Havia naquela época, em Viena, poucos especialistas nesse ramo da medicina, o material para o seu estudo estava distribuído por grande número de diferentes departamentos do hospital, não havia oportunidade satisfatória de para aprender a matéria, e se era forçado a ser professor de si mesmo. (IBID., [1924-1925], p. 22).

Após concluir seus estudos em Paris, Freud passou algumas semanas em Berlim, onde almejava “[...] adquirir um pouco de conhecimento sobre os distúrbios gerais da infância [...]”, o que o despertou a publicar nos anos subseqüentes, “[...] várias monografias de considerável vulto sobre paralisias cerebrais unilaterais e bilaterais em crianças”. (IBID., [1924-1925], p. 25). O Grande Psicanalista, no entanto, abandonou este projeto por estar decidido a seguir com suas pesquisas referentes às doenças nervosas. Após seu estágio no *Salpêtrière*, Freud apresentou à comunidade científica vienense, na ocasião, representada pela

Sociedade de Medina de Viena, o relatório de conclusão de seus estudos em França, no qual descreveu tudo “[...] sobre o que vira e o que aprendera [...]” (IBID., [1924-1925], p. 26) com o mestre Charcot. As novas concepções teóricas apresentadas com entusiasmo pelo futuro psicanalista, porém não foram bem recebidas. Os mais relevantes representantes do meio médico e acadêmico de Viena presentes no referido evento afirmavam que o material apresentado por Freud sobre a concepção da histeria era simplesmente “inacreditável”. Assim, da mesma forma reagiu Meynert. Referido professor desafiou Freud a encontrar em Viena casos semelhantes àqueles descritos em seus estudos e, que posteriormente, os apresentasse à sociedade médica. Depois desse episódio, o Jovem cientista passou a buscar melhor maneira de poder provar a teoria dos fenômenos histéricos por ele elaborada. Mesmo encontrando material suficiente, casos clínicos que correspondiam a pacientes internados com graves sintomas de natureza histérica, para demonstrar suas construções teóricas, Freud foi veementemente proibido pelos médicos responsáveis por estes departamentos clínicos de tratar quaisquer pacientes.

Até 1886, Freud já havia acumulado considerável número de publicações científicas, voltadas a temas referentes à Neurologia e à Psiquiatria, a princípio dirigidas à Zoologia e depois à Fisiologia, depois exclusivamente aos estudos sobre a histeria. Na mesma época em que é rechaçado pelo meio acadêmico por suas elaborações teóricas, Freud decide se fixar em Viena como médico especialista em doenças nervosas e estabelecer sua clínica, onde a maior parte de sua clientela era constituída por pacientes histéricos. Nos textos em que se referente a esta fase, Freud apresenta-se bastante animado com as questões surgidas de sua experiência clínica, ao investigar mais profundamente à Psicologia das neuroses. Sobre este momento, podemos dizer que, Freud [...] “Desejava estabelecer a tese de que na histeria as paralisias das várias partes do corpo se acham demarcadas de acordo com a idéia popular dos seus limites e não em conformidade com os fatos anatômicos”. (IBID., [1924-1925], p. 25). Mesmo disposto a seguir com seu trabalho na clínica, a experiência de não obter a aprovação do meio científico por suas teorias lhe deixou marcas significativas, as quais repercutiriam futuramente em sua relação com as universidades. Freud (1924-1925) manifesta sua decepção com a vida acadêmica.

[...] A impressão de que as altas autoridades haviam rejeitado minhas inovações permaneceu inabalável; e, com minha histeria em homens e minha produção de paralisias histéricas por sugestão, vi-me forçado a ingressar na Oposição. Como logo depois fui excluído do laboratório de anatomia cerebral e como durante intermináveis trimestres não tive que pronunciar minhas conferências, afastei-me da

vida acadêmica e deixei de freqüentar as sociedades eruditas. (IBID., [1924-1925], p.27).

Diante desse comentário compreendemos que Freud, que ainda carregava marcas do período inicial de sua vida, deixando revelar certo desdém a respeito de sua atuação como cientista na universidade, ao mesmo tempo aponta a contribuição de suas pesquisas para a Psicanálise.

Em minha juventude senti uma necessidade absorvente de compreender algo dos enigmas do mundo em que vivemos e talvez mesmo de contribuir com alguma coisa para solução dos mesmos. O meio mais esperançoso de alcançar esse fim pareceu ser matricular-me na faculdade de medicina; no entanto, mesmo após isto realizei experiências – sem êxito [...] passei da histologia do sistema nervoso para a neuropatologia e depois, incentivado por novas influências, comecei a interessar-me pelas neuroses. [...] (IBID., 1927, p. 288).

Foi desta época em diante que Freud rompeu com suas pesquisas ligadas diretamente à universidade e ao meio científico. O Pai da Psicanálise, porém, jamais abandonaria seu estilo de grande pesquisador e espírito científico. Continuou a trabalhar incansavelmente com as doenças nervosas e a tentar encontrar um método de tratamento adequado para estas enfermidades. Sua pesquisa e fundamentação teórica possibilitaram constituir um rico arcabouço teórico. Desde o princípio, sempre partiu de sua clínica, a Psicanálise. Este fato denota que, mesmo não sendo agraciado por seus trabalhos, Freud se beneficiou muito com as relações que teve com seus mestres. As experiências científicas por ele realizadas na universidade surgiram das identificações com essas figuras, as quais ele atribuía um grande saber.

Mesmo afirmando que o psicanalista poderia prescindir completamente da universidade, Freud nunca se afastou do desejo de propagar a teoria psicanalítica também por meio das universidades, tanto que chegou a proferir inúmeras conferências em diversas academias ao longo de sua brilhante carreira.

2.2 A contribuição da Psicanálise para o meio acadêmico

No texto *Sobre o Ensino da Psicanálise nas Universidades*, Freud (1918-1919) conclui, dizendo que a formação acadêmica dos estudantes de Medicina e Psiquiatria carecia de maior preparo para lidar não apenas com as doenças da alma, mas também com as afecções

psicológicas que de um modo geral acometem os pacientes. Referido psicanalista analisava a noção de que esta “falha” poderia ser devidamente reconduzida com a inclusão do ensino da Psicanálise nestes dois âmbitos da formação médica nas universidades. A respeito do estado da formação médica nesta época, Freud (1918-1919) comenta:

Essa formação tem sido muito justamente criticada nas últimas décadas pela maneira parcial pela qual dirige o estudante para os campos da anatomia, da física e da química, enquanto falha, por outro lado, no esclarecimento do significado dos fatores mentais nas diferentes funções vitais, bem como nas doenças e no seu tratamento. Essa deficiência na educação médica faz-se sentir mais tarde numa flagrante falha no conhecimento do médico. Essa falha não se manifestará apenas na sua falta de interesse pelos problemas mais absorventes da vida humana, na saúde ou na doença, mas também o tornará mais inábil no tratamento dos pacientes, no modo que até mesmo charlatães e ‘curandeiros’ terão mais efeito sobre esses pacientes. (P. 218).

Em consequência de longa experiência na universidade, Freud observou que o curso de Medicina de maneira geral necessitava de um referencial teórico em Psicologia que pudesse oferecer bases mais consistentes para a compreensão do funcionamento dos mecanismos psíquicos, da etiologia das doenças nervosas e das formas de tratamento. De acordo com o Pai da Psicanálise a Psicologia ensinada nas universidades não respondia adequadamente as questões referentes à vida mental. E sobre a falta desse referencial psicológico, Freud (1918-1919) faz a seguinte colocação:

Essa deficiência óbvia levou, algum tempo atrás, à inclusão, no currículo universitário, de cursos sobre psicologia médica. Mas, na medida em que essas aulas se baseavam na psicologia acadêmica ou na psicologia experimental (que lida apenas com questões de detalhes), não conseguem satisfazer os requisitos da formação dos estudantes: nem poderiam aproximá-lo mais dos problemas da vida em geral ou dos da sua profissão. Por essas razões, o lugar ocupado por esse tipo de psicologia médica no currículo mostrou-se inseguro. (P. 218).

Baseados neste comentário, compreendemos com bastante clareza dois importantes aspectos das intenções de Freud: no primeiro momento, ele aponta a precária condição dos referenciais psicológicos dos cursos de Medicina nas universidades e depois propõe adequar disciplinas de Psicanálise a esta função.

Freud idealizava a difusão da Psicanálise no meio científico e acreditava que a universidade só teria a ganhar com a contribuição da teoria psicanalítica. A ideia que Freud atribuía ao que consistia uma universidade era a de que correspondia a “[...] um lugar onde o saber é ensinado acima de todas as diferenças de religiões e nações, onde a investigação é

conduzida, e que se destina a mostrar à humanidade a que amplitude ela pode compreender o mundo ao seu redor, e até onde pode controlá-lo. (IBID., 1925, p. 365).

Acontece que a entrada da Psicanálise nas universidades não se deu ao acaso e, muito menos, sem grandes pretensões. Ao contrário, desenvolveu-se de forma gradativa, na dependência da atmosfera social e política da cultura que a absorveu em meio a diversas ciências. A inserção da Psicanálise, a princípio nos cursos de Medicina e de Psiquiatria, tinha propósitos bem definidos, tendo como principal aspecto a aprovação da *Psicologia profunda* perante a comunidade científica e, conseqüentemente, sua difusão pelo mundo.

Freud afirma categoricamente que os currículos dos cursos de Medicina e Psiquiatria eram insuficientes para preparar os acadêmicos para a formação clínica e psiquiátrica. De acordo com o pensamento freudiano, nesses dois cursos, a Psicanálise estava presente por meio da teoria psicanalítica, onde trazia aos estudantes subsídios suficientes para compreender as manifestações dos distúrbios nervosos.

Preocupado com o destino da *Psicologia profunda* surgida das contestações em Budapeste, Freud (1918-1919) escreve em seu artigo *Sobre o Ensino da Psicanálise nas Universidades* que a inclusão da Psicanálise no currículo universitário poderia ser analisada sobre dois pontos de vista: o da Psicanálise e o da universidade .

Na concepção freudiana, a Psicanálise só viria a contribuir com a universidade com a introdução da teoria psicanalítica no currículo dos cursos de Medicina. O Pai da Psicanálise esclarece que este auxílio prestado pela Psicanálise ao meio científico só traria benefícios à universidade com a formação de clínicos mais preparados.

Uma das preocupações de Freud no que diz respeito à questão do ensino da Psicanálise nas universidades diz respeito à peculiaridade deste ensino. O ensino a que o Psicanalista se referia se restringia apenas à explanação dos conceitos principais para cada área. Aos estudantes do curso de Medicina, conhecimentos mais gerais e, aos estudantes de Psiquiatria mais específicos sobre a *Psicologia do inconsciente*.

A introdução da Psicanálise nos meios acadêmicos desenvolveu-se primeiramente no âmbito dos cursos de Medicina e Psiquiatria, onde os psicanalistas membros de instituições psicanalíticas filiadas à IPA tinham o papel de transmitir os principais conceitos da Psicanálise. Assim fizeram os psicanalistas Sandor Ferenczi ²⁷, catedrático da *Universidade*

²⁷ Sandor Ferenczi (1873-1933): psiquiatra húngaro, psicanalista discípulo de Freud, membro fundador da IPA, membro do Comitê Secreto e da Sociedade Psicanalítica de Budapeste (ROUDINESCO & PLON, 2007, p.234).

de Budapeste, e Stanley Hall ²⁸, da *Clark University* de Worcester. Seguindo as ideias do mestre Freud, estes psicanalistas sentiram a necessidade de trazer para a universidade as contribuições da nova ciência às discussões sobre aspectos dos processos mentais, trazendo contribuições diretas para as ciências médicas. Assim também a possibilidade de a Psicanálise dialogar com outros ramos do conhecimento, na tentativa solucionar problemas da Arte, da Filosofia e da Religião.

2.3 Os impasses de Freud quanto à inserção da Psicanálise nas universidades

Os impasses que Freud encontrou na inserção da Psicanálise nas universidades trazem desde o início as mesmas questões referentes às dificuldades com as quais a *Psicologia profunda* se deparou no decorrer de toda sua relação como o meio científico. Freud já havia experimentado a frustração pelo rechaço da academia às suas teorias sobre o mecanismo dos fenômenos histéricos no início de sua carreira e não pôde deixar que essa experiência afetasse sua maneira de pensar sobre o papel dos psicanalistas na universidade e, conseqüentemente, seu modo de transmiti-la sem promessas de formação.

O artigo *Uma Dificuldade no Caminho da Psicanálise* foi escrito para um público culto e leigo da teoria psicanalítica. Nele, Freud (1917) não deixa de expressar sua crítica referente ao meio científico:

[...] direi que não se trata de uma dificuldade intelectual, de algo que torne a psicanálise difícil de ser entendida pelo ouvinte ou pelo leitor, mas de uma dificuldade efetiva - alguma coisa que aliena os sentidos daqueles que entram em contato com a psicanálise, de tal forma que os deixa menos inclinados a acreditar nela ou a interessar-se por ela. [...] Onde falta simpatia, a compreensão não virá facilmente. (P.171).

Freud possuía uma visão crítica e apurada sobre o meio acadêmico e o modo como nele eram produzidos conhecimentos, mesmo assim insistiu na isenção da *Psicologia profunda*.

Alguns anos depois da entrada da Psicanálise nos cursos de Medicina e Psiquiatria da Europa e dos Estados Unidos, surgiu na Hungria um movimento estudantil que tinha como

²⁸ Granville Stanley Hall (1844-1924): psicólogo estaduniense, fundador da Psicologia Genética inspirada no darwinismo e pioneiro da introdução da Psicanálise nos Estados Unidos, professor de Psicologia e Psicanálise na Clark University de Worcester. (IBID., 2007, p.326).

propósito abolir a Psicanálise do currículo universitário. Na ocasião, Ferenczi era professor de Psicanálise na *Universidade de Budapeste* e Freud (1918-1919) achou por bem responder ao movimento de repulsa dos estudantes à Psicanálise, com a produção de um texto intitulado *Sobre o Ensino da Psicanálise nas Universidades*. Nesse texto, Freud expôs de modo bastante enfático suas ideias sobre a importância em manter a Psicanálise na universidade.

Outro momento que fez com que Freud tivesse algo a dizer sobre a Psicanálise na universidade surgiu das discussões sobre quem poderia praticar ou não a clínica psicanalítica, médicos ou não-médicos (leigos). Em Viena, esse problema chegou às autoridades jurídicas, que impediram por lei a prática da Psicanálise feita por pessoas sem formação médica. Essa reação contra a presença de não-médicos ensejou mal-estar no interior das próprias sociedades de Psicanálise, e, mesmo sabendo que Freud era a favor da análise leiga, eram contrários a que pessoas sem formação médica a praticassem.

Acreditamos que a problemática surgida com a questão da análise leiga é consequência da grande difusão que a Psicanálise obteve, principalmente nos meios acadêmicos, onde ela havia sido transmitida nos cursos de Medicina e Psiquiatria. Como a Psicanálise fora introduzida por meio desses cursos, muitos médicos acreditavam que apenas a eles se destinava a prática da Psicanálise. A não-aceitação, por parte de alguns psicanalistas médicos, membros das sociedades de Psicanálise, de leigos exercerem a clínica psicanalítica, resulta do modo como a formação psicanalítica passou a ser tratada nos Estados Unidos, longe do controle das referidas sociedades. A mais feroz recusa à análise leiga, no entanto, partia dos psicanalistas ianques, que se queixavam das práticas exercidas por psicanalistas não-médicos nos Estados Unidos, situação, por sua vez comentada por Freud (1927):

Eles vêem, que no seu país, que os analistas não leigos cometem muitos disparates e absurdos com a análise e, como consequência disso, prejudicam tanto os pacientes como a reputação da análise. É compreensível que, então, que na sua indignação visem além daqueles inescrupulosos [...] e queiram excluir os leigos de toda participação na análise. (P. 13).

Surgiram nos Estados Unidos inúmeros cursos de formação em Psicanálise que, de forma alguma, correspondiam ao modelo proposto por Freud. Alguns desses cursos ofereciam em poucos meses o título de psicanalista. A esse respeito, Freud (1927) veementemente critica:

[...] Não é possível, em 3 ou 4 meses, transformar um homem, que até então não entendia nada de análise, em um analista é ainda menos possível produzir um

neurótico, em um tempo tão curto, as modificações que devem lhe devolver a perdida capacidade de trabalho e de gozo. (P. 15).

Freud sabia do risco que o futuro da Psicanálise corria ao ser absorvida na cultura estadunidense, lugar onde, segundo ele, estava sendo banalizada a formação em Psicanálise, conseqüentemente, a sua prática. O risco a que nos referimos aqui corresponde o fato de a Psicanálise, mediante uma prática que levava seu nome, passasse a ser confundida com qualquer abordagem psicológica, de perder seu objetivo de trabalho dentro e fora da clínica em detrimento da praticidade de atendimentos que oferecessem fácil retorno financeiro.

2.4 As sociedades de Psicanálise

Foram incansáveis as tentativas de Freud em estabelecer um lugar específico para a formação em Psicanálise.

No ano de 1902, Freud passou a reunir em torno de si um seleto grupo de jovens médicos interessados em aprender, praticar e difundir o conhecimento da Psicanálise. Estas reuniões tinham como propostas de trabalho: “[...] travar debates de acordo com certas normas, e os participantes se esforçavam por encontrar sua orientação nesse novo e estranho campo de pesquisa, a *psicanálise*, e de despertar em outros o interesse por ele.” (IBID., 1914, p. 36). Estes encontros eram realizados regularmente na casa de próprio Freud nas noites de quarta-feira e, por isso, passou a ser denominada de *Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras*. Fundada por Freud, Adler ²⁹, Stekel ³⁰, Reitler e Kahane, referida sociedade é considerada como o primeiro círculo da história do movimento psicanalítico.

Os integrantes deste grupo estavam ligados por uma insatisfação comum em relação ao meio científico vienense de sua época. Nesses encontros, comentavam sobre os casos clínicos que acompanhavam, suas aspirações e perspectivas sobre a Psicanálise. O material exposto por seus integrantes nas sessões era a princípio bastante ligado à vida pessoal de cada um, onde refletiam seus problemas pessoais e seus amores. Vemos que neste período o referido grupo consistia numa sociedade ainda numa fase embrionária, na qual os discípulos se voltavam ao mestre Freud que lhes servia como modelo. Esse trabalho realizado em grupo

²⁹ Alfred Adler (1870-1937): médico austríaco, “[...] primeiro grande dissidente da história do movimento psicanalítico [...]” e fundador da Escola de Psicologia Individual (ROUDINESCO & PLON, 2007, p.7).

³⁰ Wilhelm Stekel (1868-1940): médico, psicanalista e escritor austríaco. (IBID., 2007, p.728).

ainda se encontrava muito distante de um lugar de formação psicanalítica, que viria a se constituir anos depois com a IPA.

No ano de seu surgimento, nenhum dos componentes da *Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras* era psicanalista. Foi a partir de 1904 que Stekel e Federm começaram a exercer a Psicanálise e quatro anos depois cinquenta por cento do grupo se tornaram psicanalistas. Sobre este momento Freud (1914) escreve:

O pequeno círculo logo se ampliou e no transcorrer dos cinco anos seguintes muitas vezes mudou de composição. [...] incluía desde o início, o que mais tarde viriam a desempenhar papel considerável, embora nem sempre aceitável, na história do movimento psicanalítico. (IBID., 1914, p.36).

Os participantes do grupo das quartas-feiras eram quase todos judeus e possuíam formações diversas, em sua maioria, eram médicos, mas também havia filósofos, educadores, artistas e espíritos eruditos ávidos por simplesmente aprofundar seus conhecimentos sobre a Psicanálise. Essa pluralidade intelectual é uma característica presente em toda história da formação de grupos de Psicanálise.

Podemos dizer que, no decorrer dos cinco anos de sua existência esta sociedade se apropriou cada vez mais de seu espaço de debates sobre a Psicanálise, da compreensão das teorias freudianas, o que refletiu no amadurecimento do pensamento psicanalítico. Aos poucos os debates levantados nas sessões destes encontros foram se distanciando dos relatos pessoais e passaram a se voltar mais sobre a prática clínica e sobre as leituras que a Psicanálise podia fazer sobre a cultura e suas manifestações. A respeito desse grupo e sobre esse momento da Psicanálise, Freud comenta que “[...] Inventavam dia a dia a técnica da psicanálise, a clínica do tratamento, a exposição dos casos e a conceituação da doutrina”. (ROUDINESCO & PLON, 2007, p.720).

As primeiras análises realizadas neste período, às quais também eram submetidos os membros do grupo, “[...] não comportavam um curso nem um princípio didático, e aqueles que as conduziram foram pioneiros de uma prática ainda não codificada.” (IBID., 2007, p.719).

Contando com um total de 22 membros, referida sociedade foi dissolvida por seu criador em de 1907, período bastante favorável para Psicanálise, saindo do ostracismo, passando a despertar o interesse de psiquiatras e cientistas, além de atrair para si novos e

ilustres adeptos, dos quais podemos citar Eitingon ³¹ e Jung ³², os quais trariam grande contribuição para o desenvolvimento da Psicanálise e, conseqüentemente, para sua inserção nas universidades.

Em 1907, Freud recebera a visita de Eitigon, membro da clínica de Zurique, que já havia lido muitos de seus artigos, assistira a algumas das reuniões do grupo das *Quartas-Freiras*, havia realizado análise didática com o Mestre e estava decidido a fazer parte do seletivo grupo de psicanalistas. Da mesma forma, Jung aproximou-se de Freud que, neste período, era médico assistente do Burghölzli. Este último já vinha desde 1906 se correspondendo com o Grande Psicanalista, enviando-lhe seus trabalhos clínicos. A respeito dessas primeiras relações obtidas com Freud, Roudineco e Plon (2007) comentam que, em 1906, Jung “[...] enviou a Freud os seus *Diagnostisch Assoziationsstudien* [Estudos diagnósticos de associação] inaugurando assim uma longa correspondência: um total de 359 cartas.” (IBID., 2007, p. 421). Diversos encontros com Eitigon e Jung se sucederam, o que, de acordo com Freud, levaram a uma animada troca de ideias.

Com o fim da sociedade, foi criada em 1908 a *Wiener Psychoanalytische Vereinigung* (WPV), considerada a primeira instituição psicanalítica do mundo, instituição com verdadeiro caráter associativo, vindo a ser modelo para todas as sociedades psicanalíticas que futuramente se reuniriam à *International Psychoanalytical Association* (IPA).

Em consequência da rica correspondência e estabelecidas relações pessoais entre a *Associação Psicanalítica de Viena* (APV) e o grupo de Zurique, formou-se a *Associação Psicanalítica de Zurique* (APZ). Jung, membro fundador do grupo de Zurique, organizou o *Primeiro Congresso de Psicanálise*, em Salzburg, no ano de 1908, congregando adeptos de Viena, Zurique e outros lugares. Sobre a importância do grupo de Zurique para a Psicanálise Freud declara:

O grupo de Zurique tornou-se assim o núcleo da pequena associação que lutava pelo reconhecimento da análise. A única oportunidade de aprender a nova arte e de nela trabalhar estava ali. A maior parte de meus seguidores e colaboradores de hoje chegou a mim via Zurique, mesmo aqueles que se encontravam geograficamente muito mais perto de Viena do que da Suíça. (IBID., 1914, p.39).

De acordo com Freud, as relações entre as escolas de Viena e Zurique eram profícuas e de modo algum os colegas suíços chegavam a se posicionar como meros receptores da teoria

³¹ Max Eitingon (1881-1943): psiquiatra e psicanalista polonês, membro fundador e presidente da Sociedade Psicanalítica de Berlim (ROUDINESCO & PLON, 2007, p.173).

³² Carl Gustav Jung (1875-1961): psiquiatra suíço, amigo e discípulo de Freud de 1907 a 1913, fundador da Psicologia Analítica. (IBID., 2007, p.421).

psicanalítica. Muitos deles, como Jung, “[...] Já haviam produzido trabalhos científicos de grande mérito, cujos resultados foram úteis a psicanálise”. (IBID., 1914, p.39).

Em 1910, a WPV foi dissolvida e, no mesmo ano, em Nuremberg, Freud e Ferenczi fundaram a *Internationale Psychoanalytische Vereinigung* (IPV) que, em 1936, se transformou na IPA.

A história da IPA pode ser dividida em quatro momentos. O primeiro se constituiria entre 1910-1925, quando ela representava “[...] um organismo de coordenação dos diferentes grupos locais que gozavam de grande autonomia no que concerne à formação dos psicanalistas.” (ROUDINESCO & PLON, 2007, p. 385). O segundo momento compreenderia o período entre 1925-1933, quando passou por grande mudança internas, passando a ser obrigatórias para seus membros a prática da análise didática e a supervisão. Estas mudanças resultaram numa instituição que tinha os seguintes aspectos:

[...] organização centralizada, dotada de regras de formação e admissão que visavam normalizar as análise e afastar da formação os analistas “selvagens” ou transgressores, considerados psicóticos demais, gurus demais ou feiticeiros demais pra terem o direito de clinicar. (IBID., 2007, p.386).

No terceiro momento, ocorrido entre os anos de 1933-1965, a IPA era amplamente dominada pela língua inglesa e por correntes psicanalíticas que se distanciavam do freudismo vienense da época de Freud, das quais podemos citar o annafreudismo³³, o kleinismo³⁴, os Independentes do Middle Group³⁵, a Ego Psychology³⁶ e a Self Psychology³⁷. A IPA passou por uma grande crise política referente à questão da análise leiga, nos Estados Unidos e na Europa. Além disso, a Psicanálise sofreu grandes mudanças com a Segunda Guerra Mundial e o advento do nazismo, ocasionando a imigração de muitos psicanalistas judeus da Europa

³³ Annafreudismo: corrente psicanalítica representada pelos partidários de Anna Freud, “[...] termo que se impôs, para designar uma espécie de classicismo psicanalítico pós-freudiano, encarnado pela filha de Sigmund Freud e que remetia, ao mesmo tempo, á origem vienense da doutrina freudiana e a um certo modo de praticar a análise, privilegiando conceitos como os de eu e de mecanismo de defesa.” (ROUDINESCO & PLON, 2007, p.25).

³⁴ Kleinismo: mais que uma corrente psicanalítica, era formada por seguidores de Melanie Klein. Representava uma escola constituída por um sistema de pensamento elaborado por uma psicanalista “[...] que modificou inteiramente a doutrina e a clínica freudianas, cunhando novos conceitos e instaurando uma prática original da análise, da qual decorreu um tipo de formação didática diferente da do freudismo clássico.” (IBID., 2007, p.434).

³⁵ Middle Group: grupo que surgiu das discussões adquiridas de conflitos gerados pelas divergências teóricas de Anna Freud e Melanie Klein sobre a Psicanálise com crianças. (Ibid., 2007, p 379).

³⁶ Ego Psychology: corresponde a uma das grandes correntes psicanalíticas norte-americanas; teve como fundadores psicanalistas emigrados: Rudolph Loewenstein, Ernet Kris, Erik Erikson, David Rapaport e Heinz Hartmann; privilegiavam o ego em detrimento do Isso, do inconsciente e do sujeito. (IBID., 2007, p. 169).

³⁷ Self Psychology: corrente psicológica que representou no movimento psicanalítico “[...] uma tentativa de renovar o freudismo clássico, através de um confronto com o tratamento das psicoses e mediante de uma teoria da subjetividade alheia à metapsicologia. [...] correspondeu, nos Estados Unidos, a última tentativa crítica de salvar a doutrina psicanalítica da crise de identidade pela qual ela foi atingida, em razão de sua ortodoxia e da disseminação das psicoterapias.” (IBID., 2007, p.700).

para diversas partes do mundo, fato que também obrigou Freud e sua família a se estabelecer em Londres em 1938.

A perseverança sempre foi um traço presente na maioria das circunstâncias que envolveram a divulgação da teoria psicanalítica, por meio de seus escritos, do ensino proposto na universidade e, mais detidamente, no modo como era realizada a formação pelas sociedades de Psicanálise filiadas à IPA. Acreditamos que a maior preocupação de Freud, depois de ver a Psicanálise ser conhecida e propagada pelo mundo, principalmente pelo meio científico e acadêmico, era certificar-se de que estava estabelecido o lugar de formação do psicanalista.

3 LACAN E A TRANSMISSÃO DA PSICANÁLISE

Neste capítulo, examinamos a grande contribuição que Lacan traz para a problemática da transmissão em Psicanálise. Suas elaborações teóricas para a solução dos problemas concernentes à transmissão e à formação psicanalítica foram elaboradas ao longo de anos de experiência de trabalho e de sua própria relação com o meio científico e acadêmico, assim como de sua experiência como psicanalista na IPA, cujo modo de conceber o ensino ele questionava veementemente. Lacan criticava o modo de funcionamento da IPA pelo fato de reconhecer nela uma forma de ensino burocrática que repercutia diretamente na concepção de formação do psicanalista.

Sua posição relativamente ao ensino da Psicanálise o levou a ressignificar o conceito freudiano de ensino e formação e a propor um revolucionário modo de ensino da teoria psicanalítica, que evitasse transformá-la numa disciplina ou num saber possível de ser ensinado como qualquer outro. A seu ver, o ensino da teoria psicanalítica necessitava de mecanismos que não comprometessem a especificidade do saber descoberto por Freud.

Com a finalidade de esclarecer como Lacan desenvolveu mecanismos favoráveis a uma transmissão coerente com o pensamento freudiano, retomamos a trajetória acadêmica do grande psicanalista, desde a juventude, suas inclinações e as influências teóricas adquiridas no decorrer de seu percurso como teórico e psicanalista.

Suas escolhas desde a adolescência contribuíram significativamente para o caminho que trilharia no decorrer de sua vida como acadêmico em Psiquiatria, como psicanalista e como grande teórico da Psicanálise, ao ponto de “tomar pelo avesso” a teoria psicanalítica, com as influências que recebeu da Filosofia, da Antropologia, da Linguística, da Matemática e da Lógica.

Da mesma forma que Freud, Lacan era dotado de uma personalidade impulsionada pelo desejo de saber. Aos dezesseis anos, renegou o catolicismo de sua família e aos dezoito se deixou influenciar pelo pensamento filosófico de Baruch Spinoza³⁸ e Friedrich Nietzsche

³⁸ Baruch Spinoza (1632-1677): filósofo holandês que em seu livro *Ética* (1677) define Deus como “[...] uma substância constituída por uma infinidade de atributos [...] dos quais só conhecemos dois: o pensamento e a extensão. O mundo é o conjunto desses dois atributos. O homem é uma coleção de modos de extensão e do pensamento.” (DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO KOOGAN LAROUSSE, 1978, p.1583).

³⁹, além de ficar fascinado pela obra de Charles Maurras ⁴⁰, cujo *estetismo* ⁴¹ e gosto pela língua também passou a adotar.

Em 1919, Lacan ingressou na faculdade de Medicina e na década seguinte intensificou seus interesses pela cultura de vanguarda. Chemama (2002) descreve o Lacan desta época do seguinte modo:

[...] O provinciano foi introduzido na vida mundana da capital, sendo seduzido por ela; essa dissipação não o impediu de associar aos sólidos estudos médicos um interesse eclético, mas despido de amadorismo pelas Letras e pela Filosofia (mais os pré-socráticos e Platão, Aristóteles, Descartes, Kant, Hegel [com Kojève] e Marx, do que Bergson ou Blondel), pela Idade Média (com Gilson), pela Antropologia (Mauss), pela História (Marc Bloch e *Les Annales*), pela lingüística (F. de Saussure, em seus primórdios e pelas ciências exatas (em particular, a Lógica, com B. Russel e Couturat) [...] (CHEMAMA, 2002, p.119).

Na Medicina, Lacan opta pela Psiquiatria e, em 1928, trabalhou como interno na *Enfermaria Especial para Alienados da Delegacia de Polícia de Paris*, onde teve como preceptor Gaëtan Gatian Clérambault ⁴², mestre que marcou consideravelmente seu modo de compreender a manifestação dos distúrbios psicóticos. Esta experiência estimulou Lacan a desenvolver, com base em um caso clínico ⁴³, uma teoria sobre a *paranóia de autopunição* em sua tese de doutoramento em Medicina, intitulada *De la psychose paranoïaque dans ses rapports avec la personnalité* ⁴⁴, publicada em 1932. Com este trabalho, Lacan rompeu definitivamente com o pensamento dos psiquiatras franceses da época, que, segundo ele, “[...] viam na psicose paranóica um agravamento dos traços que definiam o caráter paranóico.” (IBID., 2002, p.119). De acordo com o próprio Lacan, o único psiquiatra que pensava de modo semelhante a ele era Clérambault, que, em consequência da publicação da tese, o acusou de plágio por sua teoria sobre a paranóia. Clérambault trouxe para a Psiquiatria uma nova perspectiva de compreender a loucura, distinguindo psicoses alucinatórias de delírios

³⁹ Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão que propõe uma moral lastreada na cultura da energia vital e na vontade de poder que conduz o homem até a categoria de *super-homem*. (IBID., 1978, p.1432).

⁴⁰ Charles Maurras (1868-1952): escritor francês autor das obras: *Inquérito sobre a monarquia* e *O futuro da Inteligência*. Em suas obras criticava a tudo o que lhe parecia causa de desordem na arte e na política de sua época. (IBID., 1978, p.1395).

⁴¹ Estetismo: Escola literária e artística que compreende as artes com o retorno a suas formas primitivas. (IBID., 1978, p. 351).

⁴² Gaëtan Gatian Clérambault (1872-1934): psiquiatra francês, diretor (médico-chefe) da Enfermaria da Delegacia de Polícia de Paris e considerado um clínico moderno por sua categoria no período entre as duas grandes guerras. “[...] A seus olhos, a doença mental subordinava-se a uma organogênese: era de natureza constitutiva, isto é, de substrato hereditário.” (CHEMAMA, 2002, p.119).

⁴³ “Caso Aimée”: nome fictício de Marguerite Pantaine Anzieu (1892-1981), psicótica que em um de seus surtos delirantes, no qual tentou matar uma famosa atriz francesa, Huguette Duflos, a golpes de faca, foi internada no Hospital Sainte-Anne de Paris, lugar onde que passou a ser paciente de Lacan. (ROUDINESO & PLON, 2007, p.30).

⁴⁴ “Sobre a psicose paranóica em suas relações com a personalidade”. (CHEMAMA, 2002, p. 119).

passionais e classificando, entre essas duas categorias de adoecimento, a “loucura do amor casto”, denominada *erotomania*. Clérambault se referia aos sintomas clássicos da *erotomania* da seguinte maneira: “A história, [...] é sempre a mesma: o herói se acredita amado por aquela ou aquele que ele deseja castamente e que é em geral um personagem célebre – ator, rei ou acadêmico.” (IBID., 2002, p. 120).

A respeito do trabalho desenvolvido por seu mestre, Lacan (1955-1956) faz o seguinte comentário:

É uma obra que, independentemente de visadas teóricas, tem um valor clínico concreto – é considerável o número das síndromes clínicas que foram assinaladas por Clérambault de maneira completamente original e que desde então se acham integradas ao patrimônio da experiência psiquiátrica. Ele trouxe coisas preciosas nunca vistas antes dele e jamais retomadas depois, falo de seus estudos das psicoses determinadas pelos tóxicos. Numa palavra, na ordem das psicoses Clérambault continua absolutamente indispensável. (LACAN, [1955-1956], p.14).

Clérambault, contrariado com o suposto plágio, cortou por completo as relações com o discípulo. Lacan, por sua vez, mesmo contrariado com a injusta acusação, afirmou ter uma enorme gratidão por Clérambault, o qual teve como único mestre que o incentivou no desenvolvimento de seus trabalhos sobre as psicoses. (IBID., 2002, p.119).

Lacan havia utilizado o conceito de *erotomania* para descrever o *caso Aimée*, mas a construções teóricas por ele desenvolvidas sobre a paranóia eram inéditas. Numa passagem do Seminário sobre *As psicoses*, Lacan (1955-1956) fala a respeito de sua tese e sobre o mestre que o inspirou na elaboração de sua teoria sobre as psicoses:

Tentei na minha tese promover um outro ponto de vista. Eu ainda era evidentemente um jovem psiquiatra, e fui aí introduzido em muito pelos trabalhos, pelo ensino direto, e ousaria mesmo dizer pela familiaridade de alguém que desempenhou um papel muito importante na psiquiatria francesa daquela época, e que é o Sr. Clérambault, de quem evocarei a pessoa, a ação e a influência nesta falação inicial. (IBID., 1955-1956, p.13).

Com esta declaração dirigida a Clérambault e as experiências obtidas por Lacan, ainda como acadêmico de Psiquiatria, percebemos o quanto ele se beneficiou de tais influências e pode escolher, em suas convicções, qual rumo daria às suas elaborações sobre as psicoses e posteriormente sobre a Psicanálise.

Além de ter significado um “divisor de águas” no modo de pensar sobre a teoria da paranóia, o *caso Aimée* possibilitou seu afastamento definitivo da Psiquiatria e ao mesmo

tempo sua aproximação da Psicanálise. Assim, no mesmo ano em que publicou sua tese, Lacan iniciou sua análise pessoal com Rudolf Loewenstein⁴⁵.

Foi no ano de 1936 que Lacan passou a se dedicar à *filosofia hegeliana* e sua “fenomenologia do espírito”, o que o estimulou a participar dos seminários de Alexandre Kojève⁴⁶. Neste mesmo ano, conheceu Georges Bataille⁴⁷, Reymond Queneau⁴⁸ e Alexandre Koyré⁴⁹. Frequentou a revista *Recherches Philosophiques* e participou dos encontros promovidos pelo *Colège de Sociologie*. Todas essas leituras influenciaram e marcaram o modo de Lacan trabalhar com a obra freudiana à luz da filosofia alemã.

No percurso de Lacan, vale destacar o peso de sua relação com os mestres na universidade e a influência indireta que tiveram em sua proposta de Escola, pois a teoria que a sustenta reflete, de forma marcante, o pensamento de vários deles. Embora a teoria lacaniana tenha se constituído, ao longo de seu ensino, com base em seu retorno aos textos freudianos, grande importância tiveram para ele, no início de seu ensino, a *filosofia heideggeriana*⁵⁰ e os trabalhos de linguística de Ferdinand de Saussure⁵¹ e Claude Lévi-Strauss⁵². Posteriormente, ele seguiu o próprio curso, mas a originalidade de seu discurso foi elaborada com base nas influências que recebeu da Filosofia, da Sociologia, do Estruturalismo⁵³, da Linguística, da

⁴⁵ Rudolf Loewenstein (1898-1976): psiquiatra e psicanalista gaulês naturalizado francês por conta do anti-semitismo. Foi membro fundador da SPP e da Associação Psicanalítica Americana (APA) e um dos fundadores do movimento Ego Psychology (ROUDINESCO & PLON, 2007, p. 477).

⁴⁶ Alexandre Kojève (1902-1976): filósofo político marxista e hegeliano francês de origem russa. Ensinou Filosofia na *École Pratique des Hautes Études*, mas após a Segunda Guerra Mundial. (WIKIPÉDIA-ENCICLOPÉDIA LIVRE, 2009).

⁴⁷ Georges Bataille (1897-1962): filósofo e escritor francês cuja obra dominava, além da Filosofia, o campo da Literatura, da Antropologia, da Sociologia e da História das Artes. (IBID., 2009).

⁴⁸ Reymond Queneau (1903-1976): poeta e escritor alemão surrealista normandiense radicado em França. Em 1934, Queneau se juntou aos surrealistas, mas não adotou seus métodos de escrita automática ou suas posições políticas (IBID., 2009).

⁴⁹ Alexandre Koyré (1882-1964): filósofo francês de origem russa. Koyré aprofundou seus estudos na Filosofia de Edmund Husserl e David Gilbert. Foi professor na *École Pratique des Hautes Études*. Mesmo sendo reconhecido como filósofo da ciência moderna, seus estudos baseavam-se na história da religião e da metafísica (IBID., 2009).

⁵⁰ Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão que publicou estudos sobre a ontologia existencial. (DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO KOOGAN LAROUSSE, 1978, p.1275).

⁵¹ Ferdinand de Saussure (1857-1913): linguista suíço que proferiu em Genebra um curso de Linguística Geral que posteriormente foi publicado por dois de seus alunos Charles Bally e A. Séchéhaye. (IBID., 1978, p.1564).

⁵² Claude Lévi-Strauss (1908): antropólogo, etnólogo e filósofo francês de origem belga. Lévi-Strauss é considerado um dos promotores do estruturalismo (IBID., 1978, p.1353).

⁵³ Estruturalismo: “[...] Nas ciências humanas, designação genérica das diversas correntes que se baseiam no conceito teórico de estrutura [...], e no pressuposto metodológico de que a análise das estruturas é mais importante do que a descrição ou interpretação dos fenômenos, em termos funcionais.” Na linguística corresponde a “[...] posição inovadora dos estudos linguísticos da primeira metade do século XX, que consideravam a língua como um sistema estruturado por relações formais e não evidentes para a consciência do falante e, que, metodologicamente, preconizavam a observação do maior número de fatos, de modo a fundamentar proposições que, pela generalização rigorosa, viabilizassem a descoberta da estrutura”. Para a antropologia designa “[...] o método de análise e interpretação dos fenômenos sociais que, partindo do pressuposto de que estes têm uma natureza simbólica e comunicacional, procura entendê-los como estruturados

Lógica e Matemática. Assim, Lacan não apenas retorna à Psicanálise de Freud, mas avança na teoria contribuindo com a criação de novos conceitos a partir de outras áreas do conhecimento e do que aprendeu com seus mestres.

Por isso, seu “retorno a Freud” possibilitou a reinvenção de uma teoria, não no sentido de “inventar de novo”, mas de criar “a partir de”.

Com o intuito de exemplificar textualmente o trabalho de retorno à Freud, realizado por Lacan, retomamos a uma importante passagem do Seminário sobre As psicoses. No primeiro capítulo do referido Seminário, Lacan (1955-1956) escreve:

Vamos partir da doutrina freudiana para apreciar o que nesta matéria ela ensina, mas não deixaremos de introduzir as noções que elaboramos no decorrer dos anos precedentes, nem de tratar todos os problemas que as psicoses nos suscitam atualmente. Problemas clínicos e nosográficos em primeiro lugar, a cerca dos quais me pareceu que todo benefício que a análise pode produzir não tinha sido completamente evidenciado. (P.11).

Portanto, o retorno realizado por Lacan não se reduziu a um simples ato de releitura.

Lacan compreendia que a prática psicanalítica estava prejudicada pela falta de fundamentação na teoria freudiana. Nomeava-se freudiano por sempre se basear nos conceitos fundamentais criados por Freud, trabalhando com o apoio neles, e depois avançando no desenvolvimento da teoria psicanalítica, onde produziu relevante e grandiosa obra, de sua autoria.

Para compreender o avanço teórico de Lacan assentado na obra de Freud, vejamos o que Michel Foucault ⁵⁴ compreende como “retorno a...”. Em uma conferência intitulada *Qu'est-ce qu'un autor?*, proferida na *Société Française de Philosophie* em 1969, em que voltava sua atenção para o problema do sujeito e a sua relação com a escrita, Foucault (1969) inicia criticando a forma errônea em que comumente é empregado o conceito de autoria:

A noção de autor constitui o momento forte da individualização na história das idéias, dos conhecimentos, das literaturas, na história da filosofia também, e na das

em sistemas de relações lógicas, formais, que vigoram num nível inconsciente nos diversos aspectos da vida coletiva (do parentesco aos mitos, e mesmo à psicologia individual), de tal modo que, pela elaboração de modelos conceituais abstratos, e operando permutações entre seus elementos, se possa alcançar um grau crescente de generalização do conhecimento sobre as sociedades humanas.” Nas ciências econômicas diz respeito ao “[...] pensamento econômico latino-americano, doutrina que enfatiza a importância de características estruturais de uma economia (como o regime de propriedade de terras, nível de industrialização, etc., por oposição a características consideradas conjunturais) na explicação de fenômenos como, p. ex., a tendência à inflação nos países dessa região”. (AURÉLIO, versão eletrônica, 1999).

⁵⁴ Paul-Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês também graduado em Psicologia, fez mestrado e doutorado na *Universidade de Sorbone*. Estudou e lecionou Filosofia na *École Normale Supérieure* (ENS). Foucault também ensinou no *Collège de France* e na *Universidade da Califórnia*, em Berkeley, Estados Unidos (INFOESCOLA, 2009).

ciências. Mesmo hoje, quando se faz a história de um conceito, de um gênero literário ou de um conceito, creio que tais unidades continuam a ser consideradas como recortes relativamente fracos, secundários e sobrepostos em relação à unidade primeira, sólida e fundamental, que é o autor e sua obra. (P. 33).

Na concepção foucaultiana de autoria, a escrita representa um jogo ordenado de signos, onde a natureza do significante tem mais importância do que o significado do conteúdo presente no texto. Assim, a escrita tem a característica de ser experimentada em todos os seus limites, podendo a qualquer momento ser transgredida ou invertida pelo autor.

Na sequência, Foucault (1969) acrescenta, exprimindo a concepção de que:

[...] a escrita desdobra-se como um jogo que vai infalivelmente para além das suas regras, desse modo as extravasando. Na escrita, não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever, nem da fixação de um sujeito numa linguagem: é uma questão de abertura de um espaço onde o sujeito de escrita está sempre a desaparecer. (P. 35).

De acordo com Foucault, não se trata de afirmar que o autor desapareceu, mas de buscar as lacunas que o autor deixou em sua escrita, investigar os espaços que seu desaparecimento deixa mostrar. Assim, é nesse espaço vazio que reside a possibilidade de avançar na teoria. Nem todo texto, no entanto, tem essa característica que possibilite criar com base no que ela introduziu. Os autores que fazem esse papel são considerados por Foucault como *fundadores de discursividades*. A esses autores não se configura apenas a função de criadores de suas obras, de seus livros, mas de algo a mais: a abertura para a elaboração de outros textos.

Como exemplos de *fundadores de discursividades*, Foucault cita Freud e Karl Marx⁵⁵. De acordo com o Grande Filósofo, estes autores não apenas criaram obras, mas também instituíram uma possibilidade indefinida de discursos. A respeito desses grandes autores, Foucault (1995-1964) tece o seguinte comentário:

[...] quando falo de Marx e Freud como “instauradores de discursividades”, quero dizer que eles não só tornaram possível um certo número de analogias como também tornaram possível (e de que maneira) um certo número de diferenças. Eles abriram espaço para outra coisa diferente deles e que, pertence ao que fundaram. (P. 60).

No que se refere a Freud, dizer que ele fundou a Psicanálise não significa que encontramos os conceitos por ele constituídos nas obras de psicanalistas como Melanie Klein

⁵⁵ Karl Marx (1818-1883): filósofo e economista alemão. Redigiu, com o socialista Friedrich Engels, *O Manifesto do Partido Comunista* (1848). Escreveu *O Capital* (1867), obra que introduziu a doutrina marxista. (DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO KOOGAN LAROUSSE, 1978, p.1391).

e Donald Winnicott ⁵⁶, mas que possibilitou “[...] um certo número de diferenças relativamente a seus textos, aos seus conceitos, às suas hipóteses que revelam o próprio discurso psicanalítico.” (IBID., 1964, p.60).

Dar seguimento à discursividade da teoria psicanalítica, tal como foi criada por Freud, não significa que a teoria psicanalítica passe a adquirir a generalidade formal que não possuía. Se fosse assim, os conceitos da Psicanálise postulados por Freud seriam limitados e passariam a ser vistos como um conteúdo teórico derivado e secundário.

Conforme Foucault, as obras desses *instauradores de discursividades* não se constituíam como ciência ou ocupavam o mesmo campo que ela configurava. Neste sentido, eram a ciência ou a discursividade que estava na dependência das obras dos instauradores, concebendo-a como primeira coordenada.

Foucault (1969) considera que retornar a uma determinada obra representa:

[...] um movimento que tem sua própria especificidade e que caracteriza justamente as instaurações de discursividade. Para que haja retorno é necessário, primeiro, que tenha havido esquecimento, não esquecimento acidental, não uma recuperação devida a alguma incompreensão, mas esquecimento essencial e constitutivo. (IBID., 1969, p.64).

Assim, compreendemos que determinados textos, ditos fundadores de discursividades, possibilitam que o leitor se depare com o que está presente no próprio texto, em sua transparência do que se revela como ausência de autoria. Retornar à leitura destes escritos é deparar-se com as lacunas presentes no texto que o esquecimento tornou áspero ou escamoteou com uma falsa plenitude. Por isso, o retorno deve redescobrir este vazio, vindo constituir o infundável jogo de retorno às instaurações discursivas.

O tema sobre a autoria e do “retorno a...” discutido por Foucault foi retomado por Lacan (1968-1969) numa passagem de seu Seminário *De um Outro ao outro*. No referido escrito, Lacan anuncia quão profícua fora à exposição de Foucault, trazendo para discussão a importância da função do retorno a certo autor, a determinada obra. Neste sentido, Lacan (1968-1969) comenta:

[...] Agora, a data em que estamos, tenho a satisfação de ver que uma Sociedade de grande amplitude de espírito encontra-se em condições de apreciar a originalidade de um autor como Freud. Foi o que mostrou Michel Foucault no sábado passado numa espécie de lugar precário, chamado de Sociedade de Filosofia, onde enunciou

⁵⁶ Donald Winnicott Woods (1896-1971): psiquiatra e psicanalista inglês, considerado o fundador da Psicanálise de crianças na Inglaterra. Winnicott pertenceu ao Grupo Independente (grupo de psicanalistas freudianos que optaram por não seguir Anna Freud e Melanie Klein). “[...] deixou uma herança conceitual fundamental, embora nunca tivesse fundado escola ou corrente (ROUDINESCO & PLON, 2007, p.782).

a pergunta *Que é um autor?* isso levou a valorizar um certo número de termos que merecem ser enunciados a propósito dessa pergunta, por exemplo: qual é a função do nome de um autor? Foucault encontrou meios de destacar a ordenação dessa função num nível de uma interrogação semântica, atendo-se a sua situação estreitamente interna ao discurso e mostrando então que decorre daí um questionamento, um efeito de cisão, um rompimento da relação com o discurso que prevalece na chamada Sociedade dos seres Pensantes, ou república das letras. Freud nesse caso desempenhou um papel capital. De fato, Michel Foucault, não apenas acentuou, mas aguçou em toda a sua articulação a função do *retorno a*. Por este último fato, considere-me convocado a essa conferência, já que, em nossos dias, ninguém deu mais peso do que eu ao *retorno a*, a propósito do retorno a Freud. (P.184).

Lacan traz essas questões para assegurar que ele, mais do que qualquer outro autor, tem efetuado incansavelmente o retorno à obra de Freud, dando continuidade à elaboração da teoria psicanalítica e propiciando o surgimento de importantes conceitos teóricos, sem perder sua originalidade e a marca de seu discurso, de seu estilo.

3.1 O rompimento com a IPA

A insistência de Lacan em apontar os equívocos sobre o modo de transmissão psicanalítica nas instituições psicanalíticas ocasionou sua expulsão da IPA. Esse fato aponta para uma postura bastante característica em Lacan, que era a de pregar seu ponto de vista quando não concordava com alguma posição teórica, mesmo que isso lhe custasse incompreensão, desentendimentos e desafetos.

Para explorar o rompimento de Lacan com a IPA, retornamos ao momento de sua estréia como membro da *Sociedade Psicanalítica de Paris* (SPP). Em novembro de 1926, foi criada a SPP, primeira instituição psicanalítica francesa, inicialmente composta por doze membros: René Laforgue ⁵⁷, Marie Bonaparte ⁵⁸, Eddouard Pichon ⁵⁹, Charles Odier ⁶⁰,

⁵⁷ René Laforgue (1894-1962): psiquiatra, psicanalista alemão radicado em França e membro fundador da SPP. Considerado fundador do movimento psicanalítico francês, exerceu importante trabalho clínico com psicótico e formou muitos psicanalistas franceses, dentre os quais se destaca Françoise Dolto. Descontente com o fanatismo vigente nas sociedades psicanalíticas, rompe com a SPP em 1953 e se torna membro da *Sociedade Francesa de Psicanálise* (SFP) (ROUDINESCO & PLON, 2007, p.454).

⁵⁸ Marie Bonaparte (1882-1962): sobrinha-bisneta de Napoleão Bonaparte, pertencente à primeira geração de psicanalistas franceses “[...] reinou como soberana a *Sociedade Psicanalítica de Paris* (SPP), da qual foi [...]” um de fundadores. A renomada psicanalista traduziu boa parte da obra freudiana, foi responsável pela organização do movimento psicanalítico francês, financiou a vinda de Freud e sua família para a Inglaterra, além de contribuir financeiramente com muitas das produções psicanalíticas. Era adepta da análise leiga, mas não suportava as críticas de Lacan e o fato dele atrair grande número de jovens para seus seminários (IBID., 2007, p.81).

Raymond Saussure ⁶¹, Rudolf Loewenstein, René Allendy ⁶², Geroges Parcheminey ⁶³, Eugénie Sokolnicka ⁶⁴, Angelo Hesnard ⁶⁵, Adrien Borel ⁶⁶ e Henry Codet ⁶⁷.

Lacan passou a ser membro da SPP, instituição filiada a IPA, por intermédio de Édouard Pichon a partir de 1938. “[...] Pichon reconhecia seu gênio e queria fazer dele [...] herdeiro de uma tradição ‘francesa’ do freudismo.” (ROUDINESCO & PLON, 2007, p.446). Nesta época, o Jovem Analista já ocupava um lugar de destaque no meio acadêmico francês como “notável intelectual”.

Na SPP o talento de Lacan não era devidamente reconhecido, seus trabalhos e seus seminários não recebiam a atenção e o tratamento que mereciam em decorrência da posição crítica e *anticonformista* que tinha no que dizia respeito à política de funcionamento da instituição. Assim, Lacan criticava a ortodoxia com que os pós-freudianos tratavam a formação do psicanalista e as técnicas psicanalíticas, tais como: o mesmo número de sessões semanais, a determinação do tempo de quarenta e cinco a cinquenta minutos para cada sessão, procedimentos que de acordo com a instituição garantia a uniformidade no manejo do dispositivo psicanalítico. Outra questão que o inquietava bastante era a liberdade com que eram interpretadas as ideias freudianas, fazendo surgir, em nome da Psicanálise, práticas psicoterápicas de teor psicologista incompatíveis com os princípios fundamentais criados por Freud (SANTOS, 2005, p. 1). A respeito do posicionamento da IPA, no que diz respeito à proliferação destas práticas efetuadas como Psicanálise, Lacan (1964) afirma ser um:

⁵⁹ Édouard Pichon (1890-1940): pediatra e psicanalista francês que reconheceu a genialidade de Lacan, acreditando poder fazer dele “[...] o herdeiro de uma tradição ‘francesa’ do freudismo”. Teve um importante papel na gênese do freudismo francês afirmando a relação entre a linguagem e o inconsciente (IBID., 2007, p.446).

⁶⁰ Charles Odier (1886-1952): psiquiatra e psicanalista suíço. Odier participou do movimento psicanalítico na Suíça e da fundação da SPP, na qual formou didatas (IBID., 2007, p. 555).

⁶¹ Raymond Saussure (1884-1971): psiquiatra e psicanalista suíço, filho de Ferdinand de Saussure e paciente de Freud. Foi um dos fundadores da SPP. Por conta da guerra, imigrou em 1940 para os Estados Unidos e em 1952 retornou para Genebra, onde exerceu importante papel na expansão do movimento psicanalítico (IBID., 2007, p. 684).

⁶² René Allendy (1889-1942): médico, psicanalista francês e membro fundador da SPP (IBID., 2007, p. 15).

⁶³ Geroges Parcheminey (1888-1953): neurologista, psicanalista francês, membro fundador da SPP (Disponível em: WIKIPÉDIA: A ENCICLOPÉDIA LIVRE. [www.http://pt.wikipedia.org/wiki](http://pt.wikipedia.org/wiki). Acesso em: 28 Jan. 2009).

⁶⁴ Eugénie Sokolnicka (1884-1934): psicanalista polonesa radicada em França, paciente de Freud e Ferenczi. Sokolnicka foi membro da *Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras*, pioneira na Psicanálise com crianças e membra fundadora da SPP. (ROUDINECO & PLON, 2007, p. 721).

⁶⁵ Angelo Hesnard (1886-1969): psiquiatra, psicanalista francês e membro fundador da SPP. Hesnard pertenceu à primeira geração de psicanalistas franceses, sendo considerado o primeiro pioneiro da Psicanálise em França. Formou didatas sem nunca fazer análise pessoal (IBID., 2007, p.332).

⁶⁶ Adrien Borel (1886-1966): psiquiatra, psicanalista francês e membro fundador da SPP (IBID., 2007, p.84).

⁶⁷ Henry Codet (1889-1939): psiquiatra, psicanalista francês e membro fundador da SPP (Disponível em: WIKIPÉDIA: A ENCICLOPÉDIA LIVRE, 2009).

[...] conformismo da mirada, barbarismo da doutrina, regressão rematada a um psicologismo puro e simples, tudo isso mal compensado pela promoção de um clericalismo fácil de caricaturar, mas que, em sua compunção, é realmente o resto que atesta a formação pela qual a psicanálise não se dissolve naquilo que propaga. (P. 243).

Logo após a Segunda Guerra Mundial, a França passou por momentos muito difíceis, gerando crises em todos os setores sociais e culturais, e a Psicanálise francesa não deixou de ser atingida em tais circunstâncias. As condições sociais surgidas em consequência do pós-guerra abalaram consideravelmente as relações entre os membros da SSP que já vinham passando por muitos desgastes em virtude de sérias discordâncias sobre sua política de funcionamento, provocadas principalmente pelas críticas levantadas por Lacan e seus seguidores intelectuais.

A crise do ano de 1952 foi decisiva para que, no ano seguinte, fosse desencadeada a primeira cisão da história do movimento psicanalítico francês, conhecida como a *Discórdia dos Mestres*. Muito antes deste período, no entanto, eclodiram sérios conflitos entre os membros da SPP, principalmente quanto a uma antiga querela surgida desde os primórdios do movimento psicanalítico sobre a questão da Psicanálise ser aplicada por quem não possuísse formação médica, análise leiga.

Em junho de 1953, foram demitidos oficialmente da SPP: Juliette Favez-Boutonier⁶⁸, Daniel Lagache, Françoise Dolto⁶⁹, Lacan e Blanche Reverchon-Jouve⁷⁰. Nesta época Lacan presidia a SPP e o *estopim* que impulsionou seu pedido de demissão e posteriormente a de seus colegas psicanalistas foi à decisão tomada pela referida instituição psicanalítica de “[...] ministrar um ensino regulável e diplomável, tendo como modelo a faculdade de medicina”. (CHEMAMA, 2002, P.122).

Assim, a partir de 1953, passaram a existir dois grupos divergentes: a vertente formada pelos psicanalistas mais radicais, adeptos da *ordem médica*, conduzidos pelo conservador Sasha Nacht⁷¹ e apoiados por Marie Bonaparte, membros fiéis à política da IPA. Nacht defendia, assim como muitos psicanalistas ianques, o exercício da Psicanálise apenas a quem tivesse formação médica.

⁶⁸ Juliette Favez-Boutonier (1903-1994): filósofa e psicanalista francesa (ROUDINESCO & PLON, 2007, p.226).

⁶⁹ Françoise Née Marette Dolto (1908-1988): pediatra, psicanalista e escritora francesa, considerada o segundo grande nome do freudismo francês, participou da fundação da *École Freudienne de Paris* (EFP) (IBID., 2007, p.157).

⁷⁰ Blanche Reverchon-Jouve (1879-1974): psicanalista francesa, membro da *Sociedade Psicanalítica de Paris* (SPP). Blanche foi esposa do escritor austríaco, de origem judaica, Stefan Zweig (1881-1942) (SPEEDYLOOK, 2009).

⁷¹ Sasha Nacht (1901-1977): psiquiatra e psicanalista francês de origem romena que pertenceu à segunda geração de psicanalistas franceses (ROUDINESCO & PLON, 2007, p.529).

Por outro lado, o grupo defensor da análise leiga era constituído pelos psicanalistas dissidentes da IPA e universitários liberais insatisfeitos com as questões relativas ao ensino e à prática da Psicanálise empregada pelas instituições psicanalíticas vigentes. Referido grupo, liderado por Lagache, fundou em 1953 a *Sociedade Francesa de Psicanálise* (SFP). A este movimento aderiram Lacan, Françoise Dolto, Juliette Favez-Boutonier e alguns representantes da terceira geração de psicanalistas franceses, como Didier Anzieu ⁷², Jean Laplanche e Jean-Bernard Pontalis ⁷³.

Antes desta cisão, Lacan já atraía para seus seminários grande número de estudantes universitários, seduzidos por seu ensino e dispostos a romper com o *academicismo* até então vigente na instituição psicanalítica, fruto do freudismo constituído pela primeira geração de psicanalistas franceses. Quando proferia seus seminários, Lacan já havia sido reconhecido como clínico e didata pela SFP.

Seu senso agudo da lógica da loucura, sua abordagem original no campo das psicoses e seu talento lhe valeram ao lado de Françoise Dolto, um lugar especial aos olhos da jovem geração psiquiátrica e psicanalítica. (ROUDINESCO & PLON, 2007, p.448).

A partir de 1953, durante dez anos, duas vezes por mês, Lacan proferiu na SFP seus seminários no auditório do *Hospital Saint-Anne*. Mesmo não havendo reconhecimento da SFP por parte da IPA, Lacan insistiu no trabalho de transmissão da causa psicanalítica.

Durante dez anos, o ensino de Lacan deu à comunidade freudiana francesa um desenvolvimento considerável: ‘nossos mais belos anos’, diriam os ex-combatentes desse grupo em crise e desse movimento em busca de reconhecimento. (IBID., 2007, p.449).

Além de seu trabalho na clínica psicanalítica, no espaço de tempo compreendido entre 1953 e 1963, Lacan dedicou-se com afinco ao ensino da Psicanálise. Podemos afirmar que esta foi uma experiência bastante produtiva e que contribuiu para consolidar sua obra na transmissão da Psicanálise. A esse respeito Roudinesco e Plon (2007) comentam:

⁷² Didier Anzieu (1923-1999): psicólogo, psicanalista francês, membro fundador do Sindicato dos Psicólogos Psicanalistas, doutor em Letras e autor de diversas obras psicanalíticas. Filho de Marguerite Anzieu (1892-1981) a verdadeira identidade da protagonista do célebre *Caso Aimeé*. (INFOPÉDIA: ENCICLOPÉDIA E DICIONÁRIOS PORTO EDITORA, 2009).

⁷³ Jean-Bernard Lefebvre Pontalis (1924): filósofo, psicanalista e escritor francês. (WIKIPÉDIA: A ENCICLOPÉDIA LIVRE, 2009).

[...] cercado por discípulos brilhantes, Lacan ensinou o saber freudiano à maneira de um filósofo grego, reinando sobre uma aristocracia intelectual composta dos melhores psicanalistas da terceira geração francesa [...] (P.164).

Desde a sua criação, os membros da SFP tentaram negociar sua filiação à IPA, com a ideia de continuarem fiéis as suas propostas. Assim, foram anos de negociações sem sucesso, até que o Comitê Executivo dessa instituição decretou que Lacan e Françoise Dolto perdessem definitivamente seus direitos de formar didatas. Esta sentença imposta foi justificada pela IPA, porque Lacan transgrediu as regras da técnica psicanalítica, principalmente as que determinavam o tempo das sessões, além de também defender a prática da análise leiga (IBID., 2007).

Esse episódio provocou a segunda grande cisão do movimento psicanalítico francês: a dissolução da SFP, que, segundo Roudinesco e Plon (2007), “Foi vivida como um desastre por todos os membros da SFP, tanto pelos alunos quanto pelos negociadores [...]” (Ibid., 2007, p.449).

Mencionado acontecimento causou tanta repercussão para o meio psicanalítico da época que fez surgir outro espaço para se trabalhar com a transmissão da Psicanálise. Isso trouxe consequências significativas para a história do movimento psicanalítico e o próprio modo de conceber a Psicanálise dentro e fora das instituições psicanalíticas. Este ato, no entanto, possibilitou a Lacan exprimir todo o seu repúdio à IPA, tanto que intitulou de “Excomunhão” o primeiro capítulo de seu Seminário sobre *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). A palavra excomunhão havia sido escolhida intencionalmente por ele no intuito de expressar a sua conturbada saída da principal instituição de Psicanálise.

Para Lacan, o ato de sua “excomunhão” revelou-se semelhante a uma ação praticada nas comunidades religiosas. Desta forma, Lacan compara a IPA a um grupo religioso, a uma Igreja. A respeito do fatídico episódio de sua exclusão, Lacan (1964) escreve: “Não estou querendo dizer – mas isto não seria impossível – que a comunidade psicanalítica é uma Igreja. Contudo, incontestavelmente, surge a questão de saber o que nela pode mesmo fazer eco a uma prática religiosa”. (P. 12).

Em decorrência do rompimento com a IPA, a SPF foi dissolvida em 1963 e, no ano seguinte, Lacan fundou a *École Freudienne de Paris* (EFP), no entanto, após a cisão com a IPA, a maioria dos ex-alunos de Lacan optou por seguir Daniel Lagache, que fundou a *Associação Psicanalítica de França* (APF), instituição psicanalítica reconhecida pela IPA (ROUDINESCO & PLON, 2007, p.449).

Lacan optou por dar continuidade ao seu ensino, mesmo diante das grandes adversidades daquele momento, como o fato de ser renegado pela IPA e abandonado pelos alunos de seus seminários realizados no *Hospital de Sainte-Anne*.

Foi o filósofo Louis Althusser quem apoiou e acolheu o Psicanalista, oferecendo um local para a realização de seus seminários na *École Normale Supérieure* - ENS. “Na ENS, Lacan conquistou um novo auditório, uma parte da juventude filosófica francesa à qual Louis Althusser confiou o cuidado de trabalhar seus textos. [...]” (IBID., 2007, p.448).

Não foi apenas, no entanto, a discordância em relação à ortodoxia política adotada pela IPA que fez Lacan optar por seguir sozinho. Seu conceito de transmissão psicanalítica divergia muito do modo como era concebida nas instituições psicanalíticas até aquele momento.

3.2 A Escola de Lacan

Em 1964, Lacan fundou não apenas uma instituição de Psicanálise, mas também um novo modo de transmitir o legado de Freud. A *École Freudienne de Paris* (EFP) é considerada a primeira instituição da história do movimento psicanalítico a adotar um sistema institucional fundamentado nos princípios de uma Escola de Filosofia da Grécia antiga.

A proposta de Lacan consistia em fazer da EFP uma escola fundamentalmente freudiana, visto que sua criação tinha como objetivo promover, literalmente, um verdadeiro retorno aos textos de Freud, sem dar importância ao currículo e à hierarquia impostos rigorosamente pela IPA. Ao eleger o significante “Escola”, Lacan, propositadamente, distanciou-se do que significa “associação”⁷⁴ ou “sociedade”⁷⁵, rendendo, desta forma, uma homenagem à transmissão do saber conforme a antiga tradição do ensino da Filosofia grega aristotélica.

Sobre o ensino proposto pela Escola, Lacan (1964) adverte:

⁷⁴ Associação: “1. Ato ou efeito de associar (-se). 2. Agrupamento de pessoas”. (MELHORAMENTO DICIONÁRIOS: LÍGUA PORTUGUESA, 2006, P. 48).

⁷⁵ Sociedade: “1. Agrupamento de homens ou de animais que vivem de acordo com uma lei que lhes é comum. 2. Meio urbano no qual uma pessoa se acha integrada. 3. Associação de duas ou mais pessoas que atuam como proprietárias de uma empresa. 4. Agremiação, associação. 5. Convivência; relações familiares”. (IBID., 2006, P. 483).

Deixemos de lado o lugar de onde isso retorna, não sem razão de fazê-lo, com o escudo originário, o desafio que ele traz, já por Freud saudado: a Escola afirma-se antes de tudo freudiana, por isso – se há uma verdade que sem dúvida se sustenta numa presença paciente a reiterá-la, mas que, por esse efeito, tornou-se consciência como que da área francesa – é que a mensagem freudiana ultrapassa em muito, em sua radicalidade, o uso que dela fazem os praticantes de obediência anglófona. (P. 243).

A proposta da Escola traz em si o rompimento com a tradição do ensino da Psicanálise até então exercida pela IPA desde que foi criada por Freud. Antes de tratar mais detidamente as questões que diferenciam o modo de transmissão da Psicanálise em Freud da EFP, Lacan faz uma analogia entre a posição do Criador da Psicanálise com o modo como se realizaria o ensino na Escola. De acordo com essa analogia, Freud comportava-se na *Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras* à maneira de Sócrates ⁷⁶, utilizando-se da *maiêutica* ⁷⁷ com seus discípulos, enquanto a Escola idealizada por Lacan se caracterizava como modelo da *Academia de Platão* ⁷⁸. (ROUDINESCO & PLON, 2007).

A Escola de Lacan surgiu como marco na história do movimento psicanalítico, trazendo com ela um espírito de mudança no estilo da transmissão da Psicanálise, sem perder o fio leitmotiv da radicalidade postulada pela letra freudiana. Na *Ata de Fundação* da Escola, Lacan (1964) crítica a maneira deturpada como a transmissão da Psicanálise vinha se desenvolvendo nos últimos anos pela IPA, onde os conceitos freudianos passaram a coabitar com psicologismos trazidos pela Ego Psychology. Criticava severamente a corrente psicanalítica do Ego Psychology, que priorizava o Eu (Ego) em detrimento do inconsciente (Isso) e que ele denominava de “Psicanálise americana”. A respeito do compromisso com os princípios da teoria freudiana que a Escola se propunha seguir, Lacan (1964) escreve:

Este título em minha intenção representa o organismo em que deve realizar-se um trabalho – que, no campo aberto por Freud restaura a saga cortante de sua verdade: que reconduza a práxis original que ele instituiu sob o nome de psicanálise ao dever que lhe compete em nosso mundo: que por uma crítica assídua, denuncie os desvios e concessões que amortecem seu progresso, degradando seu emprego. (P. 235).

⁷⁶ Sócrates (470-339 a.C.): filósofo grego que hostil a todo ensinamento dogmático, criou o método da maiêutica (CUVILLIER, 1986, p. 116).

⁷⁷ Maiêutica: método socrático que se consistia em libertar os espíritos de seus interlocutores, fazendo-os descobrir a verdade que traziam em si mesmos, “[...] interrogando-os sem cessar (ironia) e obrigando-os a verificar suas próprias contradições (dialética).” (DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO KOOGAN LAROUSSE, 1978, p.1579).

⁷⁸ Platão (428-347 a.C.): filósofo grego, discípulo de Sócrates. A filosofia socrática “[...] cujo método era a dialética tem por coroarmento a teoria das idéias: a verdade, objeto da ciência, não está nos fenômenos particulares e passageiros, mas nas idéias, tipos puros de cada grupo de seres, coroada pela idéia suprema do bem.” (IBID., 1978, p.1489).

Em relação aos padrões da IPA, a EFP trouxe mudanças significativas que repercutiram no modo de conceber a própria formação do psicanalista. No decorrer de seus três primeiros anos de funcionamento, a EFP passou por significativas e radicais inovações. Dentre elas, podemos citar: a extinção da diferença entre análise didática e análise terapêutica, a anulação da regra que determinava a duração das sessões e a admissão de pessoas provenientes de outras formações universitárias e que não eram psicanalistas.

Procedidas tais mudanças, operou-se um novo modelo de formação psicanalítica, no qual os direitos dos sujeitos engajados no projeto de se formarem psicanalistas foram ampliados significativamente. Assim, de acordo com os princípios da EFP, o candidato a psicanalista poderia escolher com quem fazer análise e supervisão, sem ter que se submeter a uma pré-seleção. Lacan afirmava que “[...] o essencial é que o analisado seja livre para escolher seu analista”. (IBID., 1964, p.21). Além disso, cada psicanalista teria o direito de decidir o tempo das sessões que realizava, assim como qualquer pessoa interessada no projeto freudiano poderia solicitar sua adesão à Escola. A este respeito, Solande Faladé ⁷⁹ (1975) faz a seguinte colocação:

[...] no princípio que regula a admissão à Escola, que não é de nenhuma maneira obrigatório ser analista, e que, pelo contrário, a Escola tem o que aprender de quem, formado em qualquer outra disciplina que não a análise, possa contribuir com o que se chama geralmente de conhecimentos para aumentar o dossiê que, seguramente, a nós, analistas – e já foi demasiadamente provado –, faz-nos falta, e para trazer-nos algum material com que possamos em suma apoiar a nossa prática. (P. 111).

Lacan acreditava que a Psicanálise necessitava dialogar com outros saberes no intuito de testemunhar e adquirir conhecimentos que muito contribuiriam para sua transmissão. Isto era algo que Freud considerava imprescindível para a evolução destes saberes e para o próprio desenvolvimento da Psicanálise (FREUD, 1919-1918). A respeito desta significativa abertura, onde uma instituição psicanalítica viabilizasse categoricamente a participação de não analistas, Roudinesco e Plon (2007) fazem uma interessante analogia e comentam:

Por sua abertura aos não analistas, a EFP reatualizou o modelo da Sociedade Psicanalítica das Quartas-Feiras, cuja maioria dos membros, a princípio, compunha-se de intelectuais. Por isso é que ela atraiu não apenas uma multidão de jovens terapeutas, que rejeitavam a esclerose dos outros grupos franceses, como também boa parte da juventude filosófica, em especial os alunos da École Normale Supérieure [...]. (P. 164).

⁷⁹ Solange Faladé (1945-2004): psicanalista e escritora francesa de origem africana, foi membro da EFP. (Disponível em: WIKIPÉDIA: A ENCICLOPÉDIA LIVRE, 2009).

O fato de atrair tantos adeptos, mesmo após sua difícil e conturbada saída da IPA, fez Lacan constatar que finalmente chegara o momento de pôr em prática o que ele considerava ser a transmissão da Psicanálise. Fundaria, então, uma instituição de Psicanálise livre do dogmatismo que caracterizava o funcionamento da IPA.

Sabendo da armadilha que os efeitos imaginários de identificação são capazes de provocar em qualquer formação de grupo, Lacan, fundamentado por determinados conceitos da Lógica e da Matemática, desenvolveu alguns dispositivos que pudessem de certa forma dificultar os “efeitos de grupo” surgidos na *identificação*, descritos e desenvolvidos teoricamente por Freud (1921) em seu texto *Psicologia das Massas e Análise do Ego*. A teoria freudiana analisa que o mecanismo da identificação corresponde “[...] a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. [...] é ambivalente desde o início; pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto um desejo de afastamento de alguém.” (FREUD, 1921, p.133). Ao ler Freud, e posteriormente, Lacan sobre o mecanismo da *identificação*⁸⁰, podemos dizer que existem três diferentes maneiras do sujeito fazer laço com o *outro* / *Outro*. A primeira delas corresponde a uma *identificação primitiva*, pré-edipiana determinada pela relação canibalesca de incorporação do objeto. No segundo modo, a identificação funciona “[...] como substituto regressivo de uma escolha de objeto abandonada.” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1994, p.228). Nesta identificação do sujeito a um substituto da falta do objeto perdido, Freud desenvolvê-lo a partir do emprego da palavra alemã *einzigster zug* que significa *traço unário*. É a partir deste modelo que Lacan vai desenvolver sua teoria sobre a identificação, dedicando-se nos anos de 1961 e 1962 um seminário inteiro a esse tema. O terceiro tipo ocorre quando “[...] qualquer investimento sexual do outro, o sujeito pode, todavia identificar-se com ela na medida em que ambos têm em comum um elemento (desejo de ser amado, por exemplo); por deslocamento, será em outro ponto que irá produzi-se a identificação (identificação histórica).” (P .229).

Para explicar estes fenômenos de *identificação*, que comumente afetam as formações humanas de grupo, Freud aponta como exemplo, a Igreja Católica e o Exército. De acordo com o Grande Psicanalista, estas instituições são formações grupais onde os seus membros se identificam a um líder (*Ideal do eu*). A esse respeito Freud tece a seguinte análise:

Numa Igreja [...], bem como num exército, por mais diferentes que ambos possam ser em outros aspectos, prevalece a mesma ilusão de que há um cabeça – na Igreja

⁸⁰ *Identificação*: “Assimilação de um eu estranho, resultando que o primeiro se comporta como o outro em determinados pontos de vista, que ele limita, de alguma forma, e que acolhe em si mesmo, sem se dar conta disso”. (CHEMAMA, 2002, p.102).

Católica, Cristo; num exército, o comandante chefe – que ama todos os indivíduos do grupo com um amor igual. Tudo depende dessa ilusão; se ela tivesse de ser abandonada, então tanto a Igreja quanto o exército se dissolveriam, até onde a força externa lhes permitisse fazê-lo.

Seguindo o raciocínio freudiano, Lacan acentua que esses efeitos eram responsáveis por fazer com que as pessoas pertencentes a um grupo passassem a se identificar com o líder que, por sua vez, ocupava o lugar do *Ideal do eu*⁸¹. Era exatamente dessa forma que se configurava o funcionamento das instituições psicanalíticas pós-freudianas que tinham como referência a IPA. Mesmo tendo advertido por meio de seu texto para o risco de cair nas armadilhas do imaginário promovido pela *identificação*, as relações desenvolvidas nas associações psicanalíticas em certos aspectos se assemelhavam as que a Igreja Católica e Exército exerciam sobre seus adeptos.

Assim, com a intenção de criar obstáculos que fizessem frente aos efeitos do imaginário nas formações de grupo, Lacan elaborou dispositivos capazes de dificultar o surgimento de tais efeitos, conforme veremos.

3.3 O *cartel* como dispositivo da Escola

Na *Ata de Fundação* da EFP (1964), Lacan aponta a importância do uso de um dispositivo do qual a Escola basearia seu funcionamento, algo que se aplicaria a todos os seus membros. Esse dispositivo é denominado de *cartel* por Lacan, o qual era atribuído à circunstância de admissão da Escola, passível de um controle interno e externo, possibilitando que se exercesse na prática o que fora instituído como transmissão da Psicanálise. Assim, ao *cartel* era dirigido o papel de constituir um estilo de ensino da Psicanálise radicalmente diferente, sobre o princípio da função fundadora da palavra, fazendo frente à formação de grupo de estudo.

Que Lacan diga que é dever dos analistas estar atentos a este *mais um* cuja presença passa geralmente despercebida, é o meso que dizer, pois, que o *cartel* representava,

⁸¹ *Ideal do eu*: em Freud corresponde ao lugar para onde o eu projeta seu ideal, “[...] no quadro da segunda tópica, o ideal do eu é, ao contrário, derivado do *supereu*, na medida em que representa a transformação da autoridade parental num modelo. (KAUFMANN, 1996, p.255). Para Lacan “[...] designa a instância da personalidade, cuja função, no plano simbólico, é de regular a estrutura imaginária do eu, as identificações e os conflitos que regem suas relações com seus semelhantes”. (CHEMAMA, 2002, p. 99).

a seus olhos, a unidade de combate contra a psicologia de grupo, ávida de *leadership*. (SAFOUAN, 1985, p.46)

Neste sentido, podemos dizer que o dispositivo do *cartel* representa o órgão base de uma Escola de Psicanálise. A esse respeito Lacan pontualmente adverte:

Os que vieram para esta Escola se comprometerão a cumprir uma tarefa sujeita a um controle interno e externo. É-lhes assegurado, em troca, que nada será poupado para que tudo o que eles fizerem de válido tenha repercussão que merecer, e no lugar que convier. (P. 235).

Lacan propôs para a EFP a formação de grupos de pessoas que se reunissem com certa frequência com o propósito de estudar um tema à luz da Psicanálise; entretanto, alertava para a noção de que sua proposta para esse grupo, o *cartel*, não correspondia ao modelo de um grupo de estudo qualquer. A esse respeito, Pierre Martin (1964)⁸² esclarece:

O Cartel na perspectiva da Escola freudiana, não é uma reunião de gente que se propõe simplesmente a um intercâmbio de idéias, e menos ainda um lugar de ensino direto ou magistral, num grupo pequeno ou num grupo mais ou menos extenso. (P. 65).

De modo algum foi sem propósito que Lacan escolheu a palavra *cartel*, que evoca por si só a palavra quatro. Lacan, na verdade, referia-se a *cardo*, que significa em *latim* “dobradiça” ou “abertura”, o que nos possibilita relacionar no sentido do abrir e o fechar algo. O *cartel* correspondia, por assim dizer, a um grupo formado por no mínimo três e no máximo cinco pessoas. Acentua, no entanto, que quatro é a medida certa para compor o grupo. Como três mais um são quatro, a quarta pessoa representava o dispositivo do *mais um*.

A respeito do lugar do *mais um* numa Escola, Lacan afirmava que deveria ser ocupado por uma pessoa escolhida pelo próprio grupo. A função do *mais um* corresponde à pessoa que fica responsável pela seleção, discussão e destino da produção de cada um dos componentes do *cartel*. A posição do *mais um* é temporária e permutativa, e de tempos em tempos, um elemento (pessoa) do grupo assume esse lugar. O *mais um*, teve estar consciente de que não há ganho no exercício de sua função, “[...] especificamente, no sentido de acumulação de um bem, nem ganho de gozo. Há trabalho, há *ciframento*. É também um enfrentamento com o

⁸² Pierre Martin: psicanalista, membro da SFP que participou das discussões nas *Jornadas de Estudos dos Cartéis* nesta instituição em 1975 (WIKIPÉDIA: A ENCICLOPÉDIA LIVRE, 2009).

saber / não saber. Juan David Nasio ⁸³ (1975, p.73) chama a atenção para uma das formulações lacanianas, a qual diz que o desejo do homem é o desejo do *outro* / *Outro* e aponta que o *mais um* é aquele que tem como função sustentar o desejo do *outro* / *Outro*.

Assim, o *mais um* não é um mestre, mesmo que seja ao lugar de quem porta um saber que o grupo se dirija. Embora o lugar do mestre exerça fascínio sobre o sujeito, o *mais um* deve se esquivar desse desejo e acreditar, mesmo identificado como “aquele que porta um saber”, é ao furo do saber que a função se reporta. Um *cartel* se constitui ao redor de um tema a ser trabalhado, onde o *mais um* funciona como aquele que provoca questionamentos, evitando respostas acabadas e absolutas. Neste sentido, o *mais um* correspondia, para os integrantes do *cartel*, ao semblante de quem tudo pode responder, mas reage evocando o *objeto mais gozar a* ⁸⁴ (BOTVINIK, 1975, p.74).

De acordo com Alain Didier Weill, o *mais um* ocupa no interior do *cartel* a posição do *sujeito da falta* \$ ⁸⁵, não um *sujeito suposto saber* ⁸⁶, mas “[...] de um sujeito que testemunharia que isso passou, que a mensagem passou, que houve metaforização, que foi reencontrado, além daquilo que se recebe como adquirido, o ponto nevrálgico de onde este contexto metonímico surgiu de um texto inaugural metafórico.” (P. 73).

O tempo de funcionamento de um *cartel* é previamente determinado, da mesma forma que o tema nele escolhido para estudo, e ao final deste período todos os seus membros devem apresentar uma produção textual à Escola. De acordo com Lacan, o trabalho realizado pelos elementos do referido grupo correspondia à elaboração de um escrito que representasse o produto final do *cartel*. A respeito do que objetiva tal apresentação, Lacan (1964) escreve: “Pela razão de que todo empreendimento pessoal levará seu autor às condições de crítica e de controle onde todo trabalho a ser desenvolvido será submetido à Escola.” (P. 18). O principal objetivo do *cartel* era “tentar” amenizar os efeitos imaginários presentes em todo grupo, como a crença na apropriação do saber e na idealização daquele que possa vir a acumulá-lo. Como todos os membros pertencentes ao *cartel* passam pela experiência durante determinados

⁸³ Juan David Nasio (1942): psiquiatra, psicanalista argentino radicado em França. Nasio foi membro da EFP, lecionou durante trinta anos na *Universidade de Paris VII* (Sorbonne) e atualmente dirige os *Seminários Psicanalíticos de Paris* (WIKIPÉDIA: A ENCICLOPÉDIA LIVRE, 2009).

⁸⁴ *Objeto mais gozar ou objeto a*: para Lacan é aquilo que insiste em se repetir, visto que o sujeito neurótico resiste em perdê-lo, por isto é um *a mais*, um excesso de gozo, objeto causa do desejo. “O objeto *a* (pequeno *a*) não é um objeto do mundo. Não representável como tal, só pode ser identificável sob a forma de ‘fragmentos’ parciais do corpo, reduzíveis a quatro o objeto da sucção (seio), o objeto da excreção (fezes), a voz e o olhar.” (CHEMAMA, 2002, p.152).

⁸⁵ *Sujeito da falta* (\$): sujeito que no discurso, pela lógica do significante, encontra-se dividido entre o saber e o gozo. Corresponde ao sujeito que passou pela castração simbólica. (IBID., 2002, p.152).

⁸⁶ *Sujeito suposto saber*: função que o psicanalista exerce na análise por meio da transferência já estabelecida. Neste processo, o analisante acredita que o psicanalista detenha um saber sobre seus sintomas e sua cura (LACAN, 1964, p.220).

momentos no lugar do *mais um*, espera-se, portanto, que passem pela desmistificação do lugar daquele que sabe. Fricher (2008), comenta que a função do *mais um* no *cartel* é de provocar, e neste sentido “[...] a provocação é sempre bem-vinda, para manter a pergunta como possibilidade de saber que não se trata de uma verdade religiosa”. (P.2). O lugar do *mais um* deve ser ocupado alguém que se destina a velar pelos efeitos internos de empreendimento, de provocar sua elaboração e de poder, para este fim, circular nos *quatro discursos*⁸⁷.

Em 1975, a EFP realizou as *Jornadas de Estudos dos Cartéis*, com o propósito de promover uma discussão acerca da função dos *cartéis*, mesmo com aqueles que não haviam chegado a funcionar como tal e não tenham chagado a sua finalidade. Nestas jornadas, Lacan reuniu grande parcela dos mais renomeados membros da referida Escola, onde estes puderam dar testemunho de suas experiências em *cartéis* constituídos desde a fundação da instituição psicanalítica.

As discussões levantadas pelos membros da EFP nas Jornadas contribuíram para refletir sobre o funcionamento dos *cartéis*, a função do *mais um*, um tema ainda bastante controverso e debatido no meio psicanalítico. A polêmica em torno da função dos *cartéis* e da eficácia do *mais um* numa Escola surgiu após algumas experiências fracassadas. Após longas discussões a esse respeito, o grupo chegou à constatação de que a escolha por um determinado *cartel* correspondia a um ato de responsabilidade e compromisso com os colegas membros da Escola e com a própria transmissão da Psicanálise.

Lacan havia advertido sobre os efeitos de grupo que poderiam impedir o funcionamento de um cartel, principalmente quando um grupo não possuía transferência suficiente que agregasse seus pares, as atraísse para o estudo e discussão em torno de um tema, fazendo funcionar o dispositivo do *mais um*. O fator responsável pela convergência dessas pessoas para um trabalho em comum, segundo Lacan, é a *transferência de trabalho*. Pierre Bastin⁸⁸ (1975) faz um comentário sobre a escolha das pessoas para se formar um *cartel*:

A propósito da escolha, penso que está bem claro na Ata de Fundação, que se trata de pessoas que conversavam sobre um desejo de fazer alguma coisa juntas: a partir daí, não penso que haja qualidades particulares para ser a pessoa a mais, salvo ter sido escolhida por outras três por consentimento mútuo, para que, imediatamente, alguma coisa funcione. (P. 88).

⁸⁷ Quatro Discursos: correspondem ao discurso do mestre, da histórica, do analista e do universitário. Foram propostos por Lacan trabalhar com os discursos nos quais o sujeito de linguagem circula no mundo na tentativa de fazer laço com o outro/Outro.

⁸⁸ Pierre Bastin: psicanalista francês, membro da EFP (WIKIPÉDIA: A ENCICLOPÉDIA LIVRE, 2009).

Os efeitos que impossibilitam o funcionamento de um *cartel*, como sua dissolução antes do período estipulado, a desistência ou a rotatividade de pessoas que compõem o grupo, a não-execução da produção escrita, podem ser motivados pelo fato de não haver *transferência de trabalho* suficiente que o sustente, ou porque o *mais um* não sustentar seu lugar.

Acreditamos que um dos fatores determinantes para a sustentação de um grupo de pessoas num *cartel* é a análise de cada um, pois a *transferência de trabalho* surgida no *cartel* é a repercussão da transferência estabelecida entre o psicanalista com seu analista na análise.

4 POSSIBILIDADE DE TRANSMISSÃO NA UNIVERSIDADE

O que descobrimos na experiência de qualquer psicanálise é justamente da ordem do saber, e não do conhecimento ou da representação. (LACAN, [1969-1970], p.28).

A universidade segue um modelo de ciência em seu sentido moderno, veiculando um saber que pode vir a ser dominado, apreendido e distribuído universalmente pela via da exposição, enquadrando o ensino no registro do mestre. Mas a psicanálise que nela ensinamos não é um simples objeto de estudo, sendo antes uma práxis que trata o real pelo simbólico, levando a consequência de que o sujeito precisa colocar algo de si em sua apreensão. (NICOLAU & ALBERTI, 2009, p. 99).

O inovador e revolucionário modelo de ensino da Psicanálise proposto na instituição da Escola de Lacan trouxeram enorme contribuição para os psicanalistas que empreendem o ensino da teoria psicanalítica nas universidades.

Sabemos que Lacan desenvolveu com seu ensino, um modo de transmitir a Psicanálise que subvertia o próprio conceito de ensino vigente, o que mais tarde se configuraria, de modo mais elaborado, no ensino realizado na EFP e em seus seminários.

Mas o que aconteceu em seu percurso para justificar Lacan escolher outra forma de conceber e desenvolver o ensino da Psicanálise? Lacan não admitia à forma arbitrária, hierárquica e ortopédica que eram tratadas as questões da transmissão e da formação psicanalítica no âmbito das sociedades de Psicanálise. Segundo ele, elas mantiveram por muito tempo um modelo de transmissão que divergia do que havia sido postulado desde o princípio pelo próprio Freud, inclusive ao ponto de banalizar e desvirtuar alguns conceitos fundamentais da teoria psicanalítica, principalmente referente à segunda tópica. Radicalmente contrário à política que vinha sendo implantada no interior das sociedades de Psicanálise, Lacan acreditava que o ensino da Psicanálise devia estar advertido das relações entre saber e verdade e que apenas desta forma o psicanalista poderia transmitir algo da teoria psicanalítica. Mesmo tendo contestado veementemente o modo como eram produzidos e conduzidos os saberes no meio acadêmico “[...] curiosamente, em 1970, Lacan muda sua posição frente a universidade e começa a apoiar seus colegas de ensino, em especial, Jacques Alain Miller, á criação de um departamento de psicanálise na universidade de Vincennes.”(RODRIGUES, 2008, p.1).

4.1 Supervisão e possibilidade de subversão do saber

Freud tocou raras vezes na temática da supervisão ao decorrer de obra. Nos momentos se colocou a respeito, afirmou “[...] que a supervisão pode ensejar a reflexão não só sobre a viabilidade ou não de um tratamento, como também sobre a posição do analista em relação a isso, ao mesmo tempo que se revela uma oportunidade de discernir os limites da psicanálise.” (FONTINELE, 2006, p.266). Também denominada por *análise didática* ou *análise de controle*, a supervisão como era concebida por Freud e pelos pós-freudianos foi duramente criticada por Lacan e seus seguidores quanto à maneira arbitrária como era concebida pelas instituições psicanalíticas vinculadas a IPA. Lacan analisava que o modelo de supervisão vigente na IPA era arbitrário, negando o desejo do psicanalista, assim como a escolha por sua análise, seu supervisor e a responsabilidade sobre sua formação.

Lacan, nesses termos, teria contribuído, de forma indelével, para posicionar de outro modo o lugar e a função da supervisão no contexto da formação psicanalítica, ao acolhê-la, a partir de então, de forma plástica. Dito de outro modo, ao deslocar a responsabilidade pela supervisão da instituição para o psicanalista em formação, teria libertado-a dos rígidos e estereotipados protocolos a que estava subjugada. (IBID., 2006, p. 268).

A supervisão corresponde a um dos elementos essenciais da transmissão psicanalítica, somada ao estudo teórico e a análise pessoal constitui um dos três pilares básicos de toda formação do psicanalista. A nosso ver, a supervisão representa um momento propício para desenvolver o ensino da Psicanálise na universidade aos moldes da Escola de Lacan. Neste sentido, a supervisão clínica representa precioso espaço para o psicanalista / professor trabalhar com o dispositivo do *ensinante*.

Saraiva e Antunes (2007), chamam a atenção para o fato de que a supervisão havia sido instituída como instrumento de ensino na formação do psicanalista desde a criação dos institutos de formação em Psicanálise vinculados ao *Berliner Psychoanalytisches Institut*⁸⁹ desde o início dos anos de 1920.

O método da supervisão constitui um dos modelos mais antigos de ensinar e

⁸⁹ Instituto Psicanalítico de Berlim criado por Marx Eitingon, Karl Abraham e Ernest Simmel em fevereiro de 1920. “[...] Verdadeiro laboratório de formação de terapeutas, desempenhou durante dez anos um papel considerável na elaboração dos princípios da análise didática e serviu de modelo para todos os outros institutos posteriormente criados no âmbito da International Psychoanalytical Association (IPA).” (ROUDISNECO & PLON, 2007, p. 56).

aprender um ofício, uma técnica ou uma profissão e, desde muito cedo, foi incorporado ao ensino da psicanálise, mesmo que de modo informal, sendo posteriormente, incorporado também ao ensino da psicoterapia psicanalítica. (IBID., 2007, p.1).

A supervisão realizada no estágio da Clínica-Escola é o dispositivo universitário utilizado no curso de Psicologia que, representa um espaço aberto para o psicanalista na universidade trabalhar com a transitividade dos discursos propostos por Lacan. Por ser um espaço diferenciado do ensino realizado nas disciplinas em que a Psicanálise se apresenta teoricamente, a supervisão constitui lugar privilegiado, onde é possível se transmitir “algo mais” da teoria psicanalítica, podendo viabilizar a formulação de um saber “não-todo” tendo por base a teoria dos discursos, sua transitividade e uso do dispositivo do *ensinante*.

Assim, cabe ao psicanalista, como supervisor, promover, considerando o *discurso do analista*, o giro dos discursos presentes também na universidade. Com isso, dizemos que o psicanalista no ensino, tocado por seu desejo (de analista), pode se posicionar estrategicamente como *semblante* de saber, de modo a favorecer a produção discursiva no *outro* (aluno / estagiário na clínica) - ação esta que implica trabalhar com o *discurso da histérica* na supervisão.

Para isso, no entanto, partimos do princípio de que o aluno / estagiário em supervisão esteja em análise e possua transferência com a Psicanálise e com o psicanalista / professor, visto que a análise pessoal constitui abertura, num campo fértil à elaboração de um saber advertido da impossibilidade de apreensão do saber inconsciente.

Neste sentido, a transferência e a análise pessoal representam dois importantes requisitos necessários para que exista em determinados momentos da supervisão a possibilidade deste ensino, o da “douta ignorância”, proposto por Lacan, ao trabalhar com o *discurso da histérica* e com o dispositivo do *ensinante* como estratégia de ensino na Escola. No início de sua *Alocução sobre o ensino*, Lacan (1970) alude para a relação intrínseca entre desejo do psicanalista e o ensino da Psicanálise: “Se parece que o psicanalista poderia ter atentado mais cedo para aquilo que o implica quase tudo o que ele diz, não caberá também levar em conta que o ensino cria aí o obstáculo a que ele saiba o que diz? [...] (P. 303).

Ao tratar da relação intrínseca entre saber e verdade, Lacan (1971-1972), no Seminário sobre *O Saber do Analista*, encontra na obra de Nicolau de Cusa⁹⁰ a noção de um saber mais elevado, o qual era adquirido na *ignorância douta*.

⁹⁰ Nicolau de Cusa (1401-1464): Teólogo e cardeal italiano que impediu a ação dos papas na Alemanha. Deixou vasta obra exegética e filosófica (DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO KOOGAN LAROUSSE, 1978, p.1432).

A respeito da possibilidade de um ensino advertido da noção da incompletude no saber proposta por Lacan no ensino da psicanálise na Escola, Nicolau e Alberti (2008) escrevem:

É com Lacan que vamos encontrar os elementos para melhor pensar a possibilidade de um ensino que inclua o que é da ordem do inapreensível e entender o que seria o exercício de uma “douta ignorância”. (NICOLAU & ALBERT, 2008, citando LACAN, [1971-1972], p.12).

Nesta operação lógica, o psicanalista se posicionaria no lugar do *sujeito da falta* (\$) no discurso, podendo, portanto, questionar o saber estabelecido como verdade no discurso científico e na universidade. Sobre as possibilidades adquiridas pelo *bom uso* (grifo nosso) deste dispositivo no interior da Escola, Penna (2003) tece o seguinte comentário:

[...] A partir de seu próprio não-saber, de sua própria divisão (\$), o analista pode interrogar a mestria dos textos, dos autores (S_1), para que se possa produzir um saber (S_2) sobre a verdade (a). É porque o “ensinante” se vê confrontado com um projeto de falta, inerente ao saber, que ele se coloca a trabalho, na sustentação de uma prática que visa à produção de saber. É esse desejo, o de produzir saber, que caracteriza o analista da Escola. (P. 23).

Para este fim, o psicanalista deverá se utilizar de um dispositivo específico denominado *ensinante*, elaborado por Lacan (1970), em *Alocução sobre o ensino*⁹¹. Nesse texto, Lacan desenvolve um modo especial de ensino da Psicanálise no interior das instituições psicanalíticas, com o intuito de evitar que a teoria adquira caráter de verdade e o psicanalista, que agencia o discurso no ensino não assuma o lugar do mestre, que “tudo sabe”.

Para compreender o funcionamento do dispositivo do *ensinante*, necessitamos acompanhar as elaborações sobre a teoria dos discursos desenvolvida por Lacan (1969-1970) no *Seminário – 17: o avesso da Psicanálise*, no qual o Psicanalista se dedica à formalização dos quatro discursos (*discurso do mestre, da histórica, do analista e do universitário*).

4.2 O contexto do *Seminário – 17: o avesso da Psicanálise*

Creemos ser de grande importância atentar para a tradução dos textos de Lacan para a língua portuguesa, visto que algumas não encontram o mesmo sentido ou a mesma qualidade semântica presente em determinadas palavras do vocabulário francês, língua de origem.

⁹¹ Título original : “*Allocution sur l’enseignement*” (1970).

Chamamos a atenção para a tradução do título do *Seminário 17 – o Averso da Psicanálise*, que no original em francês se intitula *L'envers de La psychanalyse*, mas foi transcrito para o português como *Averso da Psicanálise*. A palavra francesa *envers* significa “[...] pôr para o lado do avesso” (AURÉLIO & OUTROS, 2002), mas foi traduzida por *avesso* que quer dizer “[...] o oposto ao lado, [...] o contrário” (IBID., 2002). Sobre esse fato, Castro (2006) faz a seguinte análise:

[...] traz o inconveniente semântico, estímulo ao mal-entendido, adversidade, incorreção ou defeito. O termo reverso (do latim *adversu*), que poderia ser uma boa tradução, origina alguns problemas, tendo em vista os sentidos possíveis que toma o verbo reverter enquanto anular e voltar atrás, além do sentido presente em sua qualidade, como na palavra adversidade. Já o termo enverso (do latim *inversu*), apesar de não ser colloquial, tem a vantagem de acabar o sentido tópico [...] (P. 23).

Deste modo, o termo *avesso* não corresponde ao sentido que Lacan de fato atribuía em 1966 quando afirmava retomar os textos de Freud pelo “enverso”, o que permite pensar a relação entre o *discurso do mestre* e o *discurso do psicanalista*, utilizando para isso a Topologia⁹² e a Matemática (*matemas*). Castro (2006) comenta que “[...] virar Freud ao “enverso”, pôr para fora o lado de dentro de sua teoria, implicou, concomitantemente, na realização de uma busca meticulosa, qual seja a análise da clínica freudiana, considerada em suas impossibilidades e em seus meandros”. (IBID., 2006, p. 23).

Para Lacan, havia se tornava imprescindível retornar a obra de Freud, o modo como a teoria psicanalítica estava sendo conduzida pelos psicanalistas não possuía mais o rigor a letra freudiana, o que favorecia a concepções teóricas diversas em nome da Psicanálise.

[...] Lacan afirma que não foi porque os pós-freudianos foram tontos, pouco inteligentes ou pouco estudiosos, ou talvez porque não tenham entendido bem que não enfiavam os pés nela, mas porque os tropeços estavam no próprio texto freudiano. As múltiplas tramas, a abundância de mal-entendidos, os desvios em que derivaram, levaram Lacan propor um retorno a Freud. Com os matemas, com a matemização, com a escrita, Lacan, como dirá mais tarde, propõe aproximar-se o máximo possível do real. (FLESLER, 2001, p. 41).

Lacan desenvolveu a teoria dos quatro discursos no decorrer de seus seminários, proferidos num período de turbulência social iniciado em França em 1968, onde os universitários e a classe operária questionavam intensamente os valores da sociedade, o funcionamento das instituições, principalmente a universidade e os saberes produzidos por

⁹² Topologia: “Ramo da matemática baseado no estudo das deformações contínuas em geometria e nas relações entre a teoria das superfícies e a análise matemática”. (DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO KOOGAN LAROUSSE, 1978, p.865).

meio dela. A revolução estudantil, conhecida como *Revolução de maio de 1968*, desestabilizou diversos setores sociais franceses e obteve repercussão mundial.

Lacan, por sua vez, não poderia ficar sem discutir estes fenômenos sociais à luz da Psicanálise, até mesmo porque vinha pensando a questão dos discursos, até que em 1969, por meio das ideias de Foucault, se sentiu convocado a desenvolvê-lo teoricamente.

4.3 A noção da discursividade em Lacan

Na análise, o tempo transcorre por meio de quatro discursos. A relação transferencial que surge entre analisante e psicanalista possibilita que circulem todos os discursos. Com Lacan, a escrita dos discursos corresponde à forma algébrica expressa nos *matemas*. No campo da Psicanálise, *matema* é um instrumento utilizado como meio de ensino, uma tentativa de transmitir o real da estrutura que o discurso suporta. [...] “A partir dos *matemas* Lacan tratou daquilo que, embora esteja para além da palavra, não subsiste sem a linguagem, [...] nos legando um instrumento que serve não apenas à transmissão do saber psicanalítico, mas também ao diálogo com os outros campos do saber.” (IBID., 2002, p.150).

Cada um dos discursos, sob a forma dos *matemas*, dispõe de quatro *lugares* e de quatro *elementos* ou *letras*, onde a articulação entre as *letras* ou *elementos* ($S_1, S_2, \$, a$) e os *lugares* (*agente / verdade, outro / produção*) se modifica de acordo com o discurso vigente.

Lacan iniciou as aulas de seu seminário *O avesso da Psicanálise* na *École Normale Supérieure* (ENS). A decisão de desenvolver teoricamente com a produção dos quatro discursos, nos quais o sujeito circula no social, se consagrou após uma série de circunstâncias que não poderiam deixar de interferir no modo como Lacan intencionava transmitir a Psicanálise.

No primeiro momento, reportamo-nos ao posicionamento de Lacan ante os “turbulentos” acontecimentos sociais que circunscreveram o ano de 1968⁹³, afirmando que a Psicanálise tinha muito a contribuir para uma melhor compreensão dos fatos esteados na leitura psicanalítica dos discursos como promotores de laço social. Outro aspecto que, sem dúvida, impulsionou Lacan a focar seu interesse na temática dos quatro discursos foi assistir à

⁹³ O movimento de maio de 1968, conhecido mundialmente por Maio de 1968 “[...] que varreu toda a Europa e particularmente a França. Um movimento que se constituiu numa luta de em defesa dos direitos à subjetividade e que ainda trazia como objetivo propiciar certo hedonismo na cultura”. (SOUSA, 2003, p.80).

conferência de Foucault sobre *O que quer um autor?*⁹⁴, proferida em 1969, ano em que realizava seu Seminário 16 - *De um Outro ao outro*. No referido seminário, Lacan (1969) escreveu com certo entusiasmo o fato de Foucault ter dedicado uma conferência inteira ao tema da autoria e do retorno a determinados autores “instauradores de discursividades”. Nessa conferência, proferida na *Société de Française de Philosophie*, Foucault pretendia que o mestre Lacan assistisse às suas recentes elaborações teóricas para posteriormente discuti-las mais detidamente. Assim, Foucault inicia seu discurso falando: “Creio [...] que é de tradição trazer para esta Sociedade de filosofia o resultado de trabalhos já acabados, para os propor à vossa apreciação e à vossa crítica”. (FOUCAULT, 1969, p.30).

Foucault analisa a noção da autoria de textos como o de Freud e aponta que nele há o desaparecimento do sujeito (autor) no discurso. Assim, Foucault (1969) escreve que “[...] a ausência é o lugar primeiro no discurso”. (IBID., 1969, p.31).

O que Foucault analisa é o fato de que textos como os de Freud não apresentam sinais de uma autoria propriamente dita, haja vista serem escritos por autores promotores das discursividades.

Na aula do dia 26 de Fevereiro de 1969, do Seminário *De um Outro ao outro*, Lacan (1969) assinala a importância de debater a autoria e as possibilidades discursivas, tal como ele mesmo tem realizara em seu percurso de elaboração da teoria psicanalítica desde o seu retorno às obras de Freud. Ressaltamos que, neste período, tanto Lacan quanto Foucault desenvolviam seus trabalhos dentro da universidade. Sobre o movimento de retorno a Freud postulado por Lacan, Sousa (2003) comenta:

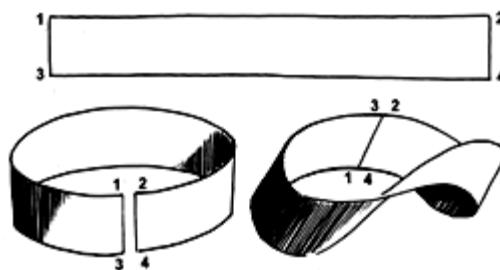
O apelo de Lacan era para que os analistas retornassem, como um fato de discurso, a esse lugar descoberto por Freud. Mas do que isso, que pudessem produzir uma transformação no texto original de Freud, dando-lhe uma nova discursividade. (P. 85).

Sousa (2003) empreende uma importantíssima reflexão sobre este movimento de “retorno a Freud” que Lacan fez nos seus seminários, equivalendo ao movimento da segunda volta à *fita moebius*⁹⁵ (figura 1), uma figura topológica criada pelo matemático Moebius⁹⁶ e de que Lacan também se apropria para utilizar como instrumento de ensino.

⁹⁴ A transcrição desta conferência foi publicada com o título *Qu'est un auteur?* em 1969. (FOUCAULT, 1969).

⁹⁵ Fita de Moebius: “[...] A Fita de Moebius é uma superfície bidimensional que tem só um lado”. (WIKIPÉDIA: ENCICLOPÉDIA LIVRE, 2009).

⁹⁶ August Ferdinand Möbius (1790-1868): Matemático e astrônomo alemão que criou a figura topológica que leva seu nome. (IBID., 2009).



(figura 1- Fita de Moebius)

No Seminário sobre os quatro discursos, Lacan desenvolve o conceito de discurso à luz da Psicanálise e a concebe como uma “[...] estrutura necessária, que ultrapassa em muito a palavra, sempre mais ou menos ocasional. O que prefiro [...] é um discurso sem palavras”. (LACAN, 1969-1970, p.11).

A formulação teórica sobre a existência de um *discurso sem palavras* Lacan desenvolve a partir da existência dos quatro discursos (*do mestre, da histérica, do analista e do universitário*), que possibilitam ao sujeito fazer laço social. Ao afirmar que “o discurso é sem palavras”, Lacan propõe que, mesmo sem palavras, o discurso pode muito bem existir. Neste sentido, estas palavras são “dizeres” nos quais o *sujeito da falta* \$, em sua relação com o *outro / Outro*, é convocado a se posicionar e a agir de acordo com o que discurso propõe, isto é, uma estrutura necessária que vai além das palavras. Sobre a noção de discursos sem palavras, Lacan (1969-1970) explica:

Mediante o instrumento da linguagem instaura-se um certo número de relações estáveis, no interior das quais certamente pode inscrever-se algo bem mais amplo, que vai bem mais longe do que as enunciações efetivas. Não há necessidades destas para que nossa conduta, nossos atos, eventualmente, se inscrevam no âmbito de certos enunciados primordiais. (P. 11).

Coutinho Jorge (2002, p.7) comenta que o Seminário sobre *O Avesso da Psicanálise* representa um passo a mais no ensino de Lacan, no qual articula o campo da linguagem ao campo do gozo. Assim, de acordo com a teoria lacaniana, os quatro discursos correspondem às estruturas mínimas presentes em todo *laço social*, “[...] *liame social enquanto essencialmente fundado na linguagem*”. (IBID., 2002, P.18).

Analisando de perto a concepção teórica de discurso em Foucault e Lacan, vemos que ambos têm pontos em comum, tais como: a noção de que nenhum discurso tem como referência a verdade e que na realidade ele é produzido desde o vazio na estrutura. Pudemos constatar com essas discussões teóricas é que Foucault e Lacan, na realidade, concebem a discursividade de modo particularmente diferente. Foucault não avançou muito sobre essa

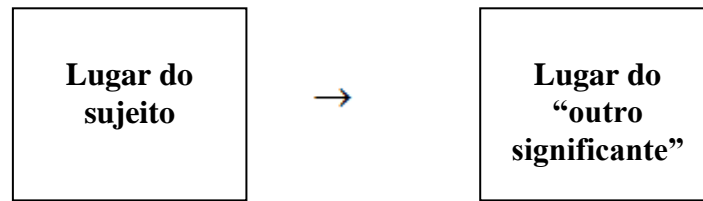
temática, no entanto, teve importante papel, dando início a sua discussão teórica, além de instigar Lacan a desenvolvê-la brilhantemente à luz da Psicanálise. Neste sentido, Lacan posiciona-se contrário a Foucault sobre a concepção do que é um discurso, na qual acrescenta que autoria não se trata apenas de uma ausência do sujeito, mas da verdadeira dependência que este tem em relação à própria estrutura discursiva e ao significante. Seguindo a noção da constituição do *sujeito da falta* \$, com sua inserção na linguagem podemos assegurar que este sujeito sempre se posicionará em relação ao *outro / Outro*.

4.4 Os quatro discursos

Na análise, o tempo transcorre por meio dos quatro discursos. A relação transferencial que surge entre analisante e psicanalista possibilita que circulem todos os discursos. Com Lacan, a escrita dos discursos corresponde à forma algébrica expressa nos *matemas*. No campo da Psicanálise, *matema* é um instrumento utilizado como meio de ensino, uma tentativa de transmitir o real da estrutura que o discurso suporta. [...] “A partir dos *matemas* Lacan tratou daquilo que, embora esteja para além da palavra, não subsiste sem a linguagem, [...] nos legando um instrumento que serve não apenas à transmissão do saber psicanalítico, mas também ao diálogo com os outros campos do saber.” (IBID., 2002, p.150).

Ao desenvolver a teoria dos quatro discursos, Lacan recorre aos seus conhecimentos obtidos da Matemática (lógica algébrica), na *permutação cíclica*⁹⁷ (também parte da Álgebra moderna) e na Topologia, com a intenção de *literalizá-los* por meio da escrita dos *matemas*. De acordo com Lacan, há em todo discurso pontos de fuga (buracos / furos) que escapam à significação, mas que dão sustentação real a cada um deles. A noção de discurso em Lacan parte do princípio de que existem dois campos (figura 2), dois binômios interligados por uma seta, que se relacionam, o campo do *sujeito da falta* \$ e o campo do *outro / Outro* significante.

⁹⁷ Na Álgebra significa a “[...] permutação num sistema ordenado, de modo que cada elemento é substituído pelo subsequente, até que o último é substituído pelo primeiro, formando-se um ciclo no qual não há primeiro nem último elemento”. (Portal da palavra, 2009). “Em um conjunto ordenado, permutação, sem comutação, em que cada elemento é substituído pelo seu sucessor (quando o sentido é ante – horário) ou o primeiro e o último pelo primeiro (quando o sentido é anti – horário) ou o primeiro pelo último (quando o sentido é horário); permutação circular, ciclo. (CASTRO, 2006, p.26).



(figura 2)

Assim, todo o ensino de Lacan está marcado pela criação de uma escrita formal (*elementos* ou *letras* dispostos em determinados *lugares*), que ele denominou de *Álgebra lacaniana*. A produção dos quatro discursos laboriosamente tratado por Lacan (1969-1970) no Seminário 17 - *O avesso da Psicanálise*, “[...] irá se tornar fundamental e determinante para o tratamento do ensino e da possível transmissão da psicanálise, inclusive na universidade.”(RODRIGUES, 2008, p.1).

Os *matemas* de cada um dos quatro discursos encontram-se dispostos de modo ordenado em quatro *lugares* e por quatro *elementos* ou *letras*. Estes, por sua vez, são distribuídos em quatro *lugares* (quadrantes) fixos e separados por duas barras (/).

Assim, os discursos se articulam com base em quatro *elementos* ou *letras*:

S_1 : *significante mestre* ou *significante unário*

S_2 : *saber* ou *significante binário*

\$: *sujeito da falta* ou *sujeito barrado*

a : *objeto mais-gozar* ou *objeto a*

Os *lugares* são apresentados em forma de *quadrípedes* (fórmula baseada na lógica matemática do *quadripartito*):

$$\frac{\textit{agente ou poder ou semblante}}{\textit{verdade}} \rightarrow \frac{\textit{Outro/outro, ou trabalho ou gozo}}{\textit{produção ou perda ou mais-gozar}}$$

(Matemas dos lugares no discurso)

Os quatro discursos se dispõem cada um de modo bastante particular. A mudança de um discurso a outro se faz da mobilidade dos *elementos* ou *letras* que passam a ocupar outros lugares no *arranjo quartenário*. Os *lugares*, entretanto, são imutáveis, mantendo suas funções

e estabelecendo efeitos sobre o *sujeito da falta* \$ em cada um dos quatro discursos (*do mestre, da histórica, do analista e do universitário*). Neste sentido, o sujeito é sempre o mesmo, mas sua condição em relação ao *outro / Outro* se modifica em cada discurso, conforme a demanda do desejo.

$$\frac{\text{agente}}{\text{verdade}} \rightarrow \frac{\text{outro}}{\text{produção}}$$

Lacan baseia-se na teoria matemática dos conjuntos e com isso torna mais acessível à transmissão da Psicanálise, onde possibilita a compreensão da inexistência de “um saber absoluto”, que possa dizer tudo sobre determinado objeto, visto que o *sujeito da falta* \$ se endereça ao campo do *outro / Outro* em busca do objeto perdido *objeto mais-gozar a*. Neste sentido, não há como “tudo dizer” sobre um campo (*outro / Outro*) atravessado pelo buraco na estrutura, visto que o próprio sujeito \$ se encontra marcado desde sua constituição por sua “*falta-a-ser*”. A constatação da incompletude no campo do *outro / Outro* significante possibilitou a Lacan fundamentar topologicamente o conceito de *objeto mais-gozar a*.

Em cada um dos quatro discursos, sob a forma de *matemas*, dispõem-se quatro *lugares* de compostos por quatro *elementos* ou *letras*, onde a articulação entre as *letras* ou *elementos* ($S_1, S_2, \$, a$) se modifica de acordo com o discurso vigente, enquanto os *lugares* permanecem imutáveis.

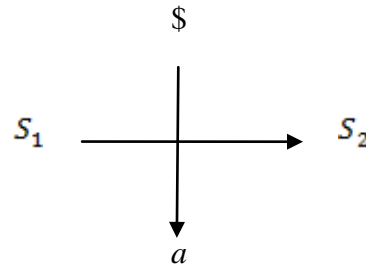
Os *elementos* ou as *letras* com os quais Lacan trabalha desde o seminário sobre os discursos pressupõem a compreensão da lógica significante estabelecida anteriormente por meio de seu ensino. A inauguração do *sujeito da falta* \$ no mundo de linguagem se faz simbolicamente por meio de sua renúncia ao *objeto perdido, objeto mais-gozar a*.

No Seminário 16 - *De um Outro ao outro*, Lacan (1969) contextualiza a posição do *sujeito da falta* \$ em relação ao *outro / Outro* na cadeia significante:

[...] o que funda o significante não é absolutamente o que quer que lhe esteja ligado como sentido enquanto tal, mas é a sua diferença, isto é, não algo que lhe esteja colado que permitiria identificá-lo, mas o fato de que todos os outros sejam diferentes dele; sua diferença reside nos outros. (IBID., 1969, p.170).

No Seminário seguinte, *O avesso da Psicanálise*, em que se dedica a formular a posição do sujeito em cada um dos discursos, Lacan (1968-1969) escreve:

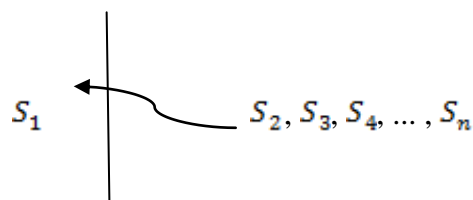
Há estruturas [...] para caracterizar o que se pode extrair daquele *em forma de* sobre o qual me permiti [...] enfatizar um emprego fundamental, aquela que defini como sendo a de um significante comum outro significante. Donde resulta a emergência disso que chamamos sujeito – em virtude di significante que, no caso, funciona como representado esse sujeito junto a um outro significante. (IBID., 1968-1969, p.11).



A representação de cada *elemento* na Álgebra lacaniana torna bastante clara a transmissão dos efeitos de um *elemento* ($S_1, S_2, \$, a$) sobre os outros, conforme sua posição (*lugares*) na *estrutura quaternária* dos discursos.

Assim, o *significante mestre* S_1 corresponde ao *significante unário*, o *elemento* que na cadeia de significantes sempre representa um sujeito para outro significante S_2 e surge no campo *outro / Outro*. “[...] Isso quer dizer que não há sujeito que gere a si mesmo apesar do Ideal de autonomia do neurótico; surgidos, somos gerados no campo do *Outro* e devido ao campo do *Outro*”. (WAINSTEIN, 2001, p. 17).

O *saber* S_2 que surge no campo do *Outro* concerne aos significantes do *outro / Outro*, às palavras que surgem antes mesmo do nascimento do *sujeito da falta* $\$,$ condenando-o a desaparecer da cadeia significante. O S_2 promove o efeito de afanise do significante mestre S_1 para fora da cadeia significante.



(Cadeia significante)

O *sujeito da falta* ou *sujeito barrado* $\$$ se relaciona com ao sujeito dividido entre gozo e saber pela lógica do efeito significante. Desta forma, o *sujeito da falta* $\$$ é gerado no campo do *outro / Outro* e pelo campo do *outro / Outro*, ou seja, não há sujeito que gere a si mesmo.

O *objeto mais-gozar a* corresponde ao objeto que insiste em se repetir. O sujeito neurótico resiste em perdê-lo e por esse motivo se torna um “*a mais*”, um excesso de gozo.

Além do significado que cada *elemento* ou *letra* possui no arranjo discursivo, na particularidade de suas posições, nos *lugares*, em cada um dos quatro discursos, Lacan também faz uso das *setas de implicação* ou *conexão* (\rightarrow e \leftarrow), dispostas entre os quadrantes do algoritmo, a primeira (\rightarrow) partido do *agente* em direção ao *outro* / *Outro*, a segunda (\leftarrow) partida da *produção* em direção à *verdade*.

As setas de *implicação* e *conexão* cumprem a função de orientar o sentido da cadeia significante e do movimento do quarto de giro circular que promove a mudança de um discurso em outro, tanto no sentido horário (por progressão) como no sentido anti-horário (por regressão), viabilizando a permutação circular dos elementos. As barras (/) designam o recalque na estrutura significante.

A disposição dos *matemas* dos quatro discursos:

Discurso do mestre:

$$\frac{S_1}{\$} \rightarrow \frac{S_2}{a}$$

Discurso da histérica:

$$\frac{\$}{a} \rightarrow \frac{S_1}{S_2}$$

Discurso do analista:

$$\frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\$}{S_1}$$

Discurso universitário:

$$\frac{S_2}{S_1} \rightarrow \frac{a}{\$}$$

Além desses *elementos* ou *letras* (S_1 , S_2 , $\$$, a), dos *lugares* (*agente*, *outro* / *Outro*, *verdade*, *produção*), das barras (/) e das setas de *implicação* ou *conexão* (\rightarrow e \leftarrow), existem na *Álgebra lacaniana* da composição dos discursos dois tipos de impedimento - a

impossibilidade e a *impotência*. Cada uma dessas instâncias, *impossibilidade* e *impotência*, se localiza em um lugar específico na estrutura matricial dos discursos. A *impotência* fica situada na parte superior dos discursos e, portanto,

[...] designa essa condição de que ao *discurso*, desde que se constitui como uma barreira ao gozo, mesmo que seja possível escrever a ‘conexão’ entre o *lugar do agente* e o *lugar do ‘outro significante’*, haverá sempre um limite. Por mais que o sujeito se utilize das palavras não encontrará respostas suficientes sobre o que ele é ou quem ele é, pois as palavras não podem dizer tudo. (SOUSA, 2003, p.105).

No que diz respeito à *impossibilidade*, ela está localizada na parte inferior dos discursos, possibilitando uma exceção que vem alterar o movimento dos vetores. Em Radiofonia, Lacan (1970) escreve: “[...] a impotência não é o disfarce do qual o impossível seria a verdade, mas tão pouco é o contrário: a impotência serviria para fixar o olhar, se a verdade não se visse nela ao ponto de ir ao êxtase”. (P. 446).

————— → —————

Neste sentido, podemos nos referir aos discursos (*do mestre, da histórica, do analista e do universitário*), aos seus *elementos* ou *letras* e aos seus *lugares*, advertidas de que há em todos eles limitações causadas por suas impossibilidades, aquilo que Lacan aponta como o furo na estrutura.

No *discurso do mestre*, também conhecido por discurso do inconsciente, a *impossibilidade* se encontra na ação de governar. O *discurso do mestre* se dispõe da seguinte forma: o *sujeito da falta* \$ se encontra recalcado no lugar da *verdade*, o *significante mestre* S_1 na posição do *agente* do discurso, o qual se dirige ao *saber* S_2 , que se dispõe no lugar do *outro / Outro / trabalho / gozo*, que está sobre o *objeto mais-gozar a* no âmbito da *produção*.

Discurso do mestre:

$$\frac{S_1}{\$} \rightarrow \frac{S_2}{a}$$

No *discurso do mestre*, ao fazer o movimento circular de um quarto de giro na estrutura quaternária no sentido horário, surge o *discurso da histórica*. No *discurso da histórica*, também conhecido por *discurso do analisante*, a *impossibilidade* se revela pelo fato de o *sujeito da falta* \$ não poder “saber tudo” sobre si e a cerca do seu sintoma. Neste discurso, o *objeto mais-gozar a* se encontra recalcado e disposto no lugar da verdade, o

sujeito da falta \$ no lugar do *agente* do discurso que, por sua vez, se direciona ao *significante mestre* S_1 , que está no lugar do *outro* / *Outro* / *trabalho* / *gozo*, e tem como *produção* o *saber* S_2 .

Discurso da histérica:

$$\frac{\$}{a} \rightarrow \frac{S_1}{S_2}$$

Se com base no *discurso da histérica* houver mais um movimento de um quarto de giro nos elementos, surgirá o *discurso do analista*. No *discurso do analista*, o *saber* se encontra recalcado no lugar da *verdade*, o *mais-gozar a* na posição de agente do discurso, o qual se direciona ao *significante mestre* S_1 lugar do *outro* / *Outro* / *trabalho* / *gozo*, pondo-o a trabalho e o *sujeito da falta* \$ no lugar da *produção*.

Foi com suporte no *discurso do analista* que Lacan desenvolveu a produção dos outros discursos. Segundo Lacan, é o discurso que impulsiona o ato analítico, aquele no qual o psicanalista faz acreditar que está no lugar de mestre como *semblante*. O dispositivo que o auxilia a estar como semblante do *objeto mais-gozar a* no ato analítico é o do *sujeito suposto saber* (*sss*). O psicanalista faz uso do lugar de *sujeito suposto saber*, em alguns momentos da análise, onde, advertido da suposição de detentor de saber que o *analista* faz dele, o convoca a trabalhar, a produzir um saber sobre si e seu sintoma. Semblante porque o analista se faz de *objeto do desejo*, *objeto mais-gozar a*, mas não encarna o lugar do mestre. Sobre o lugar do *sujeito suposto saber* ocupado pelo psicanalista, Lacan (1967) escreve:

O sujeito suposto saber é, para nós, o eixo a partir do qual se articula tudo o que acontece com a transferência. Cujos efeitos escapam quando, para apreendê-los, faz-se uma pinça como desajeitado *pun* que vai da necessidade da repetição à repetição da necessidade. (P. 253).

O lugar do *sujeito suposto saber* Lacan o formula com base na Filosofia, mais precisamente da Lógica aristotélica, na qual, onde “[...] um sujeito não supõe nada, ele é suposto [...]”, a saber. Lacan transcreve a fórmula na qual “[...] o suposto desse sujeito colocando o saber em seu lugar de adjacência da suposição.” (IBID., 1967, p. 253).

$$\frac{S \longrightarrow}{s (S^1, S^2, \dots, S^n)} \quad S^q$$

A respeito da mudança que o dispositivo do *sujeito suposto saber* provoca na análise do sujeito por meio da transferência, Amigo (2001) escreve:

[...] Durante uma análise há uma mudança na posição do objeto *a*. O objeto *a* passa da condição de desejo gozado, um resíduo, um detrito gozado pelo outro, para a condição de ser causa vazia da divisão do sujeito. Essa rotação é muito fundamental. O *a* como semblante é causa vazia da divisão desejante e o analista jogará, quando chegar o tempo de seu ato, semblanteando essa causa. Sua função ética se faz a partir da suspensão de todo gozo que possa ser obtido através de sua ontologização. (P. 80).

Discurso do analista:

$$\frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\$}{S_1}$$

No *discurso do universitário*, o *significante mestre* se encontra recalcado no lugar da verdade; o *saber* S_2 ou *significante binário* funciona como o *agente* do discurso, que, por sua vez, se direciona ao *objeto mais-gozar a*, pondo-o a trabalhar, obtendo como *produto* o *sujeito da falta* $\$$. O discurso do universitário é o discurso burocrático, aquele no qual se busca produzir saberes por meio da aquisição de conhecimentos científicos, equivalendo à quantidade de saber por meio da aquisição de títulos. “Um discurso do mestre pervertido – é o discurso universitário.” analisa Lacan ([1969-1970], p.164).

Discurso universitário:

$$\frac{S_2}{S_1} \rightarrow \frac{a}{\$}$$

Neste contexto, onde se configuram os quatro discursos de Lacan, retomamos nossa proposta de que pode haver produção de um discurso outro, sem propostas de formação no âmbito da universidade, na supervisão.

Para esse propósito e seguindo a ideia de ensino na Escola de Lacan, escolhemos trabalhar com o *discurso da histérica* na supervisão realizada no âmbito da Clínica-Escola da universidade. Como vimos anteriormente, o *discurso da histérica* corresponde àquele que é agenciado pelo *sujeito da falta* $\$$, o qual se dirigirá ao *significante mestre* S_1 posto no lugar do *outro / Outro*. Neste discurso, o *analisante* busca incessantemente formular um saber sobre si e sobre seu sintoma por meio do analista como um mestre, mesmo que posteriormente procure

o destituir desse lugar. Acontece que, mesmo direcionando sua fala ao psicanalista como mestre S_1 no lugar do *outro / Outro*, supondo “saber tudo” sobre seu sintoma, o *analisante* $\$$, mesmo assim, põe em questão esse saber. A respeito do *discurso da histérica*, Coutinho Jorge (2002) tece o seguinte comentário:

Ao longo da história, o contínuo deslocamento da histérica em torno de determinadas constelações do saber está relacionado ao fato de que “a histérica quer um mestre” e ela se dirige a um S_1 . [...] Padre e psiquiatra ocuparam para a histérica o lugar desse S_1 . A resposta dada pelo mestre como produção de saber perpetua a histérica nesse lugar de insatisfação e, logo, de invectiva em relação ao mestre. (P. 30).

Ao fazer o movimento de um quarto de giro nos *elementos do discurso da histérica*, surge o *discurso do analista*. Foi dessa passagem do *discurso da histérica* ao *discurso do analista* que Lacan propôs a instituição do *passee* na Escola, mais um dispositivo para fazer frente aos efeitos imaginários, evitando que o psicanalista se posicione diante dos outros, seus pares, como mestre que “tudo sabe” na Escola, principalmente os analistas que atuam como psicanalistas didatas.

A questão do dispositivo do *passee*, desde sua criação, sempre foi bastante controversa no meio psicanalítico, de modo que as opiniões divergem quanto ao seu uso nas instituições, mesmo entre os psicanalistas lacanianos.

Na *Proposição*, sobre a posição do psicanalista na Escola com instituição do *passee*, Lacan (1969) declara:

É verdade que daí surge a solução para o problema da sociedade Psicanalítica. [...] a qual se encontra na distinção entre a hierarquia e o *gradus*. [...] Antes de mais nada, um princípio: o psicanalista só se autoriza de si mesmo. Este princípio está inscrito nos textos originais da Escola e decide sua posição. [...] Isso não impede que a Escola que a Escola garanta que um analista dependa de sua formação. [...] Ele pode fazer por sua própria iniciativa. [...] E o analista pode querer essa garantia, o que por conseguinte, só faz ir mais além: tornar-se psicanalista da própria experiência. (P. 248).

De acordo com Roudinesco e Plon (2007), o *passee* corresponderia para Lacan ao:

Termo empregado [...] por Jacques Lacan para designar um processo de travessia que consiste em o analisando (passante) expor a analistas (passadores), que prestarão contas disso a júri dito de credenciamento, aqueles dentre os elementos de sua história que sua análise o levou a considerar como suscetíveis de dar conta de seu desejo de se tornar analistas. (P. 575).

Compreendemos a grande importância do dispositivo do passe na transmissão da Psicanálise no interior de algumas instituições psicanalíticas que adotam o modelo da Escola de Lacan. Como nossa escolha foi de trabalhar apenas com o dispositivo de ensino que não necessitasse ser realizado no interior de uma instituição psicanalítica, optamos por operar com o dispositivo do *ensinante* na universidade.

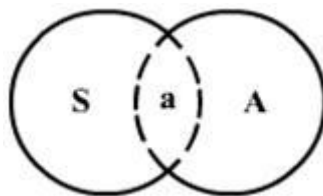
4.5 Como trabalhar com o dispositivo do *ensinante* na universidade

Nossa proposta concentra-se em torno do papel desenvolvido pelo psicanalista / professor em alguns momentos da supervisão, o qual utilizando-se do artifício psicanalítico denominado por *ensinante*, possa advertir o aluno da cristalização do saber alimentado pelo discurso científico (*discurso do mestre*) e acadêmico (*discurso universitário*) e, conseqüentemente, produzir um saber calcado na impossibilidade de dizê-lo ou transmiti-lo todo.

Nicolau e Alberti (2008) articulam muito bem esta ideia dizendo que:

[...] Nossa aposta é que, se há transferência com o analista que ocupa o lugar de professor, e se este opera da função que Lacan conceituou como sendo aquela dada pelo sujeito do analista, então é possível sustentar um trabalho que produza efeitos no sentido de suscitar o desejo de saber em causa na psicanálise, privilegiando o saber obtido na transferência em detrimento de outro saber. (P. 3).

Desta forma, acreditamos que possa haver momentos na graduação, na supervisão, onde o psicanalista / supervisor, assegurado pela transferência estabelecida entre ele e seu aluno / estagiário, possa situar-se como *ensinante*. Assim, ao promover a mudança dos discursos na supervisão, o psicanalista / supervisor buscará no *discurso da histórica* a possibilidade de uma transmissão, quando o aluno / estagiário se posicionará no lugar do *agente* e o professor no lugar do *sujeito suposto ao saber*, do outro / Outro que faz semblante de “tudo saber”, com o intento de provocar a *produção* um *saber* mais próximo do saber psicanalítico.



(A “*falta-a-ser*” instituída no campo do sujeito e no campo do *Outro* [Autre])

Com isto, acreditamos que o aluno, na qualidade de *sujeito da falta* \$, se aproprie da construção de um saber *produto* de sua “douta ignorância”, ignorância apontada por Lacan (1971-1972, p.12) em seu modelo de ensino, em que o psicanalista / professor na supervisão se disponha a “des-ser”, a se destituir de seu lugar de mestre. A esse respeito, vale atentar para o fato de que nem sempre há transmissão no lugar do *sujeito da falta* \$.

[...] Mas, é esse o lugar que o ‘ensinante’ se encontra quando ‘há do ensino’. Com essa expressão, Lacan indica a contingência que há na função de transmissão na Escola, retirando do analista que sustenta essa transmissão uma suposta essência – ‘o ensinante’ é um efeito que só pode apurar quando ‘há do ensino’. (PENNA, 2003, p.23).

Na *Alocução sobre o ensino*, Lacan articula a posição de quem ensina na Escola, o *ensinante* a posição de *analisante*. Com isso, subverte a dicotomia entre “[...] ensinante *versus* ensinado, professor *versus* aluno [...]” (LACAN, 1970, p.304). Sobre essa relação subversiva Lacan (1970), escreve:

Na verdade é da divisão do sujeito que se trata – a qual, por seu abatimento, faz surgir o objeto em dois lugares de apoio. [...] Só posso ser ensina à medida de meu saber, e professor [*enseignant*], já faz um tempão que todos sabem que isso é para eu me instruir. (P. 304).

No ensino tradicional, o professor não faz semblante de saber, pois ele realmente se posta como aquele que sabe; um *saber* S_2 sustentado no lugar do *agente* do discurso (*discurso do universitário*). Sobre tal perspectiva, o professor, em sua formação, acumulou muitos títulos, o que lhe assegurou o papel de transmissor de um saber com caráter de verdade e passível de ser ensinado. A esse respeito, Lacan (1970) escreve:

O saber serve de agente, convertido com nossa formulação, por se revelar como ensino. O ensino é o saber que é descaracterizado, em suma, pelo lugar de onde ele impera. [...] O sono do saber gera monstros, na verdade civilizados: seguindo o guia de meu \$ barrado, vocês podem ver que esse professor encontra-se aqui no registro da produção, o que não saí do verossímil. (P. 306).

Advertido das armadilhas que se interpõem na prática do ensino, o psicanalista na universidade pode, em alguns momentos do ensino, se ausentar desde lugar de saber, para que se realize um ensino mais próximo da transmissão psicanalítica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste ensaio, fruto de intensa pesquisa bibliográfica referente às questões relacionadas à possibilidade de transmissão da Psicanálise na universidade, pudemos extrair, baseada em consideráveis discussões teóricas acerca das propostas de Freud e Lacan, a ideia de que pode haver um ensino aos moldes da Escola de Lacan.

Nesta perspectiva, traçamos um percurso durante o qual precisamos contextualizar como Freud concebia a transmissão psicanalítica e por que insistia em que o ensino da teoria psicanalítica na universidade era tão relevante para a propagação da *Psicologia profunda*, mesmo asseverando categoricamente a noção de que todo psicanalista prescindia do meio acadêmico em sua práxis. Com a leitura dos textos freudianos sobre a temática da transmissão, foi-nos possível analisar os grandes obstáculos enfrentados por Freud e seus discípulos ao longo do percurso de transmissão da teoria psicanalítica, impasses estes que fizeram o Grande Psicanalista elaborar alguns textos. Nas *Conferências Introdutórias Sobre a Psicanálise* (1916-1917), *Uma dificuldade no Caminho da Psicanálise* (1917), *Sobre o Ensino da Psicanálise nas Universidades* (1918-1919) e *A questão da Análise leiga* (1926) e seu Pós-Escrito (1927). Freud empenha-se por explicar o propósito de introduzir a teoria psicanalítica no meio universitário, seus ganhos, contribuições, além de apontar às sociedades de Psicanálise como o lugar para a formação do psicanalista.

Na análise depurada desses escritos, conseguimos compreender alguns momentos de titubeio e vigilância constantes de Freud sobre a repercussão de sua teoria no meio acadêmico e científico. Para ele, estava claro a que correspondia o ensino da Psicanálise na universidade, mas também estava advertido de que era problemático o lugar da teoria psicanalítica, um saber estrangeiro num meio promotor de conhecimentos, de discursos científicos.

Para compreendermos como se desenvolveu a história da Psicanálise, no que concerne a sua inserção no meio universitário e científico, tivemos que nos reportar ao Freud acadêmico de Medicina e dedicado cientista. Tal investigação, nos fez deparar com valiosíssimos fatos, “divisores de água” da concepção da transmissão psicanalítica, tais como a criação da *Sociedade das Quartas-Feiras* e posteriormente a *International Psychoanalytical Association* (IPA), instituições que se configuraram estruturantes e determinantes no desenvolvimento da Psicanálise. Neste sentido, relacionamos o desejo de saber em Freud presente em toda a trajetória do movimento psicanalítico até a constituição da Psicanálise enquanto um saber.

Com Lacan, pudemos acompanhar o que ele concebia como transmissão psicanalítica e compreender o percurso de um ensino que revolucionou a transmissão da Psicanálise desde seu retorno a Freud, o que possibilitou avançar na teoria sem perder o *leitmotiv* dos fundamentos teóricos da teoria do inconsciente.

Acompanhamos os motivos que levaram Lacan a romper com a IPA e a formular um novo estilo de transmissão e formação em Psicanálise com a criação da Escola. Com a criação da *École Freudienne de Paris* (EFP) e a propagação de seu ensino, Lacan promove a criação de departamentos de Psicanálise dentro das Universidades da França.

Lacan (1969-1970) retoma os textos freudianos pelo *avesso* e para isso elabora a teoria sobre a produção dos quatro discursos (*do mestre, da histérica, do analista e do universitário*) no Seminário 17 - *O avesso da Psicanálise*. Com arrimo na teoria dos discursos, Lacan pôde desenvolver com base no *discurso do analista*, a possibilidade de se trabalhar com o giro dos discursos, no intuito de promover o ensino da Psicanálise na Escola com suporte no discurso da histérica. Conforme explicita Lacan (1970) na *Alocução sobre o ensino*, o referido ensino se daria quando o psicanalista, no ensino da teoria psicanalítica, se apropriasse do giro dos discursos, mais precisamente do dispositivo do *ensinante* para transmitir um saber advertido do furo no *outro / Outro*, isto é, da existência de um saber “não-todo”.

Foi seguindo os preceitos lacanianos deste ensino no interior das instituições psicanalíticas, baseada nos fundamentos de uma Escola de Lacan, que pudemos acreditar na possibilidade de também aplicar o ensino da teoria psicanalítica na universidade. Nosso propósito foi o de demonstrar que o psicanalista / professor também pode se apropriar do giro nos discursos e se utilizar do dispositivo do *ensinante* na supervisão, com o intento de fazer o aluno / estagiário produzir um saber mais próximo do saber da Psicanálise.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, S. *Crepúsculo da Alma: a psicologia no século XIX*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

_____. Psicanálise: a última flor da medicina. In: ALBERTI, S & ELIA, L. (Org.). *Clínica e pesquisa em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000.

_____. Psicanálise e universidade e a instauração de discursividades. In: RINALDI, D. & JORGE, M. A. C. (Org.). *Saber, Verdade e Gozo: Leituras de O Seminário, Livro 17, de Jaques Lacan*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

_____. Transferência de Trabalho e Universidade. *Revista de Psicologia da USP*, São Paulo, Ano XIV, Nº 144, Abril de 2004. P. (55-70).

_____. *Universidade, Psicanálise e a Clínica*. In: Anais do Congresso de Psicopatologia Fundamental, Rio de Janeiro, 2006. (Disponível em: www.fundamentalpsychopatholy.org/anais2006. Acesso em: 03 de fev. de 2007).

AGUIAR, F. Psicanálise e Universidade: as relações entre a psicologia clínica e psicanálise na França. *Estudos em Psicologia*. Natal, V. 5, Nº 12. (Disponível em: www.scielo.br/scielo. Acesso em: 09 de abr. de 2008).

AMIGO, S. Notas sobre o discurso do analista. In: VEGH, I. (Org.) *Os Discursos e a Cura*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.

ANTUNES, M. A. M. (Org.) *História da Psicologia no Brasil: primeiros ensaios*. Rio de Janeiro: EdUERJ/Conselho Federal de Psicologia, 2004.

ARAÚJO, E. M. A transmissão da Psicanálise no Percurso de um Psicanalista In: *IV Jornada do Suposto - Associação Psicanalítica: a formação do analista*. Fortaleza, set. de 2006 (mimeo).

_____. O saber da Psicanálise: O que é possível ser transmitido na *Universidade* In: III CONGRESSO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E IX CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL. *Anais do III Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e IX Congresso de psicopatologia Fundamental – Pathos: Violência e Poder*. Niterói, set. de 2008. (Disponível em: <http://www.psicopatologiafundamental.org/?s=90&c=561>. Acesso em: fev. de 2009).

ARAÚJO, E. M. A Inserção da Psicanálise nos cursos de Psicologia no Brasil. XXVII ENCONTRO DE INICIAÇÃO A PESQUISA E I ENCONTRO DE PESQUISA DE PÓS – GRADUAÇÃO. In: *ANAIS DO XXVII ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E I ENCONTRO DE PESQUISA DE PÓS-GRADUAÇÃO da UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC*. Fortaleza, set. de 2008.

_____. A universidade enquanto campo fértil para a pesquisa em psicanálise. In: *I Colóquio Internacional de Psicanálise da Universidade Federal do Ceará (UFC): Lei, Poder, Violência e Supereu*. Fortaleza, set. de 2008. (mimeo).

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS *NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração*. Rio de Janeiro, 2002.

BASTIN, P. In: *LETRA FREUDIANA. A Função dos Cartéis. Revista Letra Freudiana – Escola, Psicanálise e Transmissão*. ANO I, Nº. 0. Rio de Janeiro: 1975.

BARROS, I. M. M. Saber e conhecimento: hiância e articulações. In: *Revista Letra Freudiana – Escola, Psicanálise e Transmissão (Hans Nº 4)*, Ano XVII, Nº 23. Rio de Janeiro: 1998.

BEIVIDAS, W. *Inconsciente et verbum: psicanálise, semiótica, ciência, estrutura*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

_____. (Org.) *Psicanálise, Pesquisa e Universidade*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

BELISÁRIO, M. A. A instituição Psicanalítica e o Mal-Estar In: ALEFH. *Psicanálise, Transmissão e Causa. Revista Transfinitos*. ANO I, Nº 0. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

BLANC, D. O mestre castrado In: RINALDI, D. & COUTINHO JORGE, M. A. (Org.) *Saber, Verdade e Gozo: Leituras de O Seminário, Livro 17, de Jaques Lacan*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

BOTVINIK, G. In: *LETRA FREUDIANA. A Função dos Cartéis. Revista Letra Freudiana – Escola, Psicanálise e Transmissão*. ANO I, Nº 0. Rio de Janeiro: 1975.

BRAGA, R. A rebelião estudantil: para além do espetáculo. In: *Cult - revista brasileira de cultura*. São Paulo, Ano XI, Nº 126, Jul. de 2008.

BRAUER, J. F. Algumas *Reflexões Sobre o Tema: O Ensino da Psicanálise na Universidade*. *Revista de Psicologia da USP*, São Paulo, V. XII, Nº 02, 2001. (Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 10 de abr. de 2008).

BUENO, A. de F. V. Do mito individual ao mito do neurótico. In: RINALDI, D. & COUTINHO JORGE, M. A. (Org.). *Saber, Verdade e Gozo: Leituras de O Seminário*, Livro 17, de Jaques Lacan. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

CABRAL, N. de M. A noção de estrutura em psicanálise. In: ALBERTI, S & ELIA, L. (Org.). *Clínica e pesquisa em psicanálise*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000.

_____. Lacan e o objeto *a*: uma articulação entre psicanálise e matemática. In: RINALDI, D. & COUTINHO JORGE, M. A. (Org.). *Saber, Verdade e Gozo: Leituras de O Seminário*, Livro 17, de Jaques Lacan. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

CASTRO, J. E. *Consequências Éticas da Teoria Lacaniana dos Discursos no Ensino da Psicanálise*. 2006. 174 f. Tese (Doutoramento) - Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

_____. O ensino de Lacan e a ética da Psicanálise. In: LO BIANCO, A, C. (Org.). *Freud não explica: a psicanálise nas universidades*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.

CHEMAMA, R. (Org.). *Dicionário de Psicanálise*. Trad. de Francisco Franke Settinieri. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

COELHO, C. M. S. Psicanálise e laço social: uma leitura do Seminário 17. In: *Mental*. [online]. Jun. de 2006, V. IV, Nº 06, 24 de mar. de 2008. (Disponível em: <http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo>. Acesso em: 18 de mar. de 2008).

CORRÊA, I. *Da Tropologia à Topologia: escrituras lacanianas*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

COUTINHO JORGE, M, A. (Org.) *A influência de Lacan na Psicanálise brasileira*. Artigo sobre trabalho apresentado no Colóquio “Lacan, psychanalyste”. Organizado pelo Mouvement Du Coût Freudien, Paris, 1999.

_____. Aprender a aprender. Lacan e a supervisão do psicanalista In: COUTINHO JORGE (Org.) *Lacan e a formação do psicanalista*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.

_____. Discurso e liame social: apontamentos sobre a teoria lacaniana dos quatro discursos. In: RINALDI, D. & JORGE, M. A. C. (Org.) *Saber, Verdade e Gozo: Leituras de O*

Seminário, Livro 17, de Jaques Lacan. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

COUTINHO JORGE, M. A. & FERREIRA, N. P. A peste e o sexual. In: *Freud: o criador da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CUVILLIER, A. *Vocabulário de Filosofia*. Lisboa: Livros Horizonte, 1996.

D'AGORD, M. A negação lógica e a lógica do sujeito. In: *Ágora*. Rio de Janeiro, V. IX, Nº 02. dez. de 2006. (Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 13 de Jan. de 2009).

DANZIATO, J. L. Contextualização histórica do movimento psicanalítico. In: *A Fortaleza da Psicanálise: A História da Psicanálise em Fortaleza*. Rio de Janeiro: Relume - Dumará, 2000.

_____. História da psicanálise em Fortaleza. In: *A Fortaleza da Psicanálise: A História da Psicanálise em Fortaleza*. Rio de Janeiro: Relume - Dumará, 2000.

_____. *O Saber e a Verdade na Psicanálise e na Universidade*. Transcrição do Trabalho apresentado na IV Jornada do Suposto - Associação Psicanalítica. Fortaleza, set. de 2006.

DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DE PSICANÁLISE: *O legado de Freud e Lacan*. Editado por Pierre Kaufmann. Trad. de Vera Ribeiro e Maria Luiza X. A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO KOOGAN LAROUSSE. Rio de Janeiro: 1978.

DOR, J. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Trad. de Carlos Eduardo Reis. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ESCARS, C. O leitor suposto. Elementos para pensar a transmissão da psicanálise na universidade. In: LO BIANCO, A, C. (Org.) *Freud não explica: A Psicanálise nas universidades*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.

_____. Psicanálise e universidade: perspectivas. In: *Revista de Psicologia da USP*. São Paulo, V. XII, Nº 02, 2001. (Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 24 de mar. de 2008).

FALADÉ, S. In: LETRA FREUDIANA. A Função dos Cartéis. *Revista Letra Freudiana* –

Escola, Psicanálise e Transmissão. Ano I, Nº 0. Rio de Janeiro: 1987.

FERREIRA, A. B. H. *Dicionário Aurélio Eletrônico*. (1984). V. XIV. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

FERREIRA, A, P. Psicanálise e Universidade: uma Inclusão Possível? In: *Anais do Congresso de Psicopatologia Fundamental*, Rio de Janeiro, 2006. (Disponível em: www.fundamentalpsychopatholy.org/anais2006/4. Acesso em: 05 de fev. de 2008).

FLESLER, A. O discurso da histérica. In: VEGH, I. (Org.) *Os Discursos e a Cura*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.

FONTENELE, L. B. Caminhos e descaminhos da supervisão na psicanálise. In: COUTINHO JORGE, M. A. (Org.) *Lacan e a formação do psicanalista*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.

FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Trad. de José A. Bragança de Miranda e Antônio Fernando Cascais. Lisboa: Vega, 1995.

FRICHE, M. A. Cartel: órgão de base com estrutura borromeana. In: *Jornada Inter-Cartéis do Aleph – Escola de Psicanálise: Cartel – órgão de base da escola?* Belo Horizonte, 2008. (mimeo).

_____. Descubram por si mesmos. In: *Revista Transfinitos - transmissão: clínica e passe*. Ano. VII, Nº 07. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

FREUD, S. A Questão da Transmissão em Psicanálise. In: A ANÁLISE É LEIGA: Da Formação do psicanalista. *Revista Letra Freudiana – Escola, Psicanálise e Transmissão*. Ano XXII, Nº32. Rio de Janeiro: 2003.

_____. Cinco Lições de Psicanálise (1909 [1910]). *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, V. XI (1910)*. Trad. do alemão e do inglês sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. O Inconsciente (1915). *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, V. XIV (1915)*. Trad. do alemão e do inglês sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. Conferências Introdutórias Sobre a Psicanálise (1916-1917 [1915-1917]). *Edição*

Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, V. XV (1915-1916). Trad. do alemão e do inglês sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, S. Uma Dificuldade no Caminho da Psicanálise (1917). *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XVII (1917-1919)*. Trad. do alemão e do inglês sob direção geral de Jayme Salomão Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. Sobre o Ensino da Psicanálise na Universidade (1919 [1918]). *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, V. XVII. (1917-1919)*. Trad. do alemão e do inglês sob direção geral de Jayme Salomão Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. Psicologia de Grupo de Análise do Ego (1921). *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, V. XVIII. (1920-1922)*. Trad. do alemão e do inglês sob direção geral de Jayme Salomão Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. Por Ocasão da Inauguração da Universidade Hebraica (1925). *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, V. XIX (1923-1925)*. Trad. do alemão e do inglês sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. Um Estudo Autobiográfico (1925 [1924]) *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, V. XX (1925-1926)*. Trad. do alemão e do inglês sob direção geral de Jayme Salomão Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. Inibições, Sintomas e Ansiedade (1926-1925) *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, V. XX (1925-1926)*. Trad. do alemão e do inglês sob direção geral de Jayme Salomão Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. A Questão da Análise Leiga: Conversações com uma Pessoa Imparcial (1926) *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, V. XX (1925-1926)*. Trad. do alemão e do inglês sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. O Dr. Reik e o Problema do Charlatanismo. Uma Carta à Neue Freie Presse (1926) *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, V. XXI (1925-1926)*. Trad. do alemão e do inglês sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. O Mal-Estar na Civilização (1930 [1929]) *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, V. XXI (1927-1931)*. Trad. do alemão e do inglês sob direção geral de Jayme Salomão Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. Prefácio a Ten Yans of the Berlin Pchycho-Analytic Institute (1930) *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, V. XXI (1927-1931)*. Trad. do alemão e do inglês sob direção geral de Jayme Salomão Rio de Janeiro: Imago, 1980.

GAY, P. *Freud: uma vida para nosso tempo. Uma ânsia de conhecimento*. In: *Freud: uma vida para nosso tempo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

GROSSO, M. Pensar La Universidad In *Psicoanalisis y Cultura*. Nº 01. Argentina: Biblioteca Causa Freudiana, 1992.

INFOESCOLA. (Disponível em: <http://www.infoescola.co/psicologia/Michel-foucault/>. Acesso em: 21 de fev. de 2009).

INFOPÉDIA: ENCICLOPÉDIA E DICIONÁRIOS PORTO EDITORA. (Disponível em: [http://www.infopedia.pt/\\$didier-anzieu](http://www.infopedia.pt/$didier-anzieu). Acesso em: 03 mar. de 2009).

KESSLER, C. H. *A supervisão na clínica-escola: o ato no limite do discurso*. 2009. 140 f. Tese (Doutoramento) – Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise (1953). In: *Escritos*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. Discurso de Roma (1953). In: *Outros Escritos*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. A coisa freudiana ou sentido do retorno a Freud em Psicanálise (1955). In: *Escritos*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *O Seminário Livro – 3: As psicoses (1955-1956)*. Trad. de Aluisio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. Situação da Psicanálise e formação do psicanalista em 1956 (1956). In: *Escritos*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *O Seminário Livro – 5: As formações do inconsciente (1957-1958)*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. A psicanálise e seu ensino (1957). In: *Escritos*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960). In: *Escritos*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *O Seminário Livro – 9: A identificação* (1961-1962). Publicação interna da Association Freudienne Internationale. Trad. do Centro de Estudos freudianos CEF. Recife: Centro de Estudos Freudianos, 2003.

_____. *O Seminário Livro – 10: A angústia* (1962-1963). Trad. de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *O Seminário – Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* (1964). Trad. de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. De nossos antecedentes (1966). In: *Escritos*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. Ato de Fundação (1967). In: *Outros escritos*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. Proposição de 9 de Outubro de 1967 Sobre o psicanalista da escola (1967). In: *Outros Escritos*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *D'um Autre à L'autre* (1968-1969). In: Versão em português, “Documento de trabalho” do centro de estudos freudianos do Recife, 1997.

_____. *O Seminário – Livro 16: De um Outro ao outro* (1968-1969). Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. Pronunciamento na Escola (1969). In: *Outros escritos*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *O Seminário – Livro 17: O avesso da Psicanálise* (1969-1870). Trad. de Ary Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. Alocução sobre o ensino (1970). In: *Outros escritos*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. Radiofonia (1970). In: *Outros Escritos*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge

Zahar, 2003.

LACAN, J. Discurso na Escola Freudiana de Paris (1970). In: *Outros Escritos*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *Le savoir du Psychanalyste*. (1971-1972) Conferências inéditas. Versão em português, “Documento de trabalho” do Centro de Estudos Freudianos do Recife, 1997.

_____. Introdução à edição alemã do primeiro volume dos Escritos (1973). In: *Outros Escritos*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. Talvez em Vincennes (1975). In: *Outros Escritos* Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. Carta de dissolução (1980). In: *Outros Escritos*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. Ato de Fundação da Escola Freudiana de Paris. *Revista Letra Freudiana – Escola, Psicanálise e Transmissão*. Ano I, Nº 0. Rio de Janeiro: 1987.

_____. A Função dos Cartéis. *Revista Letra Freudiana – Escola, Psicanálise e Transmissão*. Ano I, Nº 0. Rio de Janeiro: 1987.

_____. Da formação do psicanalista. *Revista Letra Freudiana – Escola, Psicanálise e Transmissão*. Ano XX, Nº32. Rio de Janeiro: 2003.

LAPLANCHE & PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. Trad. de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LAGE, S. F. L. *Dilthey e Freud: A psicanálise frente à epistemologia das ciências do espírito*. 2003. 130 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação Clínica do Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2003.

LIMA, M de M. A dialética hegeliana e o discurso de Lacan. O paradigma do gozo discursivo In: RINALDI, D. & COUTINHO JORGE, M. A. (Org.) *Saber, Verdade e Gozo: Leituras de O seminário, Livro 17, de Jaques Lacan*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

LODI, M. I. O desejo no Cogito: a psicanálise continua? In: ALEFH. *Psicanálise*,

Transmissão e Causa. *Revista Transfinitos*. Ano I, Nº 0. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LUSTOSA, P. *A pesquisa em Psicanálise, entre a técnica, a extensão e a intensão*. 2º Encontro Mundial dos Estados Gerais da Psicanálise. Rio de Janeiro, 2003. (Disponível em: http://www.estadosgerais.org/mundial_rj/download/3e_Lustosa. Acesso em: nov. 2007).

_____. A supervisão em Psicanálise na Universidade ou um percurso de escuta e escrita. In: *IV Jornada do Suposto- Associação Psicanalítica: a formação do analista*. Fortaleza, set. de 2006.

_____. *Por uma pesquisa clínica em Psicanálise*. Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Psicologia da UFC, 2004. (mimeo)

MARTIN, P. In: ESCOLA LETRA FREUDIANA. A Função dos Cartéis. *Revista Letra Freudiana – Escola, Psicanálise e Transmissão*. Ano I, Nº 0. Rio de Janeiro: 1975.

MARTINHO, M. H. C. Que Lugar para o Sujeito na Escola? In: RINALDI, D. & JORGE, M. A. C. (Org.) *Saber, Verdade e Gozo: Leituras de O Seminário*, Livro 17, de Jaques Lacan. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

MAURANO, D. Um estranho no ninho ou a Psicanálise na universidade. In: COUTINHO JORGE, M. A. (Org.) *Lacan e a formação do psicanalista*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.

MELHORAMENTOS. *DICIONÁRIO: LÍNGUA PORTUGUESA*. São Paulo: Melhoramentos, 2006.

MELO, A.C. (Org.) *Normas para apresentação de trabalhos acadêmicos da Universidade Federal do Ceará*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2007.

MEZAN, R. Pode-se Ensinar Psicanaliticamente a Psicanálise? In: *A Vingança da Esfinge: Ensaios de Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. Que significa “pesquisa” em Psicanálise? In: SILVA, M. E. L. (Org.) *Investigação e Psicanálise*. Campinas: Papyrus, 1993.

NANCLARES, A. B. M. Discurso universitário. In: VEGH, I. (Org.) *Os Discursos e a Cura*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.

NASIO, J. D. *Cinco Lições sobre a Teoria de Jacques Lacan*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. In: ESCOLA LETRA FREUDIANA. A Função dos Cartéis. *Revista Letra Freudiana – Escola, Psicanálise e Transmissão*. Ano I - Nº 0. Rio de Janeiro: 1975.

NICOLAU, R. F. Psicanálise e universidade: supervisão e transmissão. In: *IV Jornada do Suposto - Associação Psicanalítica: a formação do analista*. Fortaleza, set. de 2006.

NICOLAU, R. F. & ALBERTI, S. Transmissão na universidade, saber e desejo do analista. *Pulsional Revista de Psicanálise*. São Paulo, Ano XXII, Nº 2, P. 98-109, jun. 2009.

OLIVEIRA, G. F. T. & BARROS R, M, M. Efeitos Psicanalíticos da Supervisão na Universidade. In: *A Análise é Leiga: Da Formação do Analista*. Revista Letra Freudiana – Escola, Psicanálise e Transmissão. Ano XXII, Nº32. Rio de Janeiro: 2003.

PENNA, L. M. D. *Psicanálise e Universidade: Há Transmissão sem Clínica?* Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. Transmissão: Entre a Verdade e o Saber. In: ALEFH. Psicanálise, Transmissão e Causa. *Revista Transfinitos*. Ano III, Nº 02. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PINTO, E, B. & VAISBERG, T, M, J, A. Psicanálise e Universidade: Perspectivas. *Revista de Psicologia da USP*, São Paulo, V. XII, Nº 02, 2001. (Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642001000200016&script=sci_arttext&tlng. Acesso em: 24 de março de 2008).

PINTO, J. M. Psicanálise e universidade: mais, ainda. In: LO BIANCO, A, C. (Org.) *Freud Não Explica: A Psicanálise nas Universidades*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.

RABINOVICH, S. In: ESCOLA LETRA FREUDIANA. A Função dos Cartéis. *Revista Letra Freudiana – Escola, Psicanálise e Transmissão*. Ano I, Nº 0. Rio de Janeiro: 1975.

RIBEIRO, M. A. C. *O Ensino da Psicanálise Segundo Jacques Lacan*. Rio de Janeiro, 2005. (Disponível em: <http://www.gradiva.com.br/site/ccripts/manitaa>. Acesso em: 13 de nov. 2007).

RINALDI, D. & COUTINHO JORGE, M. A. (Org.) *Saber, Verdade e Gozo: Leituras de O Seminário, Livro 17, de Jaques Lacan*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

RODRIGUES, A. P. Discurso Universitário: uma lógica de ‘a’ – estudados. In: III CONGRESSO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E IX CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL. *Anais do III Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e IX Congresso de psicopatologia Fundamental – Pathos: Violência e Poder*. Niterói, set. de 2008. (Disponível em: <http://www.psicopatologiafundamental.org/?s=90&c=561>. Acesso em: 02 de fev. de 2009).

RODRIGUES, S. C. Ensino Universitário da Psicanálise no Brasil. In: *Anais do 2º Encontro Sobre o Ensino da Psicanálise da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia*. Lisboa, jun. de 2005. (Disponível em: http://afreudite.ulusofona.pt/arquivo/afreudite_2/encontro/index.htm. Acesso em: 24 de mar. de 2007).

ROSA, M. D. PSICANÁLISE NA UNIVERSIDADE: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE PSICANÁLISE NOS CURSOS DE PSICOLOGIA. *Revista de Psicologia da USP*, São Paulo, V. XII, Nº 2, 2001. (Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642001000200016&script=sci_arttext&tlng. Acesso em: 24 de mar. de 2007).

ROUDINESCO, E. *História da psicanálise na França: a batalha dos cem anos*. V. II. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

ROUDINESCO, E. & PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ROUSCHEL, V. R. G. *A situação da supervisão psicanalítica de tratamento como escuta infinita*. 141 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SÁ, I. X. F. *A função pública da Psicanálise*. 200 f. Tese (Doutoramento) – Programa de Pós – Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

SAFRA, G. Investigação em Psicanálise na universidade. *Revista de Psicologia da USP*. São Paulo V. XII, Nº 2, 2001. (Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642001000200014&script=sci_arttext. Acesso em: 24 de março de 2007).

SAFOUAN, M. *Jaques Lacan e a Formação do Analista*. Trad. de Leda M. V. Fischer. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

_____. Respostas a algumas questões relativas à supervisão. In: BEIVIDAS, W. (Org.)

Psicanálise, Pesquisa e Universidade. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

SALLES, A. C. T. & COIMBRA, M. L. S. A análise leiga e a ética da Psicanálise. *Revista Reverso*. set. de 2006, V. XXVIII, Nº 53, P. 17-21. (Disponível em: http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid. Acesso em: 16. de abr. de 2009).

SANTOS, C. I. C. & BRASIL, E. M. D. *Elaboração de Trabalhos Técnico-Científicos*. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, 2006.

SANTOS, T. C. A ciência e a verdade na formação do psicanalista lacaniano. *Revista Psicoanálisis y Cultura*. Nº XXII, 2005. (Disponível em: www.acheronta.com.org. Acesso em: 02 dez. 2008).

_____. Do saber suposto ao saber exposto: a experiência analítica e a investigação em psicanálise. In: BEIVIDAS, W. (Org.) *Psicanálise, Pesquisa e Universidade*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

SANTOS, F. B. O que é a Escola? *Revista Letra Freudiana – Escola, Psicanálise e Transmissão*. Ano XXV – Nº 000. Rio de Janeiro: 2006.

SARAIVA, L. A. NUNES, M. L. T. A supervisão na formação do analista e do psicoterapeuta psicanalítico. *Estudos de Psicologia* (Natal), Natal, V. XII, Nº 3, P. 259-268. dez. de 2007. (Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413294X2007000300008&lng=en&nrm=isso. Acesso em: 03 de mar. de 2009).

SBANO, V. In: LO BIANCO, A, C. (Org.) *Freud Não Explica: A Psicanálise nas Universidades*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.

SCOTTI, S. Psicanálise, universidade e capital intelectual. *Revista Ciência e Profissão*, Brasília, V. XXVI, Nº 3, set. 2006. (Disponível em: http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000300008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 05 de fevereiro de 2008).

SOUSA, A. *Os Discursos na Psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

SOUZA, O. Psicanálise e Universidade: Ensino. *Revista de Psicologia da USP*, São Paulo, V. XII, Nº 2, 2001. (Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642001000200015&script=sci_arttext. Acesso em: 10 abr. 2008).

SPEEDYLOOK. SPEEDLOOK-ENCICLÓPEDIA DIGITAL. (Disponível em: http://www.speedylook.com/White_reverchon.html. Acesso em: 15 de fev.2009).

VIDAL, E. A Análise Leiga, Uma Questão Crucial para a Psicanálise In: Letra Freudiana. A Análise é Leiga: Da Formação do Psicanalista. *Revista Letra Freudiana – Escola, Psicanálise e Transmissão*. Ano XXII, Nº 32. Rio de Janeiro: 2003.

VEGH, I. (Org.) *Os Discursos e a Cura*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.

WAINSZTEIN, S. O discurso do Mestre. In: VEGH, I. (Org.) *Os Discursos e a Cura*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.

WEILL, A, D. In: LETRA FREUDIANA. A Função dos Cartéis. *Revista Letra Freudiana – Escola, Psicanálise e Transmissão*. Ano I, Nº 0. Rio de Janeiro: 1975.

WIKIPÉDIA: A ENCICLOPÉDIA LIVRE. (Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki>. Acesso em: 2007, 2008 e 2009).